

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA  
MESTRADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

CAROLINA AMORIM ZANELATO

**JÁ VEJO *ELE* NOS QUADRINHOS:** UMA ANÁLISE EM TEMPO REAL  
DA VARIAÇÃO DO OBJETO DIRETO ANAFÓRICO DE TERCEIRA  
PESSOA EM REVISTAS DA TURMA DA MÔNICA

VITÓRIA  
2021

CAROLINA AMORIM ZANELATO

**JÁ VEJO *ELE* NOS QUADRINHOS: UMA ANÁLISE EM TEMPO REAL DA  
VARIAÇÃO DO OBJETO DIRETO ANAFÓRICO DE TERCEIRA PESSOA EM  
REVISTAS DA TURMA DA MÔNICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lilian Coutinho Yacovenco

VITÓRIA

2021

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

---

Z28j      Zanellato, Carolina Amorim, 1996-  
Já vejo ELE nos quadrinhos : uma análise em tempo real da variação do objeto direto anafórico de terceira pessoa em revistas da Turma da Mônica / Carolina Amorim Zanellato. - 2021.  
174 f. : il.

Orientadora: Lilian Coutinho Yacovenco.  
Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Sociolinguística. 2. Língua portuguesa - Variação. 3. Histórias em quadrinhos. I. Yacovenco, Lilian Coutinho. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 80

---

## **Carolina Amorim Zanellato**

“JÁ VEJO *ELE* NOS QUADRINHOS: UMA ANÁLISE EM TEMPO REAL DA VARIAÇÃO DO OBJETO DIRETO ANAFÓRICO DE TERCEIRA PESSOA EM REVISTAS DA TURMA DA MÔNICA.”.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Estudos Linguísticos.

Aprovada em 29 de abril de 2021.

### **Comissão Examinadora:**

**Profª Drª Lilian Coutinho Yacovenco (UFES)**  
Orientadora e Presidente da Comissão Examinadora

Profª Drª Lilian Coutinho Yacovenco  
Por **Profª. Drª. Christina Abreu Gomes (UFRJ)**  
Examinadora Externa

**Profª. Drª. Leila Maria Tesch (UFES)**  
Examinadora Externa



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

**PROTOCOLO DE ASSINATURA**



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por  
LILIAN COUTINHO YACOVENCO - SIAPE 297946  
Departamento de Linguas e Letras - DLL/CCHN  
Em 02/05/2021 às 17:26

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:  
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/181989?tipoArquivo=O>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

**PROTOCOLO DE ASSINATURA**



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por  
LEILA MARIA TESCH - SIAPE 2859620  
Departamento de Linguas e Letras - DLL/CCHN  
Em 03/05/2021 às 08:29

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:  
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/182074?tipoArquivo=O>

Às minhas avós, Assunpta e Isis, à minha mãe Rosimery e à minha irmã Nathália, mulheres que sempre me inspiraram e que me trouxeram até aqui.

## AGRADECIMENTOS

Chego a essa parte da minha dissertação em lágrimas. Julgo-a tão importante quanto os resultados que apresento, já que são as pessoas aqui mencionadas que me guiaram até esse momento.

Escrever um trabalho como esse nunca vai ser fácil, independente de qualquer conjuntura. Na que estamos – pandemia, negacionismo, fascismo em alta –, é uma grande prova de resiliência. Portanto, começo agradecendo a todos os pesquisadores e pesquisadoras do Brasil. Obrigada por ainda fazerem ciência! Por não terem desistido em tempos tão hostis! Desejo esperança para que continuem firmes no trabalho! Melhorará!

Ao Deus vivo. “Ebenézer: até aqui nos ajudou o Senhor!” (I Samuel 7:12).

À minha mãezinha, Rosimery, por ser a mulher mais forte do mundo e por não ter desistido nunca. Sou quem eu sou porque sou filha dela. Ao meu pai, Adilson, que em meio a tantas batalhas, sempre foi presente e me amparou em momentos cruciais. Amo vocês de todo o meu coração!

À minha irmã, Nathália, pessoa mais zelosa com os seus que eu conheço. Nunca mediu esforços para proteger quem ama. Em nenhum momento da minha vida eu me senti desamparada porque sempre a tive. Ao meu cunhado, Felipe, por ser um cara tão legal e me ensinar sempre o real significado da palavra família. E ao Arthurzinho, meu sobrinho amado, luz da minha vida, que nasceu na metade da execução desse trabalho e me deu coragem para prosseguir e finalizá-lo, mesmo ainda não entendendo nada sobre o mundo.

Às minhas avós. Vovó Isis, lá do Céu, está torcendo muito por mim, tenho certeza. E vovó Assunpta, meu norte-sul-leste-oeste, maior sorte que eu dei nessa vida! Esse trabalho é todo para você! Obrigada por sempre me incentivar em tudo. Aos meus familiares, tios, tias, primos e primas, obrigada por terem me dado todas as condições físicas, materiais e espirituais para que eu enfrentasse essa etapa – e também a vida.

À Luisa, Luisa Helena, João Victor e Yvena, amigos que me dão a certeza que a eternidade existe sim.



À família que a PIBCG me deu: Natália, Thiago, André, Guilherme, Laís, Cornélio, Nil, Karla, Lionel, Venara e nossos mascotinhos, Bento e Miguel, por terem me dado tanto apoio nesse momento de tantas transformações na minha vida e por terem entendido minha ausência sempre que foi preciso.

Às minhas “bonitas mágicas”, mulheres maravilhosas que me ensinam tanto sobre luta e resistência.

À Lilian Coutinho Yacovenco, minha querida orientadora, que está comigo desde a Iniciação Científica e me dá um superexemplo de humanidade e competência dentro da academia. Obrigada por todas as valorosas contribuições para a minha vida acadêmica e pessoal.

Às professoras Leila Tesch e Marta Scherre, com quem aprendi e continuo aprendendo a Sociolinguística Variacionista. Obrigada por serem tão atentas nas leituras dos meus textos e para tirar minhas dúvidas. Aos demais professores do PPGEL-UFES, obrigada pelos ensinamentos e por marcarem minha trajetória até aqui.

À Prof.<sup>a</sup> Christina Abreu, por sua paciência e valorosas contribuições ao meu trabalho e por ter aceitado os convites para as bancas.

Aos meus amigos do PortVix, em especial a Juliana, Frederico, Tarsila, Ednaildes, Caroliny, Aline e Karina. Digo e repito: sem vocês, eu não conseguiria fazer pesquisa. Obrigada por terem dividido as dores e as delícias da pós-graduação comigo.

Ao Artur, meu amor. Obrigada por ser meu apoio em momentos que eu achei que não fosse dar conta e por ter sido tão compreensivo comigo nesses dois anos de mestrado.

À FAPES, pela ajuda financeira.



## RESUMO

Para a Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]), a língua é um sistema heterogêneo, sendo a variação inerente ao sistema. Omena (1978), ao estudar o preenchimento do objeto direto anafórico de terceira pessoa, constatou a diminuição do pronome clítico e o aumento da categoria vazia, além de ocorrências de pronomes do caso reto. Já Duarte (1986) observou que, para além dessas variantes, há também o aumento de sintagmas nominais anafóricos nessa função. Partindo desses resultados, o presente trabalho pretende investigar como se dá a variação do objeto direto anafórico de terceira pessoa em revistas da Turma da Mônica. Considera-se importante o estudo das histórias em quadrinhos, pois são um gênero discursivo próximo à oralidade, em que narrativas ocorrem, frequentemente, por meio de diálogos entre os personagens. Para esse fim, valemo-nos do construto metodológico do tempo real e analisamos em diferentes diacronias, desde 1970, data inicial da publicação, até a década de 2010. Nossos resultados corroboram os das pesquisas anteriormente citadas: há uma queda significativa no uso de clítico – cuja frequência em 1970 era de 54,5% e passa para 2,5% em 2010 –, o aparecimento do pronome lexical, que ocorreu somente 3 vezes em 1970 e passa a 15,7% do total de dados na última sincronia analisada, além do aumento da categoria vazia e do sintagma nominal, essa última a variante mais presente em nosso *corpus*. Concluímos, dessa forma, que o preenchimento do objeto anafórico nas revistas da Turma da Mônica assemelha-se aos resultados encontrados por outros pesquisadores no PB, havendo substituição do pronome clítico por outras estratégias, sendo algumas variáveis imprescindíveis para a escolha das formas, como a distância entre o referente e o conseqüente, a animacidade do antecedente e a estrutura sintática da sentença, além do ano de publicação da história em quadrinhos.

**Palavras-chaves:** Sociolinguística Variacionista; objeto direto anafórico; Turma da Mônica.

## ABSTRACT

For Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2008 [1972]), language is a heterogeneous system, being a variation inherent to the system. Omena (1978), when studying the filling of the anaphoric direct object of third person, observed a decrease in the clitic pronoun and an increase in the empty category, in addition to occurrences of pronouns in the straight case. Duarte (1986) observed that, besides to these variants, there is also an increase in anaphoric noun phrases in this function. Based on these results, the present work intends to investigate how the variation of the direct anaphoric object of third person occurs in magazines of Turma da Mônica. The study of comic books is considered important, as they are a discursive genre close to orality, in which narratives often occur through dialogues between the characters. To that end, we used the methodological construct of real time and analyzed it in different diachronies, since 1970, the initial date of publication, until the decade of 2010. Our results corroborate those of the previously mentioned researches: there is a low drop in the use of clitic – whose frequency in 1970 was 54.5% and changes to 2.5% in 2010 – the appearance of the lexical pronoun, which occurred only 3 times in 1970 and accounts for 15.7% of the total data in the last analyzed synchrony, in addition to the increase in the empty category and the noun phrase, the latter is the most common variant in our *corpus*. There is conclusion, therefore, that the filling of the anaphoric object in the magazines of Turma da Mônica is similar to the results found by other researchers in PB, with the substitution of the clitic pronoun by other strategies, with some essential variables for the choice of forms, such as the distance between the referent and the consequent, the animacy of the antecedent and the syntactic structure of the sentence, in addition to the year of publication of the comic strip.

**Keyword:** Variationist Sociolinguistics; anaphoric direct object; Turma da Mônica.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Exemplo de clítico acusativo como objeto direto anafórico no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	30
FIGURA 2 - Exemplo de pronome lexical como objeto direto anafórico no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	31
FIGURA 3 - Exemplo de categoria vazia como objeto direto anafórico no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	31
FIGURA 4 - Exemplo de sintagma nominal idêntico como objeto direto anafórico no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	31
FIGURA 5 - Exemplo de sintagma nominal parcialmente modificado como objeto direto anafórico no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	32
FIGURA 6 - Exemplo de sintagma nominal totalmente modificado como objeto direto anafórico no corpus de revistas da Turma da Mônica.....	32
FIGURA 7 - Exemplo de pronome demonstrativo como objeto direto anafórico no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	33
FIGURA 8 - O falar culto do Chico Bento em 1973 .....	71
FIGURA 9 - Exemplo de antecedente [+animado +humano] no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	79
FIGURA 10 - Exemplo de antecedente [+animado -humano] no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	79
FIGURA 11 - Exemplo de antecedente [-animado -humano] no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	80
FIGURA 12 - Exemplo de antecedente [+específico] no corpus de revistas da Turma da Mônica.....	81
FIGURA 13 - Exemplo de antecedente [-específico] no corpus de revistas da Turma da Mônica.....	81
FIGURA 14 - Exemplo de antecedente [+/-específico] no corpus de revistas da Turma da Mônica.....	82

FIGURA 15 - Exemplo de substantivo como antecedente no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	83
FIGURA 16 - Exemplo de pronome como antecedente no corpus de revistas da Turma da Mônica.....	83
FIGURA 17 - Exemplo de vazio como antecedente no corpus de revistas da Turma da Mônica.....	83
FIGURA 18 - Exemplo de singular contável como antecedente no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	84
FIGURA 19 - Exemplo de singular não-contável como antecedente no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	84
FIGURA 20 - Exemplo de plural como antecedente no corpus de revistas da Turma da Mônica.....	85
FIGURA 21 - Exemplo de tempo simples como forma verbal no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	85
FIGURA 22- Exemplo de imperativo/subjuntivo como forma verbal no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	86
FIGURA 23 - Exemplo de infinitivo como forma verbal no corpus de revistas da Turma da Mônica.....	86
FIGURA 24 - Exemplo de gerúndio como forma verbal no corpus de revistas da Turma da Mônica.....	87
FIGURA 25 - Exemplo de locução com particípio como forma verbal no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	87
FIGURA 26- Exemplo de locução com infinitivo como forma verbal no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	88
FIGURA 27 - Exemplo de locução com infinitivo como forma verbal no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	88
FIGURA 28 - Exemplo de estrutura sintática da sentença com V+OD no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	90

FIGUA 29 - Exemplo de estrutura sintática da sentença com V+OD+Sprep no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	90
FIGURA 30 - Exemplo de estrutura sintática da sentença com V+OD+predicativo do objeto no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	91
FIGURA 31 - Exemplo de estrutura sintática da sentença com V+OD+oração no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	91
FIGURA 32 - Exemplo de sujeito como função sintática do antecedente no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	92
FIGURA 33 - Exemplo de objeto direto como função sintática do antecedente no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	92
FIGURA 34 - Exemplo de objeto indireto como função sintática do antecedente no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	93
FIGURA 35 - Exemplo de tópico como função sintática do antecedente no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	93
FIGURA 36 - Exemplo de complemento preposicionado como função sintática do antecedente no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	94
FIGURA 37 - Exemplo de predicativo como função sintática do antecedente no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	94
FIGURA 38 - Exemplo de outros como função sintática do antecedente no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	95
FIGURA 39- Exemplo de variedade urbana no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	96
FIGURA 40 - Exemplo de variedade rural no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	97
FIGURA 41 - Exemplo de ocorrência de objeto direto anafórico em revistas da década de 1970 no corpus de revistas da Turma da Mônica.....	97
FIGURA 42 - Exemplo de ocorrência de objeto direto anafórico em revistas da década de 1980 no corpus de revistas da Turma da Mônica.....	98

FIGURA 43 - Exemplo de ocorrência de objeto direto anafórico em revistas da década de 1990 no corpus de revistas da Turma da Mônica.....	98
FIGURA 44 - Exemplo de ocorrência de objeto direto anafórico em revistas da década de 2000 no corpus de revistas da Turma da Mônica.....	99
FIGURA 45 - Exemplo de ocorrência de objeto direto anafórico em revistas da década de 2010 no corpus de revistas da Turma da Mônica.....	99
FIGURA 46 - Exemplo de referente e conseqüente no mesmo quadrinho no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	101
FIGURA 47 - Exemplo de referente e conseqüente a 1 a 2 quadros de distância no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	101
FIGURA 48 - Exemplo de referente e conseqüente a 3 a 4 quadros de distância no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	102
FIGURA 49 - Exemplo de referente e conseqüente a 5 a 6 quadros de distância no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	103
FIGURA 50 - Exemplo de referente e conseqüente a 7 ou mais quadros de distância no corpus de revistas da Turma da Mônica.....	104
FIGURA 51 – Exemplo 1 de dado computado na amostra no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	105
FIGURA 52 - Exemplo 2 de dado computado na amostra no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	105
FIGURA 53 - Dado retirado da amostra por haver verbo ter no sentido de existir, acontecer ou haver.....	106
FIGURA 54 - Dado retirado da amostra por haver expressão cristalizada.....	106
FIGURA 55 - Dado retirado da amostra por haver determinante entre o verbo e o objeto .....	107
FIGURA 56 - Exemplo de estruturas do sintagmas verbais com V+OD anafórico em dupla função no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	119



FIGURA 57 - Exemplo 1 de pronome lexical encontrado na década de 1970 no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	124
FIGURA 58 - Exemplo 2 de pronome lexical encontrado na década de 1970 no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	124
FIGURA 59 - Exemplo 3 de pronome lexical encontrado na década de 1970 no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	125
FIGURA 60 - Exemplo de estruturas do sintagmas verbais com V+OD anafórico em dupla função no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	133
FIGURA 61 - Exemplo de ocorrência de sintagma nominal como objeto direto anafórico em estrutura V+OD+pred. do objeto no corpus de revistas da Turma da Mônica.....	134
FIGURA 62 - Exemplo de ocorrência de sintagma nominal como objeto direto anafórico com antecedente com traço [+/-específico] no corpus de revistas da Turma da Mônica.....	150
FIGURA 63 - Exemplo de ocorrência de pronome lexical como objeto direto anafórico após verbos em locução com particípio no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	153
FIGURA 64 - Exemplo de ocorrência de clítico acusativo como objeto direto anafórico com antecedente em posição sintática de adjunto no corpus de revistas da Turma da Mônica.....	155
FIGURA 65 - Exemplo de ocorrência de clítico acusativo como objeto direto anafórico com antecedente em posição sintática de predicativo no corpus de revistas da Turma da Mônica.....	156
FIGURA 66 - Exemplo de ocorrência de sintagma nominal como objeto direto anafórico com antecedente em posição sintática de objeto indireto no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	157
FIGURA 67 - Exemplo de ocorrência de categoria vazia como objeto direto anafórico com antecedente pronome no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	162

FIGURA 68 - Exemplo de ocorrência de pronome clítico como objeto direto anafórico com antecedente plural no corpus de revistas da Turma da Mônica ..... 164

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Comparativo entre pesquisas da fala sobre o fenômeno do objeto direto anafórico.....	111
QUADRO 2 - Comparativo entre pesquisas da escrita sobre o fenômeno do objeto direto anafórico.....	112
QUADRO 3 - Ordem de seleção das variáveis por variante do objeto direto anafórico no corpus de revistas da Turma da Mônica.....	129
QUADRO 4 - Ordem de seleção das variáveis selecionadas pelas quatro variantes do objeto direto anafórico no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	130
QUADRO 5 - Ordem de seleção das variáveis por variante do objeto direto anafórico no corpus de revistas da Turma da Mônica com e sem as ocorrências da década de 1970 .....	140
QUADRO 6 - Ordem de seleção das variáveis selecionadas por três variantes do objeto direto anafórico no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	145
QUADRO 7 - Ordem de seleção da variável selecionada por duas variantes do objeto direto anafórico no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	158
QUADRO 8 - Ordem de seleção das variáveis selecionadas por uma variante do objeto direto anafórico no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	160

## **LISTA DE SIGLAS**

PB – Português brasileiro

PE – Português europeu

PortVix – Português falado na cidade de Vitória

OD – objeto direto

SN – Sintagma nominal

UFES – Universidade Federal do Espírito Santo

HQ – História em quadrinhos

## **LISTA DE GRÁFICOS**

GRÁFICO 1 – Comparativo entre pesquisas da fala e o trabalho em tela .....	112
GRÁFICO 2 – Comparativo entre pesquisas da escrita e o trabalho em tela.....	113
GRÁFICO 3 - Percurso da frequência relativa das variantes do objeto direto anafórico no corpus de revistas da Turma da Mônica.....	126

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Distribuição de posição nula vs. preenchida. Adaptada de Cyrino (1997) .....	37
TABELA 2 - Preenchimento das posições de objeto e sujeito. Adaptado de Tarallo (1993).....	38
TABELA 3 - Número de publicações e ocorrências por sincronia analisada.....	77
TABELA 4 - Frequência relativa geral das variantes do objeto direto anafórico de terceira pessoa no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	110
TABELA 5 - Frequência relativa geral das variantes do objeto direto anafórico de terceira pessoa sem a presença dos sintagmas nominais no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	114
TABELA 6 - Frequência relativa de usos das variantes do objeto direto anafórico em relação à animacidade do antecedente no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	116
TABELA 7 - Frequência relativa de usos das variantes do objeto direto anafórico em relação à especificidade do antecedente no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	117
TABELA 8 - Frequência relativa de usos das variantes do objeto direto anafórico em relação à classe gramatical do antecedente no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	118
TABELA 9 - Frequência relativa de usos das variantes do objeto direto anafórico em relação ao número do antecedente no corpus de revistas da Turma da Mônica ....	118
TABELA 10 - Frequência relativa de usos das variantes do objeto direto anafórico em relação à forma verbal no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	119
TABELA 11 - Frequência relativa de usos das variantes do objeto direto anafórico em relação à estrutura da sentença no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	120
TABELA 12 - Frequência relativa de usos das variantes do objeto direto anafórico em relação à função sintática do antecedente no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	121

TABELA 13 - Frequência relativa de usos das variantes do objeto direto anafórico em relação à localidade do personagem no corpus de revistas da Turma da Mônica ..	122
TABELA 14 - Frequência relativa de usos das variantes do objeto direto anafórico em relação à década de publicação no corpus de revistas da Turma da Mônica .....	123
TABELA 15 - Frequência relativa de usos das variantes do objeto direto anafórico em relação à distância entre referente e conseqüente no corpus de revistas da Turma da Mônica.....	127
TABELA 16 - Efeito da variável estrutura sintática da sentença na rodada do pronome clítico versus demais variantes do objeto direto anafórico. Corpus de revistas da Turma da Mônica .....	131
TABELA 17 - Efeito da variável estrutura sintática da sentença na rodada do pronome lexical versus demais variantes do objeto direto anafórico. Corpus de revistas da Turma da Mônica .....	132
TABELA 18 - Efeito da variável estrutura sintática da sentença na rodada do sintagma nominal versus demais variantes do objeto direto anafórico. Corpus de revistas da Turma da Mônica .....	133
TABELA 19 - Efeito da variável estrutura sintática da sentença na rodada da categoria vazia versus demais variantes do objeto direto anafórico. Corpus de revistas da Turma da Mônica.....	134
TABELA 20 - Efeito da variável década de publicação na rodada do pronome clítico versus demais variantes do objeto direto anafórico. Corpus de revistas da Turma da Mônica.....	135
TABELA 21 - Efeito da variável década de publicação na rodada do pronome lexical versus demais variantes do objeto direto anafórico. Corpus de revistas da Turma da Mônica.....	138
TABELA 22 - Efeito da variável década de publicação na rodada do sintagma nominal versus demais variantes do objeto direto anafórico. Corpus de revistas da Turma da Mônica.....	139

TABELA 23 - Efeito da década de publicação na rodada da categoria vazia versus demais variantes do objeto direto anafórico. Corpus de revistas da Turma da Mônica .....	139
TABELA 24 - Efeito da variável distância entre referente e conseqüente na rodada do pronome clítico versus demais variantes do objeto direto anafórico. Corpus de revistas da Turma da Mônica .....	142
TABELA 25 - Efeito da variável distância entre referente e conseqüente na rodada do pronome lexical versus demais variantes do objeto direto anafórico. Corpus de revistas da Turma da Mônica .....	142
TABELA 26 - Efeito da variável distância entre referente e conseqüente na rodada do sintagma nominal versus demais variantes do objeto direto anafórico. Corpus de revistas da Turma da Mônica .....	143
TABELA 27 - Efeito da variável distância entre referente e conseqüente na rodada da categoria vazia versus demais variantes do objeto direto anafórico. Corpus de revistas da Turma da Mônica .....	144
TABELA 28 - Efeito da variável animacidade do antecedente na rodada do pronome clítico versus demais variantes do objeto direto anafórico. Corpus de revistas da Turma da Mônica .....	145
TABELA 29 - Efeito da variável animacidade do antecedente na rodada do pronome lexical versus demais variantes do objeto direto anafórico. Corpus de revistas da Turma da Mônica .....	147
TABELA 30 - Efeito da variável animacidade do antecedente na rodada da categoria vazia versus demais variantes do objeto direto anafórico. Corpus de revistas da Turma da Mônica.....	147
TABELA 31 - Efeito da variável especificidade do antecedente na rodada do pronome clítico versus demais variantes do objeto direto anafórico. Corpus de revistas da Turma da Mônica .....	148
TABELA 32 - Efeito da variável especificidade do antecedente na rodada do pronome lexical versus demais variantes do objeto direto anafórico. Corpus de revistas da Turma da Mônica .....	149



TABELA 33 - Efeito da variável especificidade do antecedente na rodada do sintagma nominal versus demais variantes do objeto direto anafórico. Corpus de revistas da Turma da Mônica .....	150
TABELA 34 - Efeito da variável forma verbal na rodada do pronome clítico versus demais variantes do objeto direto anafórico. Corpus de revistas da Turma da Mônica .....	151
TABELA 35 - Efeito da variável forma verbal na rodada do pronome lexical versus demais variantes do objeto direto anafórico. Corpus de revistas da Turma da Mônica .....	152
TABELA 36 - Efeito da variável forma verbal na rodada da categoria vazia versus demais variantes do objeto direto anafórico. Corpus de revistas da Turma da Mônica .....	153
TABELA 37 - Efeito da variável função sintática do antecedente na rodada do pronome clítico versus demais variantes do objeto direto anafórico. Corpus de revistas da Turma da Mônica .....	154
TABELA 38 - Efeito da variável função sintática do antecedente na rodada do sintagma nominal versus demais variantes do objeto direto anafórico. Corpus de revistas da Turma da Mônica .....	156
TABELA 39 - Efeito da variável função sintática do antecedente na rodada da categoria vazia versus demais variantes do objeto direto anafórico. Corpus de revistas da Turma da Mônica .....	157
TABELA 40 - Efeito da variável localidade do personagem na rodada do pronome lexical versus demais variantes do objeto direto anafórico. Corpus de revistas da Turma da Mônica .....	159
TABELA 41 - Efeito da variável localidade do personagem na rodada do sintagma nominal versus demais variantes do objeto direto anafórico. Corpus de revistas da Turma da Mônica .....	159
TABELA 42 - Efeito da variável classe gramatical do antecedente na rodada da categoria vazia versus demais variantes do objeto direto anafórico. Corpus de revistas da Turma da Mônica .....	161

TABELA 43 – Tabulação cruzada percentual das variáveis classe gramatical do antecedente e distância entre referente e conseqüente na rodada da categoria vazia versus demais variantes do objeto direto anafórico. Corpus de revistas da Turma da Mônica..... 162

TABELA 44 - Efeito da variável número do antecedente na rodada do pronome clítico versus demais variantes do objeto direto anafórico. Corpus de revistas da Turma da Mônica..... 163

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	30
<b>2. O OBJETO DIRETO ANAFÓRICO DE TERCEIRA PESSOA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO</b> .....	36
2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO FENÔMENO .....	36
2.2 O QUE DIZEM AS GRAMÁTICAS .....	39
<b>2.2.1 A gramática de Rocha Lima (2011)</b> .....	<b>40</b>
<b>2.2.2 A gramática de Cunha e Cintra (2013)</b> .....	<b>40</b>
<b>2.2.3 A gramática de Bechara (2015)</b> .....	<b>41</b>
<b>2.2.4 A gramática de Bagno (2011)</b> .....	<b>43</b>
<b>2.2.5 A gramática de Castilho (2019)</b> .....	<b>44</b>
2.3 O QUE DIZEM AS PESQUISAS SOCIOLINGUÍSTICAS BASEADAS EM AMOSTRAS DE FALA .....	45
<b>2.3.1 A pesquisa de Omena (1978)</b> .....	<b>45</b>
<b>2.3.2 A pesquisa de Duarte (1986)</b> .....	<b>47</b>
<b>2.3.3 A pesquisa de Malvar (1992)</b> .....	<b>49</b>
<b>2.3.4 A pesquisa de Berbert (2015)</b> .....	<b>52</b>
2.4 O QUE DIZEM AS PESQUISAS SOCIOLINGUÍSTICAS BASEADAS EM AMOSTRAS DA ESCRITA.....	54
<b>2.4.1 A pesquisa de Soledade (2011)</b> .....	<b>55</b>
<b>2.4.2 A pesquisa de Pereira e Coelho (2013)</b> .....	<b>56</b>
<b>2.4.3 A pesquisa de Duarte e Freire (2015)</b> .....	<b>58</b>
<b>2.4.4 A pesquisa de Othero <i>et al.</i> (2018)</b> .....	<b>60</b>
<b>3. CONSTRUTOS TEÓRICOS</b> .....	<b>63</b>
3.1 A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA .....	63

3.2	O GÊNERO TEXTUAL-DISCURSIVO EM QUESTÃO: AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS .....	67
3.2.1	As histórias em quadrinhos e a variação linguística .....	70
4.	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	73
4.1	TEMPO REAL E TEMPO APARENTE .....	73
4.2	CORPUS DA PESQUISA.....	76
4.3	VARIÁVEIS ANALISADAS E HIPÓTESES .....	78
4.3.1	As variáveis semânticas.....	78
4.3.2	As variáveis morfológicas.....	82
4.3.3	As variáveis sintáticas.....	88
4.3.4	As variáveis extralinguísticas .....	95
4.3.5	A variável funcional .....	99
4.4	DADOS RETIRADOS DA AMOSTRA.....	105
4.5	TRATAMENTO ESTATÍSTICO DOS DADOS.....	107
5.	RESULTADOS GERAIS DA VARIAÇÃO DO OBJETO DIRETO ANAFÓRICO DE TERCEIRA PESSOA .....	109
5.1	RESULTADO GERAL .....	109
5.1.1	Comparativo entre pesquisas .....	111
5.2	RESULTADOS PERCENTUAIS DAS VARIÁVEIS INDEPENDENTES .....	115
5.2.1	Resultados percentuais das variáveis semânticas .....	116
5.2.2	Resultados percentuais das variáveis morfológicas .....	117
5.2.3	Resultados percentuais das variáveis sintáticas .....	120
5.2.4	Resultados percentuais das variáveis extralinguísticas .....	121
5.2.5	Resultados percentuais da variável funcional .....	126
6.	ANÁLISE MULTIVARIADA.....	129
6.1	VARIÁVEIS SELECIONADAS PELAS QUATRO VARIANTES .....	130

6.1.1 Estrutura sintática da sentença .....	131
6.1.2 Década de publicação das revistas .....	135
6.1.3 Distância entre referente e conseqüente .....	141
6.2 VARIÁVEIS SELECIONADAS POR TRÊS VARIANTES .....	144
6.2.1 Animacidade do antecedente.....	145
6.2.2 Especificidade do antecedente.....	148
6.2.3 Forma verbal.....	151
6.2.4 Função sintática do antecedente.....	154
6.3 VARIÁVEL SELECIONADA POR DUAS VARIANTES .....	158
6.3.1 Localidade dos personagens.....	158
6.4 VARIÁVEIS SELECIONADAS POR UMA VARIANTE .....	160
6.4.1 Classe gramatical antecedente.....	161
6.4.2 Número do antecedente .....	163
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	165
REFERÊNCIAS.....	168

## 1. INTRODUÇÃO

---

Ao discutir as propostas linguísticas em vigência, pautadas na imanência, a Sociolinguística Variacionista (LABOV (2008 [1972]) estuda a relação entre língua e seus aspectos históricos, sociais e culturais, partindo do princípio de que a variação e a mudança são inerentes ao sistema linguístico. Tal teoria tem por objetivo analisar quais os fatores, sociais e linguísticos que atuam sobre fenômenos variáveis, com o intuito de demonstrar que a variação não é um processo desordenado.

Os falantes da língua, ao se expressarem, exprimem diferentes formas com o mesmo valor de verdade, formas estas que podem variar entre si dentro do sistema linguístico, sendo denominadas variantes. É o que ocorre com o fenômeno do objeto direto anafórico de terceira pessoa, que pode ser expresso por distintas variantes, como se observa abaixo:

a) como clítico acusativo de terceira pessoa:

FIGURA 1 - Exemplo de clítico acusativo como objeto direto anafórico no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: MÔNICA (1970, n. 01, p. 5)

(1) "Opa! *Esse homem* parece que está ferido! Vou socorrê-**lo**!"

b) como pronome lexical:

FIGURA 2 - Exemplo de pronome lexical como objeto direto anafórico no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: MAGALI (1994, n. 123, p. 27)

(2) “Tem mais *um gato* nesta casa! Mas eu pego **ele**!”

c) como categoria vazia:

FIGURA 3 - Exemplo de categoria vazia como objeto direto anafórico no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: CEBOLINHA (2013, n. 74, p. 31)

(3) “Eu encontlei o *Sansão* peldido no campinho e gualdei  $\emptyset$  pla você! Só isso!”

d) como sintagma nominal idêntico:

FIGURA 4 - Exemplo de sintagma nominal idêntico como objeto direto anafórico no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: CASCÃO (2004, n. 437, p. 19-20)

(4) “Agora, vamos dar um jeito de achar a *sua coleira!* ... Tente lembrar! Onde foi que você usou a **sua coleira** pela última vez?”

e) como sintagma nominal parcialmente modificado:

FIGURA 5 - Exemplo de sintagma nominal parcialmente modificado como objeto direto anafórico no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: CHICO BENTO (1994, n. 190, p. 6)

(5) “Chico! Ocê cabo cas *minha goiaba!* Agora vô cabá cocê!... Nhô Lau! Deve tê um ingano! Eu inda num robei **suas goiaba** hoj...”

f) como sintagma nominal totalmente modificado:

FIGURA 6 - Exemplo de sintagma nominal totalmente modificado como objeto direto anafórico no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: CASCÃO (1985, n. 87, p. 8)

(6) “Pergunte ao Cascão!... Cascão? Bem que eu queria achar **aquele moleque!** Acho que foi ele quem pegou meu coelhinho!”



g) como pronome demonstrativo:

FIGURA 7 - Exemplo de pronome demonstrativo como objeto direto anafórico no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: MÔNICA (1971, n. 12, p. 36)

(7) “Um legítimo pernil de brontossauro! Vamos fazer um banquete, velho!... Como é que você conseguiu **isso** aí?”

Pesquisas sobre o fenômeno em *corpora* baseados na fala (OMENA, 1978; DUARTE, 1986; MALVAR, 1992; BERBERT, 2015) apontam a diminuição do uso do pronome clítico – que está desaparecendo do vernáculo do português brasileiro – e o aumento de outras formas, principalmente da categoria vazia. O pronome pessoal reto, também denominado pronome lexical, considerado “erro” para a tradição gramatical, é uma das variantes presente nas pesquisas, mantendo, muitas vezes, frequência relativa em torno de 12%.

Em dados baseados na escrita, no entanto, a forma preconizada pela tradição gramatical, o clítico acusativo, continua presente, principalmente quando analisada historicamente – Soledade (2011) encontra grande presença de clítico em seu *corpus* de missivas do séc. XIX. Em *corpora* mais atuais, como o de Pereira e Coelho (2013) e o de Othero *et al.* (2018), o clítico já obteve grande substituição por outras formas, como o sintagma nominal e pronome lexical, no entanto, ainda tem grande resistência nessa modalidade se comparada à fala.

Amparada nesses trabalhos, urge a necessidade de pesquisar o fenômeno do objeto direto anafórico em um *corpus* com traços de fala, mas que é escrito e passa pelo crivo de um redator – a história em quadrinhos. Mais do que isso, objetivamos analisar o comportamento de cada uma das variantes a partir do construto metodológico do tempo real, observando, para isso, diferentes sincronias. Partimos de um recorte

temporal a partir de 1970 – década de estreia da publicação que aqui analisamos, a Turma da Mônica – passando pelas décadas de 1980, 1990, 2000 e, enfim, a de 2010.

É importante mencionar que o trabalho em tela teve início em 2016, numa pesquisa de Iniciação Científica realizada na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e orientada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lilian Coutinho Yacovenco. Tal pesquisa analisou, inicialmente, o objeto direto anafórico em revistas da Turma da Mônica de somente duas sincronias – 1970 e anos 2000 (ZANELATO, 2017); no ano seguinte, houve sua continuidade com a análise do fenômeno nas revistas do Chico Bento, contrapondo-as às publicações de Chico Bento Moço<sup>1</sup> (ZANELATO, 2018).

Considerando suas motivações iniciais, o presente estudo está assim dividido: em primeiro momento, traçamos o perfil do fenômeno do objeto anafórico, seu contexto histórico, como se apresenta nas gramáticas – tanto tradicionais, quanto analítico-descritivas – e dados de pesquisas anteriores sobre esse assunto, tanto da fala, quanto da escrita.

Após, norteamos o pressuposto teórico que rege esse trabalho: a Sociolinguística Variacionista. Tratamos, também, do gênero com que trabalhamos, as histórias em quadrinhos, mostrando seu nascimento e sua evolução até o que conhecemos hoje – além de sua constituição multimodal.

No quarto capítulo, descrevemos os construtos em tempo aparente e tempo real, esse último utilizado na construção desse trabalho. Após, enumeramos os passos para a constituição de nosso *corpus*. Em seguida, sabendo que a Sociolinguística entende que a língua é formada de heterogeneidade ordenada, ou seja, que a variação não é aleatória, mas depende de fatores internos e externos para ocorrer, estabelecemos as variáveis linguísticas e extralinguísticas que levam à variação do objeto direto anafórico de terceira pessoa. Além disso, trazemos os dados que retiramos de nossa amostra e o tratamento estatístico que demos às ocorrências encontradas.

---

<sup>1</sup> Chico Bento Moço é uma publicação mensal que faz parte das revistas Turma da Mônica Jovem. Trata-se de histórias em estilo de mangás japoneses que mostram a vida dos personagens de Maurício de Sousa em sua fase jovem, com intuito de se aproximar do público pré-adolescente e adolescente.

Chegando, enfim, aos resultados encontrados em nossa pesquisa, os dividimos em dois capítulos: o quinto, traz as frequências relativas gerais e um comparativo entre os dados encontrados nessa e em outras pesquisas, além dos resultados percentuais de cada uma das variáveis analisadas. Já no sexto capítulo, analisamos os resultados dos pesos relativos, que nos ajudam a entender quais fatores favorecem ou desfavorecem cada uma das variantes do objeto direto anafórico.

Por fim, no sétimo capítulo, descrevemos nossas conclusões acerca do tema e delineamos nossas considerações finais.

## 2. O OBJETO DIRETO ANAFÓRICO DE TERCEIRA PESSOA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

---

O objeto direto anafórico de terceira pessoa se apresenta de várias maneiras no português brasileiro. Buscamos, neste capítulo, mostrar como são essas diferenças e como a língua descrita pela tradição gramatical se distancia do vernáculo, isto é, ao descrever as formas que podem ocupar a função de objeto direto anafórico, a tradição gramatical não inclui as formas mais frequentes no vernáculo e ressalta o clítico acusativo, variante praticamente extinta do vernáculo. Iniciamos com o percurso histórico do fenômeno, passamos por sua análise na tradição gramatical para, enfim, observarmos o tratamento dado em pesquisas sociolinguísticas que abordam o tema tanto na fala, como na escrita.

### 2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO FENÔMENO

É inegável que o português brasileiro (PB) e o português europeu (PE) diferem-se em diversos aspectos, não só nas questões lexicais e fonéticas, como também nas morfológicas e sintáticas. Para Tarallo (1993, p. 71), “a variedade portuguesa falada no Brasil já desenvolveu um número de traços sintáticos discerníveis o suficiente para possibilitar uma descrição de seu sistema no sentido de uma gramática brasileira”.

Basso e Gonçalves (2014, p. 231) afirmam que, durante os anos entre 1700 e 1800 – que os autores denominam de “Fase diferenciadora” – houve um *boom* no distanciamento entre as duas variedades, motivado pelo ciclo do ouro, em que vários portugueses e brasileiros imigravam a todo momento. Ademais, no Brasil, outros fatores atuaram para o distanciamento do PB para o PE. Um deles é o acesso às escolas, já que, por muito tempo, somente uma pequena parcela elitizada frequentava o ambiente escolar. O contato com etnias distintas, como indígenas e africanos, foi outro fator que contribuiu para que PE e PB tivessem caminhos diferentes.

O objeto direto anafórico de terceira pessoa é uma das diferenças entre ambas as variedades até os dias atuais. Tendo o clítico acusativo como a forma preconizada pelas gramáticas normativas de língua portuguesa – surgida, segundo Nunes (1993, p. 208) a partir dos pronomes demonstrativos latinos *illum/illam/illud* –, essa variante avança, no português do Brasil, de forma já diferente da portuguesa, em que a ênclise era valorizada em detrimento da próclise. Há, em nossa variedade, uma inversão de padrões: no PE seria da direita para esquerda e no PB, da esquerda para a direita (cf. NUNES, 1993).

Tal fator fez com que ocorresse a queda dos clíticos de terceira pessoa no PB, como afirma Nunes (1993). Por precisar de material fonológico que o preceda, o clítico acusativo de terceira pessoa no PE continuou na direção da direita para a esquerda sendo, portanto, enclítico. Na variedade do PB, no entanto, em que a forma proclítica passa a ser preferida, a forma clítica para retratar terceira pessoa começa a sofrer declínio em seu uso.

Outro ponto importante que pode ser discutido é o aumento do apagamento do objeto direto em PB. Barbosa (1875 *apud* OMENA, 1978, p. 13) já afirmava que “a analogia das orações mostra logo a palavra que se lhes deve entender sem ser necessário repeti-la, e por isso elas são muito ordinárias”.

Cyrino (1997) atesta que o não-preenchimento do objeto direto sempre foi possível. Ao propor um estudo diacrônico baseado em peças de teatro datadas do século XVI até o século XX, a autora observou o aumento gradativo da forma vazia e a diminuição da forma preenchida, conforme se observa na Tabela 1.

TABELA 1 - Distribuição de posição nula vs. preenchida. Adaptada de Cyrino (1997)

Século	NULAS		PREENCHIDAS	
	N	%	N	%
XVI	31	10,7%	259	89,3%
XVII	37	12,6%	256	87,4%
XVIII	53	18,5%	234	81,5%
XIX	122	45%	149	55%
XX	193	79,1%	51	20,9%

Fonte: CYRINO (1997, p. 246)

Para Tarallo (1993, p. 83), esse aumento do objeto nulo deu-se paralelamente ao aumento de sujeito preenchido.

Mais interessante ainda é o fato de que, quando as percentagens para objetos [...] diminuem, aumenta a proporção de retenção pronominal nos sujeitos, sugerindo assim que a perda da referência pronominal faz com que o sistema se rearranje, marcando outros argumentos sentenciais mais frequentemente.

Ao também analisar peças de teatro e entrevistas sociolinguísticas com paulistanos – dados de 1981 –, o autor encontrou embasamento para sua tese, já que, como se vê na Tabela 2, o número de sujeitos preenchidos aumenta na mesma proporção em que objetos preenchidos diminuem.

TABELA 2 - Preenchimento das posições de objeto e sujeito. Adaptado de Tarallo (1993)

<b>Ano</b>	<b>1725</b>	<b>1775</b>	<b>1825</b>	<b>1880</b>	<b>1981</b>
Sujeito	23,3%	26,6%	16,4%	32,7%	79,4%
Objeto	89,2%	96,2%	83,7%	60,2%	18,2%

Fonte: Tarallo (1993, p. 84)

Há, portanto, um aumento gradativo de preenchimento do sujeito até o ano de 1880, tendo um salto maior até o ano de 1981 – quando atinge 79,4%. É o oposto do que acontece com o preenchimento do objeto, que inicia com 89,2% em 1725 e, segundo os dados do autor, passa para somente 18,2% em 1981.

Quanto à inserção do pronome do caso reto na função de objeto, Mattoso Câmara (1972, p. 48) considera o uso de ‘*ele*’ como acusativo como característico da fala do brasileiro, inserido no falar de todas as classes sociais, sendo evitado, somente, em situações mais formais, adicionando que, mesmo nessas ocasiões, o falante “não chega sempre a eliminá-lo ao todo”.

O linguista ainda propõe que essa marca afasta ainda mais o PB do PE, já que nesse último, o *e/le* só é usado, fora do lugar de sujeito, “como forma tônica introduzida por uma preposição” (MATTOSO CÂMARA, 1972, p. 48).

Acrescenta, porém, que o pronome lexical não é um caso-sujeito atuando como um pronome acusativo, mas assemelha-se mais suas funções aos nomes e demonstrativos.

A forma *ele* no português do Brasil deles [nomes e demonstrativos] se aproximou, separando-se do sistema dos pronomes pessoais, onde há flexão casual. Diz-se, portanto, *ele anda*, *falo a ele*, *vejo ele*, exatamente como *Pedro anda*, *falo a Pedro*, *vejo Pedro*, em vez de – *ele anda*, *falo-lhe* ou *falo a ele* e *vejo-o* [...] A inovação brasileira é, em última análise, uma inovação de estrutura, dissociando o pronome da terceira pessoa do sistema casual dos pronomes pessoais. (MATTOSO CÂMARA, 1972, p. 49)

Isso quer dizer que os pronomes de terceira pessoa diferem-se dos outros – de primeira e segunda pessoa – por poderem ser flexionados quanto ao gênero e também quanto ao número. O autor também chama a atenção ao fato que os pronomes são substitutos do nome, aspecto que não é exercido pela primeira e segunda pessoas, que se referem a pessoas do discurso e não têm valor “translativo”.

No entanto, Mattoso Câmara Jr. afirma que o regime escolar condena essa forma, tratando-a como um erro (cf. MATTOSO CÂMARA, 1972). Já Amaral (2020 [1920]), considera-o como “brasileirismo”, com extenso uso pelo Brasil. Por conta dessas opiniões diversas, analisaremos, no próximo ponto, como esse uso se apresenta nas gramáticas normativas e descritivas.

## 2.2 O QUE DIZEM AS GRAMÁTICAS

É conhecido que a tradição gramatical enfatiza a função dos pronomes do caso reto como única: a de ocupar o lugar de sujeito na oração. Já o pronome oblíquo é a única forma recomendada para ocupar a casa do objeto. São esses compêndios que, na maior parte das vezes, a escola visita para ensinar os alunos sobre o assunto.

No entanto, já há gramáticas que poderíamos considerar como descritivas, que, segundo Ilari e Basso (2006, p. 206), “descrevem uma língua tal como o analista a observou”. Esses compêndios têm a finalidade de fazer uma análise que leve em

conta o uso da língua pelos seus falantes, e não somente o que é recomendado pela norma-padrão.

Levando esses dois fatores em conta, apresentamos, nesta seção, a visão de três gramáticos tradicionais - Rocha Lima (2011), Cunha e Cintra (2013), Bechara (2015) – e dois linguistas - Bagno (2011) e Castilho (2019) –, esses com uma perspectiva descritivista.

### **2.2.1 A gramática de Rocha Lima (2011)**

Rocha Lima, em sua *Gramática Normativa da Língua Portuguesa* (2011), faz uma abordagem a partir da definição tradicional para os pronomes pessoais do caso reto e do caso oblíquo: o primeiro ocuparia o lugar de sujeito e o segundo, a de complemento do verbo – local que os objetos ocupam (ROCHA LIMA, 2011, p. 187).

As funções que o autor traz como próprias dos pronomes do caso reto no português são as de sujeito, predicativo e de vocativo, posição ocupada por *tu* e *vós*. Não há menção de nenhum caso em que o pronome do caso reto possa ser usado na função de objeto.

O objeto direto é abordado somente na seção sobre transitividade verbal, em que é mencionado que verbos transitivos diretos requeriam objetos diretos. Nenhum outro caso foi abordado.

### **2.2.2 A gramática de Cunha e Cintra (2013)**

A gramática de Cunha e Cintra (2013), nomeada *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, traz como definição de objeto direto aquele “[...] complemento que normalmente vem ligado ao verbo sem preposição e indica o ser para o qual se dirige a ação verbal” (CUNHA; CINTRA, 2013, p. 154). Os autores mencionam que o objeto



pode ser representado por um pronome, mas só trazem como possibilidade a forma oblíqua átona.

Ao tratarem propriamente dos pronomes, afirmam que as funções dos pronomes do caso reto podem ser os de sujeito, predicativo do sujeito e, ainda, os pronomes *tu* e *vós* podem aparecer como vocativos (CUNHA; CINTRA, 2013, p. 295). O uso desse pronome como objeto é mencionado em uma seção denominada “Equívocos e Incorreções”, em que dizem que esse uso é proveniente da “fala vulgar e familiar do Brasil” (CUNHA; CINTRA, 2013, p. 302).

Há, no entanto, algumas formas descritas para que se valide o uso do pronome do caso reto como objeto direto. São elas:

a) quando, antecedido da preposição *a*, repete o objeto direto enunciado pela forma átona (*o, a, os, as*):

Não sei se elas me compreendem  
Nem se eu **as** compreendo **a elas**.  
(F. Pessoa, OP, 160.)

Temia-**a, a ela**, à mulher que o guiava.  
(Guimarães Rosa, PE, 126.)

b) quando precedido das palavras *todo* ou *só*:

Ricas prendas! **Todas elas**  
Me deu ele; sim, donzelas...  
Que não vo-lo negarei!  
(J. de Deus, CF, 65.)

- Conheço bem **todos eles**.  
(H. Sales, DBFM, 150.) (CUNHA; CINTRA, 2013, p. 302-303)

Ou seja, em casos que fogem aos descritos acima, o uso de *ele, ela, eles, elas* como acusativo devem ser evitado, segundo os autores.

### 2.2.3 A gramática de Bechara (2015)

E. Bechara (2015), em sua gramática denominada *Moderna gramática portuguesa*, define pronomes como “unidades em número limitado e que se referem a um

significado léxico pela situação ou por outras palavras do contexto” (BECHARA, 2015, p. 169). Como as outras duas outras gramáticas supracitadas, o autor afirma que a forma pronominal reta funciona como sujeito e predicativo e a forma oblíqua, como objeto.

Há casos que o gramático considera como excepcionais, em que o pronome reto ocupa o lugar do pronome oblíquo:

a) quando o verbo e o seu complemento nominal estiverem distanciados, separados por pausa:

Subiu! E viu com seus olhos.  
Ela a rir-se que dançava [GD].

b) nas enumerações e aposições, também com distanciamento do verbo e complemento:

Depois de muita delonga o diretor escolheu: *eu*, o Henrique e o Paulinho.

c) precedido de *todo*, *só* e mais alguns adjuntos, pode aparecer *ele* (e flexões) por *o* (e flexões);

d) quando dotado de acentuação enfática, no fim de grupo de força:

Olha *e/ele!* [EQ].

e) em coordenações de pronomes ou com um substantivo introduzidos pela preposição *entre*: entre *eu* e *tu* (por entre *mim* e *ti*); entre *eu* e o aluno, entre José e *eu*. (BECHARA, 2015, p. 180-181)

Nesse quadro proposto, esses casos são os únicos em que a troca de um pronome por outro é permitida – o que foge totalmente do vernáculo do PB, como veremos nas pesquisas sociolinguísticas mais adiante.

Mais à frente, Bechara volta a reiterar que o pronome *e/ele* como objeto direto só poderia aparecer caso fosse precedido de *todo* ou *só* ou quando há acentuação enfática. Acrescenta que em prosa e verso o uso também é aceito (BECHARA, 2015, p. 182).

No tocante ao objeto direto, uma das estratégias propostas para conseguir distinguir-se o que seria um objeto direto é a comutação da forma nominal por *o*, *a*, *os*, *as* (BECHARA, 2015, p. 435), o que pode variar em gênero e número. O autor dá os seguintes exemplos:

Os vizinhos não viram o incêndio/ ... não o viram.

Não encontramos os responsáveis/ ... não os encontramos.

O pai comprou a nova casa/ ... a comprou.

Mais uma vez, o autor não mostra como outros tipos de pronomes também podem ser usados para ocupar o lugar de objeto direto, como o pronome do caso reto e até o demonstrativo.

Como já supracitado, gramáticas como essas e as outras duas vistas anteriormente são de cunho prescritivo, em que “o autor estabelece regras destinadas a orientar o comportamento linguístico de seus leitores” (ILARI; BASSO, 2006, p. 206). A seguir, veremos gramáticas em que o uso estabelece as normas da língua.

#### **2.2.4 A gramática de Bagno (2011)**

A *Gramática pedagógica do português brasileiro* (2011), escrita pelo professor Marcos Bagno, possui uma extensa historiografia e descrição sobre a morfologia e a sintaxe do PB, que não parte somente dos documentos oficiais e gramáticas normativas, mas engloba a consulta de pesquisas de cunho sociolinguístico.

Ao comparar o português às demais línguas românicas, o autor traz a reflexão sobre as formas existentes para ocupar o lugar do objeto direto no PB – o clítico, o pronome lexical, a anáfora-zero e o sintagma nominal (BAGNO, 2011, p. 470).

Para mostrar a importância do objeto nulo no PB, o linguista apresenta a pesquisa de Duarte (1986), posteriormente citada nesse trabalho, e a de Tarallo (1993), supracitada. Ambos os trabalhos mostram a relação entre a maior expressão de sujeitos pronominais e o apagamento do objeto direto de 3ª pessoa, fatos que ocorrem em concomitância. Bagno comenta também que “o PB é ainda mais notável por ser a única língua em que [...] também ocorre a anáfora-zero na posição de objeto direto de não-pessoa” (BAGNO, 2011, p. 472).

Ao abordar o uso do pronome lexical no lugar do objeto direto, Bagno afirma que essa é “regra estabelecidíssima no PB, ocorrendo em todas as regiões do país e em todas as classes sociais” (BAGNO, 2011, p. 797). O autor ainda reforça que as crianças que não foram à escola e, dessa forma, não tiveram acesso à leitura, só empregam duas

formas: o objeto nulo e pronome *ele*. O clítico estaria fora do vernáculo brasileiro, sendo seu uso “estritamente dependente do acesso ao letramento institucionalizado e à leitura” (BAGNO, 2011, p. 797).

### 2.2.5 A gramática de Castilho (2019)

A gramática descritiva de Ataliba de Castilho (2019), nomeada *Nova gramática do português brasileiro*, apresenta várias reflexões sobre o uso do pronome de terceira pessoa. O autor descreve a mudança da língua a partir de um viés histórico, apontando a mudança que sofreu o português arcaico até se transformar no que conhecemos hoje como português brasileiro, mencionando, inclusive, o objeto direto anafórico como um fenômeno diferenciador das variedades brasileira e europeia.

Ao tratar do objeto direto, o autor cita as seguintes propriedades dessa posição:

- 1) É proporcional aos pronomes pessoais acusativo *ele/o*  
[...]
- 2) Na passiva correspondente, o objeto direto assume a função de sujeito  
[...]
- 3) Pode ser preenchido por sintagma nominal de núcleo pronominal ou nominal e por sentença substantiva objetiva direta, colocando-se habitualmente após o verbo  
[...]
- 4) O papel temático do objeto direto é /paciente/ [...] mesmo com verbos causativos:  
(56) *O passageiro **desceu** o pacote.*
- 5) O objeto direto pode ser omitido na sentença. (CASTILHO, 2019, p. 300-301).

Castilho toma por base diversos trabalhos, entre eles os aqui citados de Mattoso Câmara Jr. (1972), Tarallo (1993), Cyrino (1997) e também de Duarte (1986). Conclui, ao final, que o clítico ainda é usado por conta da ação da escola, como mostram trabalhos com *corpora* sincrônicos, sendo, por isso, mais frequente na escrita.

A partir do que é mostrado nas gramáticas de ambos os tipos – normativas e descritiva – abordaremos, na próxima seção, como as pesquisas sociolinguísticas com fala registram a variação.

## 2.3 O QUE DIZEM AS PESQUISAS SOCIOLINGUÍSTICAS BASEADAS EM AMOSTRAS DE FALA

Muitos são os trabalhos que se debruçam em analisar como o objeto direto anafórico de terceira pessoa ocorre no vernáculo, em diferentes comunidades de fala. O fenômeno já foi estudado por diversos pesquisadores, entre os quais destacamos o estudo pioneiro, sob a perspectiva sociolinguística, de Omena (1978), cuja base de dados é de pessoas adultas e não-escolarizadas da zona urbana do Rio de Janeiro. Salientamos, também, os trabalhos de Duarte (1986), com falantes paulistanos e com a fala veiculada na televisão, em novelas e entrevistas; de Malvar (1992), com falantes provenientes do Distrito Federal, com localidades e escolarização diversas; e de Berbert (2015), que analisa um *corpus* de 46 entrevistas de falantes nascidos e moradores da cidade de Vitória, capital do Espírito Santo. Discutiremos nesta seção os resultados dessas pesquisas.

### 2.3.1 A pesquisa de Omena (1978)

Precursora sobre os estudos de variação do objeto direto anafórico, Nelize Pires de Omena (1978) analisou, inicialmente, a gravação de quatro horas e trinta minutos de um jovem universitário de 19 anos residente no Triângulo Mineiro; depois, partiu para a análise de 4 informantes adultos que estavam em fase de alfabetização, alunos do Mobral (Movimento Brasileiro pela Alfabetização).

Na análise inicial, feita com somente um informante, a autora encontrou 67 casos do objeto direto anafórico de terceira pessoa – sendo 3 vezes o pronome pessoal do caso oblíquo, 13 vezes o pronome pessoal do caso reto e 51 vezes o cancelamento da forma (o sintagma nominal não foi analisado nessa pesquisa). Mesmo com as poucas ocorrências, foi possível estabelecer as variáveis que favoreceriam a escolha de uma das variantes. São elas: a) a referência a um ser inanimado; b) referência a um antecedente que, na oração, exerce a função de complemento; c) um item que exerce

somente a função de objeto na oração; d) que ocupa posição medial do item dentro da oração; e, por fim, e) distância menor entre o antecedente e o pronome.

Munida desses dados, a autora então iniciou sua pesquisa com os informantes em fase de alfabetização, alunos do projeto Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização). Ao todo, foram 7 gravações de cada um dos 4 entrevistados, todas com duração média de uma hora. Os resultados mostraram que a escolarização seria importante para a escolha do clítico acusativo como objeto direto: o informante anteriormente mencionado, que cursava nível superior, fez uso dessa variante 3 vezes. Na amostra com analfabetos, não houve o uso da forma<sup>2</sup>. De 1415 casos, 76% de ocorrências são de não-preenchimento e os outros 24% são de pronome lexical.

Usando a categoria vazia como aplicação da regra para gerar os pesos relativos, a autora encontrou uma maior utilização desse quando está um função única – com peso relativo de 0.62 –, com um antecedente não-reforçado – peso relativo de 0.65 –, inanimado – peso relativo de 0.78 – e em função de complemento – peso relativo de 0.65. Além disso, é favorecido quando há mais de um antecedente – peso relativo de 0.63.

A pesquisa também analisa as retomadas do objeto direto anafórico na Demanda do Santo Graal, do Pe. Augusto Magne – provavelmente uma cópia e adaptação do romance francês do século XIII. Encontrou, nesse texto, 2898 ocorrências de clítico acusativo (96%), a forma mais encontrada, 78 cancelamentos do pronome (2,6%) e 42 usos de pronome lexical como objeto direto (1,4%). Ao comparar essa amostra escrita às demais gravações, a autora afirma que “o fenômeno de troca da forma acusativa – o(s), a (s) – pela do nominativo – ele(s), ela(s) – não constitui inovação brasileira” (OMENA, 1978, p. 121). A mudança, para ela, faria parte do sistema de mudança pronominal que o português estaria sofrendo desde os primórdios de sua fundação como língua.

---

<sup>2</sup> A informante denominada Hilda, proveniente de Nova Iguaçu (RJ), que tinha 43 anos, era analfabeta (com idas esporádicas à escola quando criança) e empregada doméstica, fez o uso do pronome do caso oblíquo no lugar de objeto por duas vezes, em ocasiões bem próximas. A autora resolveu retirar esses dados da análise, fazendo, somente, uma observação a respeito desse uso.

A conclusão, ao final, é que o pronome clítico se tornou forma própria do registro falado, influenciando a fala de pessoas escolarizadas. A forma pronominal de caso reto ocupa o lugar da forma oblíqua, segundo a autora, mas o cancelamento é a forma mais usada entre os falantes.

### 2.3.2 A pesquisa de Duarte (1986)

Outra pioneira no estudo desse fenômeno no Brasil foi Maria Eugênia Lamoglia Duarte (1986), em sua dissertação *Variação e Sintaxe: Clítico acusativo, Pronome Lexical e Categoria Vazia no Português do Brasil*.

Partindo de uma abordagem sociolinguística paramétrica, a autora visa analisar a variação do objeto direto anafórico em 50 entrevistas com paulistanos ou pessoas residentes na cidade de São Paulo desde os 5 anos de idade, dividindo-os por faixa etária e escolaridade. Observou, também, a fala veiculada na televisão, em 4 horas de gravações de novelas e 4 horas de entrevistas, a fim de comparar a linguagem em diferentes níveis de formalidade. Além disso, apresenta resultados da análise do fenômeno em textos escritos de alunos do 2º grau.

Ao todo, a autora encontra, em seu *corpus* de entrevistas, 4,9% de clíticos, 15,4% de pronomes lexicais e 62,6% de uso de categoria vazia e 17,1% da variante que denominada pela autora como *outros*, relativa aos sintagmas nominais e ao pronome demonstrativo – esses que foram retirados de uma análise inicial, levando só as três primeiras estratégias em conta.

Iniciando sua análise sobre quais fatores linguísticos favoreciam uma ou outra forma de objeto direto, a autora aponta que o clítico acusativo é mais usado diante de um verbo no infinitivo e no gerúndio, com 16,7% e 10%, respectivamente. O pronome lexical é usado mais vezes após verbos no gerúndio – 40% – e verbos no imperativo – 26,4%. A categoria vazia, no entanto, seria a preferida de todas as formas verbais, principalmente após locução com participio, em um total de 90% das ocorrências.

Ao analisar estruturas sintáticas, Duarte afirma que estruturas simples favorecem muito o não-preenchimento, algo em torno de 76,2% das ocorrências. Quando há um objeto indireto após o objeto direto, o apagamento vai para 93%.

No fator animacidade, a autora encontra o resultado que se repete em muitas pesquisas: antecedentes com o traço [+animado] favorecem, na maior parte das vezes, a forma pronominal, principalmente o pronome lexical, em que é quase categórico – 98,4% dos casos. Os referentes [-animado], por outro lado, favorecem mais objetos nulos, com 76,3% dos casos.

Quando a autora insere os sintagmas nominais na análise, podemos ver que esses têm maior uso quando vêm depois de um gerúndio – ultrapassando até mesmo o percentual da categoria vazia –, com um total de 52,4% dos casos. É também retomado preferivelmente em estruturas simples, SVO, em 18,2% dos casos. Os antecedentes [-animado] são os que mais o favorecem, em 70,7% das vezes.

As variáveis extralinguísticas analisadas mostram uma similaridade no uso da categoria vazia pelos falantes, independentemente da faixa etária e do nível de escolaridade. O clítico cresce de acordo com o grau de escolaridade do falante, passando de 2,6% para aqueles apenas com o primeiro grau, para 4,2% no segundo grau, até alcançar 7,8% no terceiro grau. O pronome lexical, ao contrário, sofre queda de 13 pontos percentuais entre o 2º e o 3º grau: sai de 24,6% no 1º grau, para 25,1% no 2º grau, chegando a 12,1% no terceiro grau.

Analisada a variação de acordo com a faixa etária, constata-se que os jovens não fazem uso do pronome clítico, e que, nas demais faixas etárias, essa variante oscila: 5,8% entre 22 e 33 anos, 3,4% entre 34 a 46 anos e 7% acima de 46 anos. O pronome lexical sofre queda nas duas últimas faixas etárias, indo de 26,3% entre os jovens até 18,4% na faixa etária acima de 46 anos.

Ao comparar os dados de entrevistas sociolinguística com os retirados da mídia televisiva – novela e entrevistas de TV –, a autora verifica que “o que difere basicamente estes dois estilos não é tanto a presença maior ou menor do clítico e sim a presença ou ausência do pronome lexical” (DUARTE, 1986, p. 45). Isso porque o número dessa variante oscila entre 4,0% na fala dos paulistanos entrevistados e 5,6% na fala de novela, mas há somente 1,1% de uso na fala de entrevistas.



Na análise da escrita de alunos do 2º grau, a hipótese era a de que a forma estigmatizada, o pronome lexical, seria rejeitado, havendo favorecimento do uso das outras formas – o que se mostrou verdadeiro, visto que no *corpus* não houve nenhum caso de pronome lexical. O clítico é a variante mais usada, com 43% das ocorrências, seguido pela categoria vazia, com 34%, e o sintagma nominal, com 23%. Duarte, então, considera que há uma grande diferença entre fala e escrita, visto que o uso do clítico está totalmente fora da fala dos jovens e nos textos mostrou-se altamente relevante.

Por fim, a autora conclui dizendo que não são os clíticos, mas, sim, o pronome lexical que marca a formalidade ou a informalidade de um discurso. Acrescenta que “a variação linguística é uma realidade que não pode ser alterada nem subestimada por aqueles que buscam um ensino mais eficaz” (DUARTE, 1986, p. 70)

### **2.3.3 A pesquisa de Malvar (1992)**

Na dissertação denominada *A realização do objeto direto de terceira pessoa em cadeia anafórica no Português do Brasil*, Elizabete Malvar (1992) analisa o fenômeno em questão a partir da fala de diversos grupos de falantes: analfabetos “rurbanos” de Brasília, meninos em situação de rua em Goiânia e estudantes de diversos níveis de escolarização (4ª série – atual 5º ano do Ensino Fundamental (EF) –, 8ª série – atual 9º ano do EF – e universitários), a maior parte proveniente da zona urbana de Brasília, tendo somente uma amostragem pequena com alunos da 4ª série da zona rural.

Além da entrevista sociolinguística, a autora também pediu que os entrevistados da 4ª série, tanto da zona urbana, quanto da rural, contassem histórias a partir de gravuras sequenciadas.

Ao todo, a pesquisadora encontrou 1173 casos do objeto direto anafórico, sendo assim distribuídas entre as quatro variantes: 28% de sintagma nominal, 1% de clítico – somente 6 casos –, 25% de pronome lexical e 46% de categoria vazia (MALVAR, 1992, p. 67).

Entre as hipóteses que a autora delimita para o trabalho, destaca-se a de origem do entrevistado, já que, em primeira instância, Malvar acredita que as crianças de origem rural fariam maior uso do pronome lexical do que as que residiam na zona urbana, que privilegiariam as formas recomendadas pela tradição gramatical.

A pesquisa visa observar quais dos seguintes fatores exerciam influência sobre o objeto direto anafórico de terceira pessoa: modo verbal, estrutura sintática, função sintática do antecedente, função discursiva do antecedente, animacidade do antecedente, estilo, tipo de cadeia anafórica, processamento com paralelismo, origem, sexo e escolaridade. Para fins de comparação, citaremos, abaixo, somente os resultados dos percentuais encontrados nas variáveis analisadas também no presente trabalho.

Ao analisar o modo verbal, a autora comprovou que a categoria vazia era a forma mais usada, independentemente de qual verbo era utilizado – exceto no gerúndio, em que a forma preferida era o sintagma nominal, com 48% das ocorrências. O clítico, apesar dos poucos casos, foi visto quando antecedido por verbos no infinitivo – e também em sua locução – e no tempo simples. A locução com infinitivo e a locução com gerúndio também favorecem o uso do pronome lexical, atuando em 33% das ocorrências de cada variante.

Quanto à estrutura sintática, o clítico só é visto quando a estrutura sintática é formada apenas pelo objeto direto e o pronome lexical é altamente favorecido quando há um predicativo do objeto após o objeto direto – 51% das ocorrências. A categoria vazia foi mais realizada quando é uma estrutura só com objeto direto ou com o objeto direto e indireto – sendo esse objeto indireto um sintagma nominal.

Na função sintática do antecedente, a autora só analisou três variantes: complemento verbal, sujeito e outros – esse último que não foi especificado. O primeiro favoreceria o uso da categoria vazia. Já o sujeito favoreceria o uso do pronome lexical como objeto direto.

A autora também analisou se o objeto retomado seria tópico ou não do discurso, considerando tópico aquilo que estava sendo falado, sendo assim uma noção mais semântica do que gramatical. Constatou, portanto, que quando era o antecedente estava na função sintática de tópico, a retomada acontecia mais vezes por meio de

pronome lexical e categoria vazia – 39% e 41%, respectivamente. Esse último também seria favorecido quando o antecedente fosse um não tópico, com 51% das ocorrências. Ser não tópico também favoreceria o sintagma nominal e o clítico acusativo.

No fator origem, os falantes de zona urbana – com informantes de Brasília – possuem quase a totalidade das ocorrências de clítico acusativo, com 5 de 6 ocorrências. Os falantes da zona rural são os que mais colocam o pronome lexical como objeto direto, com 35% das ocorrências.

Para obter os pesos relativos, a autora precisou de rodadas binárias. Por isso, resolveu testar o sintagma nominal x a categoria vazia; depois, o sintagma nominal x o pronome lexical; e, por fim, opôs o pronome lexical x a categoria vazia. Além disso, testou as oposições preenchimento x esvaziamento e estigmatizada – ou seja, o pronome lexical – x as não estigmatizadas.

Na primeira rodada, sintagma nominal x categoria vazia, entre os resultados mais relevantes, está que, na estrutura sintática, OD+predicativo do objeto favoreceria o sintagma nominal, com peso relativo de 0.85.

A oposição entre sintagma nominal x pronome lexical mostrou que esse último é o preferido em estruturas OD+predicativo, com peso relativo de 0.81. A animacidade também se mostrou importante, ficando claro que o fator [+animado] desfavorece o sintagma nominal, com 0.18 de peso relativo. O mesmo acontece quando o antecedente é um tópico, desfavorecendo a variante, com 0.35 de peso relativo.

Ao cruzar pronome lexical x categoria vazia, é possível ver que as estruturas sintáticas complexas (OD+predicativo do objeto, OD+oração reduzida de infinitivo ou de gerúndio e orações reduzida de infinitivo precedida de preposição) favorecem o uso do pronome lexical e o fator [+animado] também, com 0.84 de peso relativo.

As análises binomiais com combinação de formas preenchidas x forma vazia mostram que a o fator [+animado] favorece o preenchimento, com 0.72 de peso relativo, enquanto o [-animado] favoreceria o esvaziamento, com 0.60 de peso relativo. Já no fator estrutura sintática, os fatores OD e OD+OI favorecem a categoria vazia, com 0.53 e 0.65 respectivamente. As estruturas complexas favorecem, por outro lado, o preenchimento.

Cruzando as formas estigmatizadas – o pronome lexical x as formas não estigmatizadas, observou-se que o fator [+animado] favorece a variante estigmatizada, com 0.87 de peso relativo, enquanto as outras favoreceram a realização da variante não estigmatizada. Quando o antecedente é um tópico, a variante estigmatizada também é preferida, com 0.58 de peso relativo, enquanto quando não é um tópico, acontece o contrário – favorecimento de 0.57 de peso relativo para as variantes não estigmatizadas. As estruturas OD e OD+OI desfavorecem a realização das variantes não estigmatizadas, com 0.47 e 0.36, respectivamente, de peso relativo. O pronome lexical é favorecido por estruturas complexas.

Um fator que não foi selecionado por nenhuma das rodadas binárias foi a localidade do falante. Por isso, a autora resolveu opor os falantes da quarta série, tanto da zona rural, quanto da zona urbana. Numa análise trinomial – rodada feita pelo pacote Varbrul 2s – programa computacional utilizado pela autora. Esse *software* permite a rodada trinomial simultânea e pode, assim, gerar o peso relativo das três juntas. Dessa forma, o ponto neutro passa a ser 0.33 e não 0.5, como no programa utilizado nesse trabalho, o GoldVarb X –, retirando os dados de clítico, confirmou não haver distinção no comportamento das crianças, independentemente de onde residem. Quando se analisam os pesos relativos, todas as variantes ocupam o ponto neutro, em torno de 0.33 para análises trinomiais, tanto no rural, quanto no urbano.

Por fim, em suas conclusões finais, Malvar constata que “os resultados obtidos com este trabalho comprovaram a complexidade do fenômeno em variação de realização do objeto direto de terceira pessoa em cadeia anafórica” (MALVAR, 1992, p. 143). O trabalho demonstra, assim como os demais supracitados, uma diminuição do número de clíticos na comunidade de fala pesquisada. Além disso, a oposição entre rural e urbano é interessante para comprovar o uso de variantes consideradas estigmatizadas pela maior parte dos falantes de PB, e não só os que são provenientes da zona rural.

#### **2.3.4 A pesquisa de Berbert (2015)**

Na dissertação denominada *Não o vejo mais em Vitória: a substituição do clítico acusativo de terceira pessoa na fala capixaba*, Berbert (2015) observa a variação das formas de objeto direto anafórico em 46 entrevistas tipicamente labovianas realizadas com falantes da cidade de Vitória, capital do estado do Espírito Santo, sendo os falantes distribuídos por sexo, faixa etária e nível de escolaridade.

Com hipóteses baseadas em pesquisas anteriores, como as de Omena (1978), Duarte (1986) e Malvar (1992), Berbert encontra em seus dados 0,5% do uso de clíticos, 13,6% de lexical, 30,5% de sintagma nominal, 1,3% de pronomes demonstrativos e 54,1% de categoria vazia – sendo esse último, portanto, o preferido entre os falantes.

Ao fazer uma análise multivariada, para gerar os pesos relativos, a autora retirou de suas análises os pronomes clíticos e demonstrativos, visto que eram poucos casos e poderiam gerar muitas “casas vazias” nas análises. Para rodadas binárias, juntaram uma variante e amalgamaram as outras duas restantes.

Entre os resultados mais importantes das variáveis extralinguísticas, podemos citar que a escolarização foi um fator relevante, pois os universitários desfavoreceram o uso do pronome lexical, com 0.34 e favoreceram a categoria vazia, com 0.57. O ensino fundamental, pelo contrário, favoreceu o uso do pronome lexical, com 0.58 e desfavoreceu a categoria vazia, com 0.47. A faixa etária teve como resultado um desfavorecimento do pronome lexical pela faixa etária acima de 50 anos, enquanto o SN era favorecido principalmente do 26 aos 49 anos. A categoria vazia era favorecida entre as faixas etárias de 15 a 25 anos e acima de 49 anos. Quanto ao sexo, tal variável não se mostrou estatisticamente significativa, tendo peso relativo próximo ao ponto neutro em todas as variantes de ambos os sexos.

Partindo para a análise das variáveis linguísticas, Berbert cruza os traços de animacidade e humano do referente a fim de entender como se dá essa interação. Com esse cruzamento, é possível depreender que o traço [+humano] [+animado] favorece muito o pronome lexical, com 0.91 de peso relativo, e também o traço [-humano] [+animado], com 0.73 de peso relativo. O traço [-animado] desfavorece muito o pronome lexical, com 0.29 de peso relativo, e favorece as outras formas, o sintagma nominal e a categoria vazia, com 0.53 e 0.57 de peso relativo, respectivamente. O traço de especificidade do antecedente mostra que o pronome lexical é desfavorecido

com um antecedente [-específico], tendo 0.33 de peso relativo. A categoria vazia, por outro lado, seria favorecida nesse contexto, com 0.54 de peso relativo.

A função sintática do antecedente mostra que o sujeito favorece o pronome lexical, com 0.61 e o objeto favorece o sintagma nominal, com 0.53, esse que é desfavorecido quando a função é um tópico, com 0.39. O tópico favorece o uso da categoria vazia, com 0.59 de peso relativo. As demais funções favorecem o uso de pronome lexical e SN anafórico, com 0.54 e 0.61 de peso relativo, respectivamente.

A distância entre o referente e sua retomada é um fator que a autora tinha como hipótese uma maior presença da categoria vazia em pequenas distâncias, visto que é uma forma não-lexicalizada e que seria mais fácil de ser processada com um antecedente próximo. Entretanto, essa hipótese não se confirmou, já que a categoria vazia é favorecida em distâncias maiores, como de 21 a 30 elementos e mais de 30 elementos, com 0.43 e 0.49 de peso relativo, respectivamente.

Por fim, em suas considerações finais, a autora reafirma a queda do clítico, já comprovada em outras pesquisas, também no repertório linguístico dos capixabas e que as demais variantes – a categoria vazia, o sintagma nominal e o pronome lexical – “encontram-se bem estabilizadas na língua, possuindo cada uma condicionamentos sociais, morfológicos, sintáticos e semânticos próprios e contextos específicos de ocorrência” (BERBERT, 2015, p. 106).

No entanto, não é somente nas pesquisas com o vernáculo que podemos entender como variam as retomadas anafóricas do objeto direto. Há várias pesquisas baseadas na escrita que também buscam compreender o fenômeno em análise. Apresentaremos, portanto, seus resultados na próxima seção.

## 2.4 O QUE DIZEM AS PESQUISAS SOCIOLINGÜÍSTICAS BASEADAS EM AMOSTRAS DA ESCRITA

Nesta seção, apresentaremos resultados de pesquisas sociolinguísticas sobre o fenômeno do objeto direto anafórico baseadas em *corpora* escritos, visto que o *corpus* da presente pesquisa também é dessa modalidade. Traremos os trabalhos de

Soledade (2011), com cartas de ilustres do século XIX; Pereira e Coelho (2013), com redações escolares; Duarte e Freire (2015), com textos jornalísticos tanto do PB, quanto do PE; e, por fim, Othero *et al.* (2018), com *corpora* escritos que se assemelham aos de fala.

### 2.4.1 A pesquisa de Soledade (2011)

Soledade (2011), no artigo intitulado *Realizações do objeto direto anafórico de terceira pessoa em cartas de ilustre do século XIX*, apresenta breves, mas interessantes resultados sobre a retomada anafórica do OD em caráter sincrônico, tendo por pressuposto teórico da Sociolinguística Paramétrica e como *corpus* cartas de ilustres do século XIX.

Ao todo, foram analisadas 18 cartas escritas por ilustres, tendo havido 84 ocorrências do objeto direto anafórico. Dessas, 48% foram de clíticos, 38%, de objeto nulo, 8%, de pronome demonstrativo e somente 5 casos de sintagmas nominais anafóricos, obtendo 6% do total de ocorrências. O clítico, mesmo que seja ainda a forma mais encontrada no *corpus*, já disputa espaço com a expressiva quantidade de objetos nulos.

Quanto às variáveis independentes analisadas, Soledade observou que o resultado do tempo/modo verbal corroborou a pesquisa de Duarte (1986), já supracitada, que verifica que as formas simples do presente e do passado são um contexto de forte resistência do clítico: 55% do uso com esse tipo de verbo contempla a forma antiga de realização do OD anafórico. O uso do subjuntivo/imperativo também retém essa variante, concentrando 45% das ocorrências.

A função sintática do antecedente também é uma variável significativa: a categoria vazia é favorecida quando o antecedente também está na posição de objeto direto (55% das ocorrências) ou de predicativo (67% das ocorrências). Já quando o antecedente está na função de sujeito, a forma preferida é o clítico, com 73% dos casos.

Partindo para as variáveis semânticas, a pesquisa traz que o objeto nulo é mais utilizado quando o traço do antecedente é [-animado]: 81% das ocorrências. O pronome clítico e o sintagma nominal sofrem ação contrária, ou seja, são favorecidos com antecedente [+animado]: 55% e 40%, respectivamente.

Os resultados do traço de animacidade se assemelham aos de especificidade: antecedentes [+específicos] geram maior ocorrência de clíticos no lugar do OD anafórico, com 64% dos casos.

Soledade, por fim, conclui que o objeto nulo, embora frequente (38%) nas cartas de ilustres do século XIX, não é a variante mais comum, já que clíticos correspondem a 48% do total dos casos, havendo, também, o contexto semântico ([+animado]) de grande objeção ao uso da variante nula.

#### **2.4.2 A pesquisa de Pereira e Coelho (2013)**

Pereira e Coelho (2013), em pesquisa chamada *O uso variável das formas anafóricas no acusativo*, analisam três variantes do objeto direto: clíticos, pronomes pessoais retos e objeto nulo em um *corpus* constituído por redações escolares de alunos dos 6<sup>a</sup>, 7<sup>a</sup>, 8<sup>a</sup> e 9<sup>a</sup> anos de quatro escolas de ensino público de Florianópolis.

Cumpramos ressaltar que as redações escolares pertencem ao banco de dados Varsul (Variação Linguística na Região Sul do Brasil), sendo de tipologia narrativa, em que os alunos deveriam contar um momento marcante de suas vidas, vivenciado em companhia de outras pessoas. Em uma das quatro escolas, os alunos deveriam narrar as histórias que também seriam escritas. Com isso, seria possível o confronto de narrações orais e escritas.

Ao todo, foram encontrados 231 dados. Três rodadas foram feitas: uma em que todas as variantes foram analisadas; outra multivariada, em que somente os pronomes retos e oblíquos foram observados; e, por fim uma que contemplava o objeto preenchido (pronomes) *versus* o objeto nulo. Para fins de resenha, utilizaremos somente os resultados da primeira rodada, pois essa é a única que leva em conta o uso de todas as formas do objeto direto anafórico analisadas (reto vs. oblíquo vs. nulo).



Os resultados presentes na rodada apontam para um alto uso de objeto nulo (46%), contrastando com as formas pronominais, que possuem 30% de lexicais e 24% de oblíquos. Ao analisarem somente a terceira pessoa do discurso, esse número é ainda maior: 63% de objeto nulo, 30% de lexical e somente 7% de pronome oblíquo.

Nessa rodada, o sexo do aluno se mostrou um fator relevante. A hipótese das autoras era a de que pessoas do sexo feminino fizessem maior uso do pronome oblíquo que as do masculino. Quanto ao uso do objeto nulo, tinham por hipótese um alto percentual em ambos os sexos.

Todas essas hipóteses se confirmaram: o pronome oblíquo é mais usado pelas meninas. Já o objeto nulo possui frequências de uso mais altas em ambos os sexos, tendo uma maior inclinação do sexo masculino: 55% de uso pelos homens e 41% de uso pelas mulheres. As autoras concluem que as adolescentes “parecem utilizar as variedades de mais prestígio, devido a um grau maior de consciência linguística” (PEREIRA; COELHO, 2013, p. 299).

A variável animacidade, última selecionada pela rodada geral, traz, já no início da subseção, a indicação de que seria decisiva, como apontam outras pesquisas sobre o tema. A hipótese, então, baseada em trabalhos anteriores, é que o objeto nulo é favorecido quando o referente possui o traço [-animado] e, as formas pronominais, quando o referente possui o traço [+animado], o que se confirma de forma quase categórica: quando o antecedente é [-animado], 99% das vezes eles é retomado por um objeto nulo. O contrário também é validado, já que, quando o antecedente é [+animado], 51% das vezes foi retomado com pronome reto, 43% por pronome oblíquo e somente 6% das vezes retomado por objeto nulo.

Ao fim de todas as rodadas, as autoras concluem que as hipóteses testadas foram confirmadas – ou seja, há mais objetos nulos e pronomes lexicais do que pronomes clíticos nas redações dos adolescentes de 6º ao 9º ano. As pessoas do discurso e o traço semântico da animacidade mostraram-se variáveis importantes para entender o funcionamento do fenômeno.

Sobre a animacidade, o resultado se iguala ao de outras pesquisas: objeto nulo é favorecido quando o traço semântico do antecedente é [-animado] e formas pronominais são favorecidas quando é [+animado].

Quanto às variáveis sociais, todas as três – sexo, faixa etária e escolaridade – mostraram-se relevantes. As meninas mostraram-se mais propícias ao uso do pronome oblíquo, enquanto os meninos fazem mais uso do pronome do caso reto.

### 2.4.3 A pesquisa de Duarte e Freire (2015)

Duarte e Freire (2015) visam investigar *Como a escrita padrão recupera formas em extinção e implementa formas inovadoras*, esse que também é o título do artigo. Os autores traçam a trajetória do PB e do PE, variedades que, embora tão distantes quando comparadas na modalidade oral, ainda são próximas na modalidade escrita, pautadas primordialmente em uma gramática portuguesa de fins do século XIX.

Tendo como objetivo principal mostrar que “a escrita padrão não é uma reprodução da fala nem corresponde às descrições tradicionais pautadas no português europeu” (DUARTE; FREIRE, 2015, p. 116), os autores analisam a presença dos clíticos indefinidos, acusativos e dativos em amostras de fala e escrita, tanto do PB, quanto do PE. A fim de nos concentrarmos mais na proposta da seção em tela, focaremos na análise dos clíticos acusativos, “pincelando” os resultados encontrados nas amostras de fala e nos atendo ao que foi encontrado nas amostras escritas.

No comparativo entre as formas encontradas no *corpus* do Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro, o Nurc, com entrevistas sociolinguísticas datadas de 1990, e no *corpus* do *Corpus de Referência do Português Contemporâneo*, é possível observar uma grande discrepância entre os resultados do clítico acusativo de terceira pessoa: enquanto na amostra do PE, o índice é de 44%, no PB é de somente 3% – o que leva os autores a constatarem que, nessa variedade, esse item linguístico está em processo de extinção.

Entre as outras formas possíveis de retomada na oralidade, há ainda mais diferença entre as duas variedades do português: o objeto nulo possui índice de 31% no PE contra 59% no PB; o SN anafórico corresponde a 25% dos casos na variedade lusitana e a 34% na brasileira; o pronome lexical, forma considerada estigmatizada pelos

compêndios gramaticais, não possui nenhum caso no PE e 4% das ocorrências no PB.

O objeto nulo, preferência atestada na fala do PB em todos os contextos, também possui altos índices no PE. Esse, no entanto, restringe seu uso a circunstâncias como a presença somente em orações principais, com antecedente na mesma função e com o traço semântico [-animado]. Os autores ainda frisam outro importante aspecto da variação do fenômeno no PB: o pronome lexical em função acusativa passa despercebido em estruturas sintáticas formadas pelo pronome lexical e o predicativo do sujeito.

Partindo para análise da escrita, os autores afirmam que a escrita vista no PB está muito próxima à da variedade europeia. Observando textos jornalísticos das duas variedades – o *corpus* brasileiro é formado por jornais cariocas publicados entre 1995 e 2004 e o lusitano é formado por jornais lisboetas do mesmo período –, encontraram 84% de clíticos em Portugal e 57% nos jornais brasileiros; 7% de SN anafórico no primeiro contra 13% no outro; 9% de objeto nulo no PE e 27% no PB; e a forma do pronome lexical, assim como na fala, não apresentou nenhum dado no PE e 3% no PB. Com isso, Duarte e Freire constataram que as formas não-estigmatizadas, como a categoria vazio e o SN – já estão totalmente implementadas na língua escrita dos brasileiros – embora o clítico ainda possua um alto índice.

Quanto ao pronome lexical, os autores entendem que, por se tratar de uma estratégia estigmatizada, principalmente na escrita, as ocorrências aparecem em estruturas nas quais o elemento acusativo é um sujeito de minioração, sujeito de verbo acusativo, de permissão ou causativo. Os autores também notam que, nesses contextos, o pronome lexical é ainda mais visto no gênero crônica, entendendo que esse seria “um gênero mais permeável às formas da fala” (DUARTE; FREIRE, 2015, p. 128), enquanto em gêneros como reportagem, editorial e artigos de opinião há forte presença de clíticos.

Os clíticos, esquecidos na fala do PB, mas resistentes na escrita, estão, majoritariamente, em contextos com tempos simples e locução sem infinitivo, mas, principalmente, com verbos no infinitivo – inclusive, com essa forma verbal, a ênclise ocorre em todos os casos observados. Isso vai de encontro ao que é observado no PE: sempre que há uma ênclise com infinitivo, o clítico é puxado por uma preposição ou um atrator, como, por exemplo "*Brills Content* é o nome de uma revista com apenas

um ano de vida. Não a podem comprar em Portugal” (DUARTE; FREIRE, 2015, p.128). Isso explica que a norma culta brasileira não coincide com a norma culta portuguesa.

Por fim, Duarte e Freire reafirmam que os clíticos de terceira pessoa no PB não têm o mesmo *status* que no PE, uma vez que na primeira há uma forte influência do ensino escolar. Tais formas clíticas seriam, portanto, para os falantes brasileiros, variantes estilísticas, já que seriam próprias de evento de comunicação marcado pela fala culta e um dos mais atenuados traços distintos entre ambas as variedades.

#### **2.4.4 A pesquisa de Othero et al. (2018)**

Na pesquisa denominada *Objeto nulo e pronome pleno na retomada anafórica em PB: uma análise em corpora escritos com característica de fala*, Othero et al. (2018) propõem-se a analisar a distribuição de objetos nulos e pronomes em histórias em quadrinhos da Turma da Mônica e em postagens do *Twitter*, gêneros textuais que “envolve(m) língua escrita que se aproxima(m) da língua falada – ou, ao menos, que tenta(m), de alguma forma, representá-la” (OTHERO et al., 2018, p. 72).

No artigo, são analisados o traço de gênero semântico do antecedente e os traços semânticos de animacidade e especificidade dos antecedentes, todos considerados determinantes para a seleção da variante usada.

O traço de gênero semântico distingue antecedentes que possuem sexo natural aparente, como homem, mulher, professor, cachorro, de outros que não possuem esse traço, como copo, mesa, livros, cadeiras (cf. OTHERO; SCHWANKE, 2018, p. 156). Os autores têm por hipótese que antecedentes [+gs], ou seja, os que possuem traço semântico de gênero identificável, sejam retomados por um pronome, enquanto antecedentes que possuem traço semântico [-gs] seriam retomados por objeto nulo.

Assim como no presente estudo, a pesquisa de Othero et al. verifica a distribuição do objeto direto anafórico em textos que se assemelham à fala, como as histórias em quadrinhos, gênero também utilizado aqui.

Nesse gênero, os autores têm por hipótese que objetos nulos e pronomes lexicais sejam mais frequentes que o pronome clítico, o que parcialmente se confirmou: entre as 197 ocorrências de retomada encontradas, 39% foram de objetos nulos, 36% de pronome lexical e 25% de clíticos. É importante ressaltar que essa é uma pesquisa em tempo real de curta duração, já que as 43 revistas analisadas dividem-se entre os anos de 1990 e 2013.

A junção dos traços de animacidade e especificidade do antecedente aponta o que outras pesquisas (OMENA, 1978; BERBERT, 2015) já demonstravam: os referentes [+animados] e [+específicos] favorecem a retomada anafórica com pronomes plenos, com 91,3% das ocorrências. Já os referentes [+a -e], considerados como problemáticos pelos autores por não apresentarem uma tendência clara de variante, trazem 80% das ocorrências também como pronome lexical. Quando o traço é [-animado], os comportamentos são semelhantes, independentemente do traço de especificidade do referente: ambos os fatores – [-a +e] e [-a -e] – favorecem a retomada anafórica pelo pronome nulo, com 74% e 75%, respectivamente.

Quanto ao traço de gênero semântico, como esperado, os antecedentes com traço [+gs] favorecem o pronome pleno, com 85,4% das ocorrências, enquanto o traço [-gs] apresenta maior número de objetos nulos.

Observando as postagens de Twitter – rede social em que os usuários postam mensagens curtas de até 280 caracteres –, os autores selecionaram os dados de modo aleatório e indiscriminado, controlando somente o ano de postagem – entre 2016 e 2017. Ao todo, 595 ocorrências do fenômeno foram encontradas, sendo 68,4% de objetos nulos e 31,6% de pronomes lexicais, não havendo nenhum caso de pronome clítico. Para os autores, o resultado é indício de que o gênero textual se aproxima bastante à língua falada.

As variáveis independentes analisadas, animacidade e especificidade do antecedente, apresentaram resultados similares aos encontrados no *corpus* constituído por histórias em quadrinhos. Os traços [+a +e] e [+a -e] possuem, respectivamente, 80,6% e 54,5% das ocorrências de pronomes plenos, enquanto os traços [-a +e] e [-a -e] trazem como resultado 90,8% e 93,5% de objetos nulos, respectivamente.

O traço gênero semântico endossa o resultado obtido nas histórias em quadrinhos: quando o antecedente é [+gs], há uma retomada de objeto direto por pronomes de 84,5%. Já quando o traço do antecedente é [-gs], os objetos nulos lideram, com 90,2%.

Ao final, os autores assumem que o pronome lexical se encontra formalmente inserido no vernáculo em posição de OD anafórico. Ressaltam, ainda, que o clítico pronominal, por ainda ter resistir no gênero textual história em quadrinhos, mostra-se influenciado pela escrita padrão e pela escolarização. Sobre os traços semânticos analisados, afirmam que a animacidade e o gênero semântico são muito importantes para a definição da variante que vai ocupar a posição de objeto – e, não tanto, o de especificidade.

### 3. CONSTRUTOS TEÓRICOS

---

Nosso objetivo nesta seção é mostrar o arcabouço teórico que rege o trabalho em tela. Começaremos pela Sociolinguística Variacionista, teoria em que a pesquisa se insere. Após, apresentaremos a constituição do gênero textual em que se insere nosso *corpus*, as histórias em quadrinhos, além de verificar como a variação linguística é registrada nesse gênero em questão.

#### 3.1 A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

A Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]) surge como uma teoria dentro da linguística que entende a língua como um sistema passível de variações e mudanças a partir de uma heterogeneidade ordenada. Sendo um dos caminhos possíveis para a análise dos fenômenos linguísticos, a área, também conhecida como Teoria da Variação e Mudança, Sociolinguística Quantitativa ou Sociolinguística Laboviana, opõe-se às análises que inauguram a linguística contemporânea, como o Estruturalismo e o Gerativismo, que apresentavam suas teses pautadas na imanência.

Isso quer dizer que, para Saussure (2008 [1916], p. 29), o sistema linguístico deveria afastar-se de “tudo que seja estranho ao organismo [...] tudo quanto se designa pelo termo: “Linguística externa”. Para Chomsky (2005 [2000]), uma criança americana que cresça em Tóquio pode falar japonês como as que ali nasceram. Não inclui, no entanto, o fator social na análise, já que considera que temos uma gramática inata atualizada de acordo com o local em que o falante se encontra. Para Labov (2008 [1972]), isso significa que Chomsky trata a comunidade de fala como se fosse inatingível, não-concreta:

Para Chomsky, a linguística é propriamente o estudo da competência, e ele deixa explícita a prática que decorre do paradoxo saussuriano: que o real objeto do estudo linguístico é uma comunidade de fala abstrata, homogênea,

em que todo mundo fala igual e aprende a língua instantaneamente (LABOV, 2008 [1972], p. 218).

Consideradas formalistas, essas teorias iniciais começaram a sofrer críticas de pesquisadores que já estavam investigando a língua e sua relação com cultura e a sociedade em que estava inserida. Nesse contexto, em 1966, na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), acontece o simpósio “Direções para a Linguística Histórica”. O debate, proposto pelos linguistas Uriel Weinreich e seus orientandos, William Labov e Marvin Herzog,

[...] resgatou a discussão sobre o estudo da mudança linguística e, principalmente, sobre as suas motivações sociais. Seu objetivo era propor um novo conjunto de fundamentos para o estudo da mudança. Para isso, os autores consideravam minuciosamente as propostas dos neogramáticos, estruturalistas e gerativistas em relação ao tema (COELHO *et. al.*, 2015, p. 57).

Foi Labov, no entanto, que se tornou o precursor da teoria variacionista. Para o linguista, o termo sociolinguística não deveria ser usado, já que pode implicar “que pode haver uma teoria ou prática linguística bem-sucedida que não é social” (LABOV, 2008 [1972], p. 13) – ou seja, para Labov, toda análise linguística deveria se valer do que é social. Esta tese é bem sucedida em seu primeiro trabalho, realizado na ilha de Martha’s Vineyard, no estado de Massachusetts, Estados Unidos.

Lá, o pesquisador investigou a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ entre os habitantes, já que o inglês falado por esses nativos se diferenciava do falado no restante dos Estados Unidos (cf. LABOV, 2008 [1972], p. 26-27).

Seu objetivo era, a partir de entrevistas – já que esse era o “método básico para se obter uma grande quantidade de dados confiáveis da fala de uma pessoa” (LABOV, 2008 [1972], p. 63) –, observar as questões linguísticas e sociais que culminavam na variação. Para o linguista, “não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre” (LABOV, 2008 [1972], p. 21).

Por ter belas paisagens, a ilha atraía, todos os verões, vários turistas. Labov constatou, a partir de suas análises, que os nativos que tinham uma atitude positiva



em relação à ilha – especialmente os moradores de Chilmark, região em que a prática pesqueira era forte – e que não gostariam de sair para os grandes centros, faziam, inconscientemente, uso de centralização dos ditongos a fim de se diferenciarem dos demais visitantes da ilha, os veranistas. Para os moradores, o prestígio estava localizado na marca de pertencimento, de identidade: “boa parte da diferença linguística dependia de termos da vida baleeira, que agora são obsoletos. Não surpreende, portanto, descobrir que as diferenças fonéticas se tornam cada vez mais marcadas à medida que o grupo luta por manter sua identidade” (LABOV, 2008 [1972], p. 49).

Esse comportamento linguístico difere-se, segundo a pesquisa, nas faixas etárias mais novas. Alguns jovens que pensam em sair da ilha e partir em busca de uma carreira longe de seu local de nascimento mostram pouca ou nenhuma centralização, afastando-se dos resultados encontrados nos jovens que pretendem voltar à ilha depois da faculdade.

Já em um segundo estudo sociolinguístico (cf. LABOV, 2008 [1972], p. 63-90), Labov analisou quais as variantes linguísticas do rótico possuíam maior prestígio social na cidade de Nova York, conhecida por ser uma metrópole. Um modo para se obter esse tipo de estudo era, segundo o pesquisador, “[...] observar o uso público da língua na vida diária fora de qualquer situação de entrevista – para ver como as pessoas usam a língua em contexto quando não existe observação explícita” (LABOV, 2008 [1972], p. 63).

Para tal, o linguista foi a três lojas de departamentos de diferentes níveis sociais na cidade de Nova Iorque e, interessado em observar a variação do rótico, perguntava onde ficavam os produtos pertencentes ao quarto andar para obter como resposta a expressão *fourth floor*. Com esses dados, constatou que o uso de /r/ forte era maior na loja em que a clientela era favorecida socioeconomicamente, ou seja, a *Sacks*, e que ia decaindo nas lojas com status médio, a *Macy's*, e inferior, a *S. Klein*.

É interessante notar que os empregados dessas três lojas possuíam perfis socioeconômicos bem parecidos. Inclusive, as melhores condições salariais não estariam na *Sacks*, que é a loja com um público-alvo mais rico, mas sim na *Macy's*, que possui compradores de nível social intermediário.

Esses estudos – principalmente o de Martha's Vineyard, em que o autor precisou adentrar na comunidade de fala pesquisada e entrevistar seus moradores – serviram como base, também, para que Labov discutisse o que ele chamou de paradoxo do observador: o entrevistador deveria buscar os dados de fala mais naturais possíveis, os do vernáculo, quando os falantes não se dão conta de que estão sendo sistematicamente observados (cf. LABOV, 2008 [1997], p. 244-245). Uma forma de isso ser possível é a partir de procedimentos que desviem a atenção do falante, como pausas e intervalos, ou então com narrativas que envolvam a emoção da pessoa, como as feitas a partir de perguntas como “Você já viveu uma situação em que correu sério risco de morrer?” (LABOV, 2008 [1997], p. 245), ou que envolvam memórias da infância, como brincadeiras e cantigas. Essas técnicas fazem com que haja uma mudança no grau de atenção que o falante presta à fala.

Nos dois trabalhos supracitados, as variações na língua foram estudadas levando em conta fatores sociais dos grupos de análise. A Sociolinguística entende a variação linguística como sistemática e regular. Dessa forma, a língua, embora possua estrutura, também possui variabilidade em suas formas, com duas ou mais variantes para retratar certo fenômeno. Entretanto, essas variantes não são escolhidas de modo aleatório, mas, sim, a partir de uma heterogeneidade ordenada, que, para ser compreendida, precisa do uso de extensa metodologia a fim de verificar quais contextos favorecem ou desfavorecem certas formas. Como explicitam Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 125),

A mudança linguística não deve ser identificada como deriva aleatória procedente da variação inerente na fala. A mudança linguística começa quando a generalização de uma alternância particular num dado subgrupo da comunidade de fala toma uma direção e assume o caráter de uma diferenciação ordenada.

A variação e a mudança são, portanto, inerentes às línguas naturais e dependem de vários fatores externos: idade, sexo/gênero e classe social do falante, tipo de registro – fala ou escrita –, situação comunicativa, entre outros. Conforme afirmam Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 125), “nem toda variabilidade e heterogeneidade implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade”.

Portanto, a mudança linguística não ocorre de modo abrupto, mas, sim, de forma lenta e gradual, até atingir todo o sistema.

Após a explanação da teoria que rege o trabalho em tela, abordaremos as características do gênero que utilizamos para nossa pesquisa: a história em quadrinhos.

### 3.2 O GÊNERO TEXTUAL-DISCURSIVO EM QUESTÃO: AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Propomos, nesta seção, uma análise sobre o gênero história em quadrinhos e suas particularidades. Antes, no entanto, faremos alguns apontamentos sobre a noção de texto e gêneros textuais que usaremos para isso.

Beaugrande (1997, p. 10) aborda a já conhecida noção de que o texto é “um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas, e não apenas sequência de palavras que são faladas ou escritas”, ou seja, o texto não é somente algo falado ou escrito, mas todo o processo de interação que o ronda. Contudo, não podemos considera-lo somente com o que está nas palavras, como traz o autor, já que contempla, também, o que está no não-verbal.

Nesse caso, podemos adotar uma noção ainda mais atualizada de texto, descrito por Capistrano Júnior e Elias (2019, p. 101): “[...] realização humana que assume uma dada configuração, organizada sob um determinado suporte (papel, tela etc.) em interações situadas e ancoradas socioculturalmente, constituindo-se num evento comunicativo singular”.

Já os gêneros textuais podem ser definidos seguindo a afirmação de Marcuschi (2007 [2002], p. 19), que explicita que

[...] os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. São entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa.

Ou seja, gêneros textuais “são realizações linguísticas concretas” (MARCUSCHI, 2007 [2002], p. 23) e orientam nossa ação humana de nos comunicarmos – como moldes para sabermos a situação comunicativa e como nos portarmos frente a ela. Com a história em quadrinhos – gênero do *corpus* que adotamos neste trabalho – não é diferente.

A utilização da linguagem não-verbal para passar uma mensagem é milenar e usada por civilizações diversas. Os quadrinhos, um misto dessa modalidade com a escrita, surge na Europa, na metade do século XIX, com histórias narradas por palavras e imagens por autoria de jornalistas locais. No século XX, porém, com o *boom* da indústria dos jornais, os quadrinhos se expandiram, até ganhar mercado próprio (MENDONÇA, 2007 [2002], p. 210).

Quadrinhos, segundo Ramos (2007), é um hipergênero, no qual estão inseridas várias formas de quadrinhos, além das páginas dominicais e das tiras. Em uma revista em quadrinhos, segundo o autor, há vários desses gêneros, sendo a própria revista o suporte.

Caracteriza-se por ser um gênero constituído quadro a quadro, e tudo que acontece na narrativa é agrupado dentro desses quadros – ou seja, os elementos da narrativa, como tempo, espaço, personagens e contextos, todos se concentram dentro do contorno. A leitura é conhecida: guiam-se os olhos pelos quadrinhos, faz-se uma associação entre signos verbais e não-verbais e, daí, cria-se o entendimento. Trata-se, portanto, de um gênero altamente multimodal, em que são necessários diversos tipos de letramento para a compreensão (cf. DIONISIO, 2011).

A tipologia textual utilizada nos quadrinhos é, principalmente, a dialogal. Adam (2019, p. 211) entende que a interação dialogal, de qualquer natureza, colabora “para uma unidade perfeitamente identificável, que contém um início e um fim e modos de encadeamento de turnos de fala”. Esses turnos de fala são caracterizadores das histórias em quadrinhos, que mostram, em grande parte, uma conversa entre os personagens. Outra tipologia constante no gênero é a narrativa. Mendonça (2007 [2002], p. 195), inclusive, acredita que essa seja a tipologia predominante nas histórias

em quadrinhos, podendo ter presença de outros tipos textuais, como sequências argumentativas e injuntivas.

Marcuschi (2008, p. 194), ao refletir sobre a noção de domínio discursivo, considera esse como “uma esfera da vida social ou institucional [...] na qual se dão práticas que organizam formas de comunicação e respectivas estratégias de compreensão” e entende que a definição é importante para sabermos “que nosso comportamento discursivo num circo não pode ser o mesmo que numa igreja e que nossa produção textual na universidade e numa revista de variedade não será a mesma” (MARCUSCHI, 2008, p. 194). Por isso, o autor enquadra a história em quadrinhos no domínio discursivo lazer, junto com gêneros como piadas, jogos, adivinhas, palavras cruzadas e horóscopos. Para o autor, as narrativas e as piadas se encontram em um ponto mais próximo à escrita, ao delimitar o *continuum* de fala e escrita.

Já a variedade linguística usada pelo gênero vai depender de qual público se deseja atingir. Há, por exemplo, casos de quadrinhos voltados ao público adulto, interessado em histórias de super-heróis ou com um teor mais dramático – com certeza, a linguagem não será igual à de histórias voltadas ao público infantil. Independentemente de seu público, as histórias em quadrinhos se caracterizam por “constituir num texto escrito com intenção de “reproduzir” a língua falada, atualizada nos diálogos construídos nas interações realizadas entre personagens” (LINS, 2008, p. 13).

Mendonça (2007 [2002], p. 196) também entende que o gênero teria base escrita, “pois os chamados “guiões” – narrativas verbais que orientam o trabalho do desenhista – precedem a quadrinização”. Lins (2009, p. 957), por outro lado, entende que os quadrinhos estão mais no campo da fala, e que mesmo concretizados na escrita com ajuda do visual, configuram-se como “um texto para ser lido, mas com a intenção de se fazer escutar”.

Ao partirmos para a ideia de concepção e meio, estabelecida por Marcuschi (2008, p. 192), também encontramos dificuldade de encaixar o gênero em tela. O autor estabelece os seguintes parâmetros: domínio [a] teria concepção oral e meio sonoro; já o domínio [b] teria a concepção oral e meio gráfico; o domínio [c] seria representado por concepção escrita e meio gráfico; e o domínio [d] teria meio sonoro e concepção escrita. Sendo assim,

[a] o domínio do tipicamente falado quanto ao meio e quanto à concepção, que é a produção original. Já a sua contraparte seria o domínio [c] correspondente ao tipicamente escrito. Por outro lado, tanto [b] como [d] seriam os domínios mistos das mesclagens de modalidades. Note-se que a concepção diz respeito à versão original e o meio diz respeito ao modo de recepção (MARCUSCHI, 2008, p. 192).

Dessa forma, as histórias em quadrinhos seriam mais prováveis de se encaixarem no domínio misto [b] – concepção oral e meio gráfico. Contudo, entramos na discussão anterior: estaria esse gênero mais no campo da concepção oral ou escrita? Se considerarmos o domínio [c], tipicamente escrito, nos deparamos com uma definição que engloba, entre outras, o texto científico, que se afasta bastante das histórias em quadrinhos. Entendemos, portanto, que essa definição do autor não abrange totalmente o gênero em questão, que é perpassado por questões maiores por conta de sua configuração e multimodalidade.

Ao fazermos uma análise sociolinguística sobre este gênero, percebemos, no entanto, que nem sempre o que vemos na escrita é o que acontece na fala. Nosso próximo ponto, portanto, discute pesquisas que associam a variação linguística e o gênero histórias em quadrinhos.

### **3.2.1 As histórias em quadrinhos e a variação linguística**

Como visto, gêneros textuais são realizações linguísticas concretas (cf. MARCUSCHI, 2007 [2002]) que guiam nossos propósitos comunicativos. Por isso, podemos considerar, assim como descreve Biazolli (2009, p. 655), que “as mudanças que se efetuam nos gêneros textuais são indissociáveis das mudanças da vida social que, por sua vez, entre outros aspectos, condicionam as mudanças na língua”.

As histórias em quadrinhos aderem a esse padrão. Suas mudanças, ao longo dos anos, seguem as mudanças que ocorreram na língua. Um exemplo próximo e do qual o *corpus* dessa pesquisa faz parte são as revistas da Turma da Mônica. A criação do cartunista Maurício de Sousa é pioneira nas revistas de histórias em quadrinhos no

Brasil. A publicação surgiu em 1959, com tirinhas em que os personagens Bidu e Franjinha eram os protagonistas, sendo trocados entre 1960 e 1963 por Mônica e Cebolinha. Apenas em 1970 a personagem ganhou seu próprio gibi.

Embora uma das características do gênero seja, como falamos anteriormente, a representação da fala, na época em que a revista foi lançada “havia [...] um senso de que a escrita direcionada à criança deveria retratar a chamada “boa língua” (RAMOS, 2017, p. 50). Isso fazia com que a linguagem usada fosse revisada, pautada nas gramáticas tradicionais.

Esse distanciamento da fala infantil era possível de ser vista até em revistas do Chico Bento, personagem considerado “roceiro”. Apresentado atualmente como um falante que faz uso das variantes menos prestigiadas da língua, o personagem, que apareceu pela primeira vez numa revista da Mônica de 1973, usava a norma culta e variantes consideradas de prestígio e em declínio na língua, como o clítico acusativo na função do objeto direto.

FIGURA 8 - O falar culto do Chico Bento em 1973



Fonte: CEBOLINHA (2015 [1973], n. 08, p. ?)

Com o tempo, a variedade caipira tomou força e moldou a personalidade do personagem, que vive no interior e está sempre afastado das coisas da dita “cidade grande”.

Esses usos que fogem ao padrão são vistos, muitas vezes, de forma preconceituosa, como se fossem provenientes de pessoas com baixa escolaridade. Porém, segundo Casella (2016, p. 83),

[...] ao contrário do que pode parecer sem uma análise sociolinguística, a maior parte dos traços linguísticos que são dados a ver com caracterizadores da fala caipira nestas tirinhas são, na verdade, traços graduais da língua portuguesa falada no Brasil, isto é, são marcas linguísticas que estão presentes no uso linguístico cotidiano do brasileiro.

Ou seja, a variedade considerada rural mostrada nos quadrinhos, com variantes como a ditongação (nóis, treis), a aférese (tá, cê, ocê) e a apócope (falá, cantá), não são de fato desprestigiadas na variedade urbana. O que ocorre nas HQs é a representação gráfica de formas de fala utilizadas por todos os brasileiros, sejam eles da zona rural ou urbana, mas que, nas publicações, só são usadas para retratar a Turma do Chico Bento. Isso faz com que as variantes que os personagens usam aparentem ser típicas da representação midiática do falar dos povos do interior.

Esse fator também pode ser visto em Othero *et. al* (2018, p. 78). Ao retomarmos a esse texto, vemos que, tratando-se do fenômeno objeto direto anafórico, os quadrinhos continuam tendo um direcionamento linguístico, em que, ao passarem pelo crivo dos editores, mantêm uma linguagem pautada na gramática tradicional.

Em resumo, diferentemente do afirmado por Lins (2009, p. 957), a linguagem dos quadrinhos nem sempre está no campo da fala. Por vezes, as variantes usadas podem se aproximar do recomendado pela tradição gramatical, sendo o uso do vernáculo menos frequente.



## 4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

---

Grande parte das pesquisas que têm como base teórica a Sociolinguística Variacionista utilizam-se de conceitos da sociologia, da matemática e da estatística, entre outros campos. Isso porque são usados aparatos dessas áreas e de outras para verificar se há a variação ou a mudança da língua e como essas ocorrem. Nesta seção, mostramos quais as metodologias utilizadas na construção do trabalho em tela e em que medida há diálogo com as áreas supramencionadas.

### 4.1 TEMPO REAL E TEMPO APARENTE

Ao analisarmos a mudança em curso, deparamo-nos com dois métodos de fazê-la: o de tempo aparente e o de tempo real (cf. LABOV, 1994). Baseando-nos na definição estabelecida por Meyerhoff (2006, p. 127, tradução nossa), temos a primeira como a comparação “entre os falantes de diferentes idades em uma única comunidade de fala em determinado momento no tempo”<sup>3</sup>. A mudança pode ser vislumbrada quando há o uso mais frequente da variante inovadora na fala de pessoas mais jovens, quando comparada à de pessoas mais velhas. Já a mudança em tempo real é aquela verificada no passar dos anos, analisando um *corpus* de um período com o de outro período, a fim de ver como a variação se deu em sincronias distintas. Como esse último é o que usamos na presente pesquisa, apresentaremos brevemente o primeiro e, depois, focaremos na mudança em tempo real.

Quando há dificuldade em se obter um *corpus* diacrônico, que contemple um período de tempo determinado, é necessária que a passagem do tempo seja simulada. Para isso, o tempo aparente é usado. Nesse construto (PAIVA; DUARTE, 2003), falantes de diferentes idades são gravados e, caso haja diferença em sua fala, pode-se supor

---

<sup>3</sup> “The apparent passage of time is measured by comparing speakers of different ages in a single-speech community at a single time.”

que ali está ocorrendo uma mudança. Segundo Paiva (2016, p. 26), há duas hipóteses que regem as mudanças em tempo aparente.

A primeira delas é a de que, como as mudanças ocorrem na comunidade de fala, refletem, necessariamente, sua diversidade social. A segunda hipótese está relacionada à aquisição da linguagem e prevê que a grande maioria do sistema linguístico é adquirida durante a infância e mantém-se estável a partir do início da adolescência.

Isso quer dizer que a variedade usada por uma pessoa é aquela adquirida no chamado *período crítico*, que começa aos 5 anos de idade e consolida-se no início da adolescência (MEYERHOFF, 2006). Levando em conta que a língua é um sistema em constante variação e mudança, há variantes novas surgindo a todo momento, que entram na fala, principalmente na dos mais jovens. Elas se expandem, geração após geração, até que a variante mais antiga possa vir a desaparecer por completo.

No entanto, esse tipo de análise possui dois problemas principais, como pontua Paiva (2016): o primeiro, é o fato de a coleta de dados poder ou não ser representativo daquela comunidade de fala em questão. O segundo é que, ao analisarmos faixas etárias distintas, enquadraremos falantes que podem estar em períodos da vida em que o uso de uma variedade mais culta, por exemplo, pode ser a opção mais frequente. É o que Labov (1994, p. 84, tradução nossa) chama de *age-grading*: quando “os indivíduos mudam seu comportamento linguístico ao longo da vida, mas a comunidade como um todo não muda”<sup>4</sup>, por conta de pressões pelo trabalho ou por outras atividades que requerem comportamentos linguísticos ligados à variedade prestigiada.

Considerando que a análise em tempo aparente “envolve admitir um sistema linguístico estável no indivíduo e mutável na comunidade de fala” (PAIVA, 2016, p. 27), essa passa a ser discutível, já que nega que indivíduos adultos não possam inserir novas variáveis ao seu repertório linguístico.

---

<sup>4</sup> “If individuals change their linguistic behavior throughout their lifetimes, but the community as a whole does not change, the pattern can be characterized as one of age-grading.”

A metodologia baseada no tempo real visa analisar a língua em diferentes momentos do tempo, a fim de mostrar como acontece – ou está acontecendo – gradativamente a mudança com o passar do tempo. Esse tipo de análise pode ser feito de duas formas: por meio de estudos de tendência (*trend studies*) e por meio de estudos de painel (*panel studies*).

O estudo de tendência tem como finalidade comparar diferentes pessoas, mas com o mesmo perfil social, em diferentes momentos dentro de uma mesma comunidade de fala, para que seja possível ver se a mudança se deu na comunidade. Neste caso, pode-se observar a mudança na comunidade, já que os indivíduos são diferentes, mas referem-se ao mesmo perfil social em momentos distintos.

O estudo de painel é mais complexo, já que o mesmo falante deve ser regravado em momentos distintos, num intervalo de tempo relativo a uma geração, o que torna a pesquisa, por vezes, inviável, já que nem sempre é possível recontatar o falante. Esse tipo de estudo revela a mudança linguística no indivíduo, uma vez que revela as possíveis mudanças que podem acontecer no decorrer da vida de uma pessoa.

Ambas as definições, no entanto, não cabem em nossa pesquisa. Se a entendermos como um estudo de tendência, compreendemos a classe dos redatores de quadrinhos, que estão por trás de cada história. Esses, mesmo que mudem com o tempo, fazem parte de uma mesma comunidade de prática<sup>5</sup> que reflete a mudança dentro de tal comunidade na língua. Porém, se entendermos como um estudo de painel, considerando o personagem como falante, temos uma mesma “pessoa” que, todavia, não muda a idade – as crianças sempre serão crianças, os adultos sempre

---

<sup>5</sup> Comunidade de prática é um estudo, proposto por Eckert (2000), em que os indivíduos pertencentes a certos grupos que dividem práticas sociais iguais, dividiram, também, repertório linguístico semelhante. Segundo Meyerhoff (2006), essas comunidades são caracterizadas por compromisso mútuo entre os participantes, um repertório compartilhado e uma iniciativa em conjunto entre os participantes. Para a autora, esse último critério seria o mais importante já que os membros da comunidade prática “não estão apenas em contato uns com os outros, mas estão trabalhando para algum objetivo comum, ou estão definindo e satisfazendo alguma iniciativa específica” (MEYERHOFF, 2006, p. 189, tradução nossa – em inglês: “The criterion of a jointly negotiated enterprise tells us that the members of a community of practice are not just in contact with each other, but they are working towards some shared goal, or are defining and satisfying some specific enterprise”). Meyerhoff ainda ressalta que as três características são bem prováveis de ser vista no ambiente de trabalho.

serão adultos, e assim por diante. Dessa forma, propomo-nos a não encaixar em nenhum dos dois tipos de estudo.

A partir dessa metodologia em tempo real, constituímos nosso *corpus* de análise, com revistas em quadrinhos em diversas sincronias, como abordaremos no tópico a seguir.

## 4.2 CORPUS DA PESQUISA

O projeto PortVix - Português falado na cidade de Vitória-ES (YACOVENCO *et al.*, 2012) é composto por 46 entrevistas tipicamente labovianas, distribuídas por gênero/sexo (masculino e feminino), faixa etária (7 a 14, 15 a 25, 26 a 49, 50 anos ou mais), e nível de escolaridade (ensino fundamental, médio e superior), gravadas entre os anos de 2000 e 2002. Essa amostra é inédita em Vitória, visto que foi a primeira com a metodologia sociolinguística na cidade e que possibilitou a realização de diversos trabalhos sobre a fala capixaba.

Com uma metodologia pioneira nessa localidade, o *corpus* do Portvix expandiu-se, incluindo entrevistas com falantes do interior do Espírito Santo (FOEGER, 2014; LOPES, 2014; LOPES, 2020), como da zona rural de Santa Leopoldina, município localizado na região serrana do estado, além da gravação de telejornais capixabas (SANTOS, 2020). Também incluiu amostras escritas, como cartas e postais de capixabas do século XX (MASSARIOL, 2018; SCHERRE; YACOVENCO; SCARDUA, 2018), textos jornalísticos, como o editorial e a carta do leitor (SOUSA, 2018; BENINCÁ; YACOVENCO, 2020), e as histórias em quadrinhos, sendo este o gênero analisado no presente trabalho.

No primeiro momento, ao delimitarmos nosso *corpus* de análise, pensamos em utilizar um livro de edição especial da Turma da Mônica, que continha as primeiras histórias da publicação, datadas do início dos anos de 1970 (SOUSA, 2002) – esse era, até então, o único material a que tínhamos acesso dessa década –, além de 25 revistas das outras décadas – 1980, 1990, 2000 e 2010 –, pensando que assim teríamos um número de casos equivalentes entre elas. Ademais, como gostaríamos que a linguagem dos quadrinhos correspondesse à década de sua publicação, nossa ideia

era que as revistas de que tiraríamos nossas ocorrências fossem veiculadas nos anos terminados entre 3 e 7, o que chamamos de “meio de década”.

Contudo, ao iniciarmos a codificação, constatamos que o número de páginas das revistas aumentou com o passar do tempo causando uma disparidade na análise por década.

Por esse fator, deixamos de computar por revista e passamos a computar por número de ocorrências, até atingirmos uma faixa de 440 a 450 dados por década. Esse padrão no número de ocorrências não surgiu aleatoriamente, mas deu-se por conta do número de casos de objeto direto anafórico da década de 1970: mesmo que tenhamos conseguido, após um tempo, mais publicações dessa década, ainda é um material de difícil acesso. Apesar de grande empenho e árduo trabalho de pesquisa, obtivemos 21 revistas dessa década, além do livro especial já supracitado.

Ao todo, conseguimos, nas revistas desse período, o total de 445 ocorrências do objeto direto anafórico de terceira pessoa. Tais revistas também não seguem a regra que estabelecemos de somente analisar publicações dos anos terminados entre 3 e 7, pois, para essa década, conseguimos somente material publicado entre os anos de 1970 e 1974.

Na Tabela 3, encontra-se o número de publicações utilizadas e ocorrências encontradas em cada uma das décadas analisadas:

TABELA 3 - Número de publicações e ocorrências por sincronia analisada

<b>Década</b>	<b>Número de publicações</b>	<b>Número de ocorrências</b>
1970	21	445
1980	45	441
1990	46	442
2000	33	445
2010	35	445
<b>TOTAL</b>		2218

Após constituirmos nosso *corpus*, estabelecemos as variáveis que analisamos nas ocorrências de objeto direto anafórico encontradas. É sobre essas variáveis e suas hipóteses que trataremos no próximo tópico.

### 4.3 VARIÁVEIS ANALISADAS E HIPÓTESES

Conforme mencionado anteriormente, para a Sociolinguística Variacionista, a língua possui uma heterogeneidade ordenada, ou seja, a variação e a mudança não ocorrem de maneira aleatória, mas a partir de fatores internos e externos que as condicionam. Nesta seção, enumeramos algumas das variáveis que compreendemos como importantes para atuarem na variação do objeto direto anafórico de terceira pessoa. Relatamos, também, que retiramos a maior parte das variáveis independentes do trabalho de Berbert (2015) – inspiradas em outros trabalhos – e temos como hipóteses os resultados encontrados nesse e em outros trabalhos que tratam do fenômeno do objeto direto anafórico.

#### 4.3.1 As variáveis semânticas

Todas as pesquisas que se aprofundam em entender como ocorre a variação do objeto direto anafórico de terceira pessoa trazem as variáveis semânticas – principalmente a animacidade do antecedente – como fortes atuantes na escolha de qual variante usar.

No fator animacidade do antecedente, a categoria vazia é favorecida quando o traço do antecedente é [-animado] e as formas pronominais são favorecidas quando o traço é [+animado], como constata Omena (1978) e Duarte (1986). O fator [+/- humano] também é considerado importante, por exemplo, na pesquisa de Malvar (1992), mas, na presente pesquisa, amalgamamos o traço de [+/- humano] ao de animacidade, havendo, assim, três fatores: [+animado +humano], [+animado –humano] e [-animado]. Esses traços são relativos ao antecedente, como menciona Berbert (2015, p. 49).

Animacidade e humanidade do referente

**[+animado +humano]**

FIGURA 9 - Exemplo de antecedente [+animado +humano] no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: MAGALI (1996, n. 173, p. 14)

(8) “Depois que você saiu, o *Geraldinho* passou em casa e eu resolvi trazê-lo pra vocês se conhecerem melhor!”

**[+animado -humano]**

FIGURA 10 - Exemplo de antecedente [+animado -humano] no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: ALMANAQUE DA MAGALI (2016, n. 59, p. 30)

(9) “Uau, Chico! Qui *pexão*! Vamo fritá **ele**, pra nós cumê?”

**[-animado -humano]**

FIGURA 11 - Exemplo de antecedente [-animado -humano] no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: CEBOLINHA (1984, n. 144, p. 41)

(10) “*Esta jaqueta é um charme! Você vai adorar ∅!*”

Já o traço de especificidade, como explica a autora, depende da estrutura sintática da oração em que os antecedentes estão inseridos. São os determinantes que nos mostram qual a especificidade do sintagma. Observe os exemplos a seguir, retirados de Berbert (2015, p. 49):

**Minha** casa é bonita.

**Aquela** casa é bonita.

Quero **uma** casa bonita.

**Todas as** casas são bonitas.

Somente os dois primeiros exemplos têm o referente [+específico]. Os outros dois últimos possuem o referente [-específico]. Adotamos a hipótese de que o fator especificidade possui atuação semelhante ao do fator animacidade: o [+específico] favorecerá as formas pronominais, enquanto o [-específico] favorecerá o nulo e os sintagmas nominais, como atesta, também, Soledade (2011).

Há casos, no entanto, em que o referente faz parte de um grupo específico, mesmo que individualmente não seja específico. Em construções como “**As professoras** da creche”, por exemplo, não sabemos qual é a professora em tese, mas, mesmo assim, essas fazem parte de um grupo específico. Por essa razão, estabelecemos um



*continuum* de [+específico] para [-específico] em que casos como esses ocupariam uma posição intermediária e, por isso, possuem um código de codificação diferente.

### Especificidade do referente

#### [+específico]

FIGURA 12 - Exemplo de antecedente [+específico] no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: MÔNICA (2007, n. 01, p. 7)

(11) “Primeiro, eu estraguei o *projeto* dela e ela tinha que entregar **ele** hoje!”

#### [-específico]

FIGURA 13 - Exemplo de antecedente [-específico] no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: CASCÃO (1985, n. 70, p. 26)

(12) “Quando *uma coisa* não nos serve mais... jogamos **o** fora!”

### [+/-específico]

FIGURA 14 - Exemplo de antecedente [+/-específico] no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: CHICO BENTO (2013, n. 75, p. 59-63)

(13) “Aqui no sítio *os bicho* vive tudo livre i sorto... É só chama **os bicho** qui eles vêm”

No Exemplo (13), o referente “os bicho” é [-específico], pois não sabemos o bicho a que o personagem Chico Bento se refere. No entanto, o grupo é específico: “os bichos da fazenda do Chico Bento”.

### 4.3.2 As variáveis morfológicas

Entre as variáveis morfológicas, escolhemos três como importantes para a variação do objeto direto anafórico de terceira pessoa: a classe gramatical do antecedente – variável testada por Omena (1978) e Duarte (1986) –, o número do antecedente e a forma verbal a que se liga o objeto direto retomado – testada por Duarte (1986).

Na classe gramatical do antecedente, temos por hipótese que há paralelismo linguístico entre as formas, ou seja, quando o antecedente for um pronome, é mais fácil ser retomado também por um pronome. A pesquisa de Malvar (1992) já atesta esse paralelismo.

## Classe gramatical do antecedente

### Substantivo

FIGURA 15 - Exemplo de substantivo como antecedente no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: MAGALI (2006, n. 400, p. 31)

(14) “Zecão, *nossa amiga* tá nas mãos de um vigarista!! Temos que avisar **a Tina!**”

### Pronome

FIGURA 16 - Exemplo de pronome como antecedente no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: AS PRIMEIRAS HISTÓRIAS DA MÔNICA (2002, p. 95)

(15) “Precisamos esperar que *ela* acorde! ... E ver se há um modo de curá-**la!**”

### Vazio

FIGURA 17 - Exemplo de vazio como antecedente no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: PARQUE DA MONICA (1995, n. 32, p. 61-62)

(16) “Mandaram entregar  $\emptyset$  pra você!... Ah, não! Deixa que eu abro  $\emptyset$ !”

No que concerne ao número do antecedente, nossas hipóteses, baseadas nos resultados de Berbert (2015), são as seguintes: (1) os sintagmas no plural favorecem o vazio, este por serem, na maior parte das vezes, mais genéricos, menos específicos; (2) os sintagmas singulares contáveis favorecem o pronome lexical; (3) os sintagmas singulares não-contáveis favorecem a retomada por SN, já que são formas mais neutras, nem tão específicas e nem tão genéricas.

### Número do antecedente

#### **Singular contável**

FIGURA 18 - Exemplo de singular contável como antecedente no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: ALMANAQUE DO CHICO BENTO (2015, n. 52, p. 5)

(17) “Deixe *o menino* ficar aqui esta noite, Bento! Amanhã levo **ele** comigo pra feira!”

#### **Singular não-contável**

FIGURA 19 - Exemplo de singular não-contável como antecedente no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: CASCÃO (2003, n. 423, p. 5)

(18) “Vocês não sabem o que é trabalhar todo dia sem *estímulo*! Procurei  $\emptyset$  em toda parte, mas não achei  $\emptyset$  e pensei que, aqui em casa, eu fosse encontrar **o estímulo** que eu precisava, mas...”

## Plural

FIGURA 20 - Exemplo de plural como antecedente no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: CEBOLINHA (1973, n. 07, p. 46)

(19) "Legal! Pegue as *lalanjas* e jogue-as!"

Duarte (1986), ao analisar a forma do verbo, constata que o clítico apresenta um caráter de resistência entre as formas simples no presente e no passado e as formas com infinitivo, com ou sem locução. Também verifica que o gerúndio favorece o aparecimento dos sintagmas nominais. O pronome lexical seria mais comum com formas imperativas. Consoantes aos resultados de Soledade (2011), que analisou cartas de ilustres do século XIX, acreditamos que, em nosso *corpus*, haja um grande número de objetos nulos em locuções com participípio.

## Forma verbal

### Tempo simples

FIGURA 21 - Exemplo de tempo simples como forma verbal no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: CASCÃO (1985, n. 80, p. 3)

(20) "E o seu *hálito*? Já sentiu o seu *hálito*?"

### Imperativo/subjuntivo

FIGURA 22- Exemplo de imperativo/subjuntivo como forma verbal no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: MÔNICA (1996, n. 110, p. 6)

(21) “Minha levista caiu atlas do *gualda-loupa*! Afasta **ele** pra mim?”

### Infinitivo

FIGURA 23 - Exemplo de infinitivo como forma verbal no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: CEBOLINHA (1974, n. 04, p. 8)

(22) “*Aquele bandido!* Se eu o pegar, eu... grrr!”

## Gerúndio

FIGURA 24 - Exemplo de gerúndio como forma verbal no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: ALMANAQUE DA MÔNICA (2015, n. 51, p. 55-56)

(23) “E aí, meu? O filme já acabou? ... Esperando aquele troço terminar!”

## Locução com participípio

FIGURA 25 - Exemplo de locução com participípio como forma verbal no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: PARQUE DA MONICA (2004, n. 138, p. 46)

(24) “Não lembro de ter entrado em casa com a *sacola*!! Devo ter deixado no banco! Espero que a Renatona tenha ficado com ela!!”

### Locução com infinitivo

FIGURA 26- Exemplo de locução com infinitivo como forma verbal no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: CASCÃO (1984, n. 58, p. 13)

(25) “Tadinho de *Deus!* Vou ajudá-lo!”

### Locução com gerúndio

FIGURA 27 - Exemplo de locução com infinitivo como forma verbal no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: MÔNICA (2013, n. 77, p. 7)

(26) “*Cebolinha?* Eu não tô procurando o Cebolinha!”

### 4.3.3 As variáveis sintáticas

As variáveis sintáticas mostram-se importantes para entender como o objeto direto retomado se comporta na oração em que está. Uma delas, como demonstrado pelas pesquisas de Soledade (2011) e de Berbert (2015), é a função sintática do sintagma antecedente do objeto anafórico.



As pioneiras Omena (1978) e Duarte (1986) comprovam que estruturas sintáticas simples, em que há somente verbo+OD ou verbo+OD+sintagma preposicionado, favorecem a anáfora-zero, enquanto estruturas mais complexas, como verbo+OD+predicativo do objeto ou verbo+OD+outra oração favorecem o pronome lexical.

Segundo Duarte (1986), isso ocorreria, pois, em orações complexas, como as de verbo+OD+predicativo do objeto ou verbo+OD+outra oração, o objeto direto e o predicativo funcionariam como uma segunda oração, em que o objeto direto seria o sujeito. Observe o exemplo de Duarte (1986, p. 23):

Eu não tenho nada para reclamar dela não! Eu acho **ela** sensacional!  
(V+OD+predicativo do objeto)

O objeto direto da segunda oração equivaleria, dessa forma, à oração:

Eu acho que **ela** é sensacional.

A autora também chama atenção para casos em que há outras orações com verbos no gerúndio e no infinitivo. Nessas sentenças, nas palavras de Duarte (1986, p. 25), “o verbo da oração subordinada projeta uma estrutura com agente, que é justamente o objeto da oração principal”. Essas novas orações, que tornam o OD em agentes/sujeitos favoreceriam o pronome lexical, como no exemplo usado pela própria Duarte (1986, p. 24):

Quando nós estávamos assim saindo da loja, nós vimos **eles** quase parando o carro.

Seria possível, portanto, transformar o OD marcado em sujeito, como no exemplo a seguir:

Quando nós estávamos assim saindo da loja, nós vimos que **eles** estavam quase parando o carro.

Nossas hipóteses, portanto, levam em conta as análises e baseiam-se nos resultados das referidas autoras. Abaixo traremos exemplos para cada uma dessas ocorrências

## Estrutura sintática da sentença

### V+OD

FIGURA 28 - Exemplo de estrutura sintática da sentença com V+OD no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: MÔNICA (1970, n. 01, p. 32)

(27) “Agora penso que *meu antídoto* está completo!... Vou experimentá-**lo**!”

### V+OD+Sprep

FIGUA 29 - Exemplo de estrutura sintática da sentença com V+OD+Sprep no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: CHICO BENTO (2004, n 434, p. 20)

(28) “Vô pegá *arguns pedreguio* i joga **o** drento daquele jarro!”

### V+OD+predicativo do objeto

FIGURA 30 - Exemplo de estrutura sintática da sentença com V+OD+predicativo do objeto no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: MÔNICA (1997, n. 127, p. 7)

(29) “Por que o *velho solitário* grita toda vez que ouve o badalar do big ben! ... Sei lá, talvez o barulho tenho deixado **ele pinel!**”

### V+OD+oração

FIGURA 31 - Exemplo de estrutura sintática da sentença com V+OD+oração no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: MÔNICA (1996, n. 110, p.37)

(30) “*Ele* tá mais sério que uma pedra! É impossível fazer **ele rir!**”

O trabalho de Soledade (2011) evidencia que a função sintática de objeto direto exercida pelo sintagma antecedente favorece o vazio e o sintagma nominal. O clítico é favorecido por antecedentes que se encontram na posição de sujeito, assim como a outra forma pronominal, o pronome lexical, como também comprova Berbert (2015). A autora também encontrou que a forma vazia seria favorecida quando o antecedente fosse tópico. Esse resultado, segundo Galves (2001 *apud* BERBERT, 2015), seria devido à ligação direta entre o objeto e tópico, o que o torna sempre acessível e, dessa forma, torna-se dispensável o uso de um mediador como o pronome clítico. Omena,

por seu turno, (1978, p. 99) verificou que o pronome nulo seria favorecido quando o antecedente “constitui cópia de um item com função idêntica na outra oração”.

Portanto, a partir dessa análise e dos resultados encontrados em pesquisas anteriores, formulamos nossas hipóteses.

### Função sintática do antecedente

#### **Sujeito**

FIGURA 32 - Exemplo de sujeito como função sintática do antecedente no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: CEBOLINHA (1970, n. 13, p. 42)

(31) “Xiii! *Ele* desmaiou!... Vou levá-**lo** ao médico!

#### **Objeto direto**

FIGURA 33 - Exemplo de objeto direto como função sintática do antecedente no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: CHICO BENTO (2007, n. 12, p. 5)

(32) “Ele deve di tê memo visto *o Gigante*... pra fica tão abalado! ... Mais como ele podia di tê visto  $\emptyset$ , si tava um nevoero tão forte?

## Objeto indireto

FIGURA 34 - Exemplo de objeto indireto como função sintática do antecedente no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: CHICO BENTO (1983, n. 31, p. 22)

(33) “Vamos falar com *eles*! E tentar acalmá-**los**!”

## Tópico

FIGURA 35 - Exemplo de tópico como função sintática do antecedente no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: MAGALI (1993, n. 95, p. 29)

(34) “A *geladeira*, eu nunca consegui abrir  $\emptyset$ !”

## Complemento preposicionado

FIGURA 36 - Exemplo de complemento preposicionado como função sintática do antecedente no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: MÔNICA (1970, n. 03, p. 19)

(35) “Vamos ficar com *aqueles dentões!* Se conseguirmos arrancá-**los!**”

## Predicativo

FIGURA 37 - Exemplo de predicativo como função sintática do antecedente no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: CASCÃO (2017, n. 22, p. 64)

(36) “Cascão, isso é *uma álvole!*... Eu sei! Eu adotei **essa árvore!**”

## Outros

FIGURA 38 - Exemplo de outros como função sintática do antecedente no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: ALMANAQUE DO CASCÃO (1995, n. 29, p. 63)

(37) “Xiii! O Zelão! Está brabo comigo, só porque rapelei **ele** no bafo!”

### 4.3.4 As variáveis extralinguísticas

A Sociolinguística Variacionista relaciona a língua a seu campo social para entender a variação e a mudança. Sabemos que, se a sociedade muda, a língua muda junto com ela. Ao analisarmos as revistas em quadrinhos da Turma da Mônica, trouxemos duas variáveis que podem atuar sobre a escolha do objeto direto anafórico de terceira pessoa: a localidade do personagem e o ano de publicação da revista.

A localidade do falante foi inserida nas análises por conta das revistas do personagem Chico Bento, que é conhecido por representar a fala de pessoas do interior. No *continuum* entre fala rural e fala urbana, estabelecido por Bortoni-Ricardo (2011), o jeito de falar do núcleo desse personagem estaria situado na fala rural – que, em seu extremo, estão os dialetos rurais mais isolados. Isso se dá porque Chico e sua turma moram em uma comunidade rural, sem acesso a tecnologias, como celular e computador. Além disso, ele é sempre retratado com seu pai, trabalhando na roça, e possui um grande pertencimento ao local, evidenciado por suas vestimentas, com chapéu de palha e pés descalços, e por seu pertencimento ao local – ele frente ao desconhecido, como ir a shoppings ou enfrentar o tráfego das grandes cidades.

Dessa forma, o personagem não poderia ser visto como o que a autora chama de “rurbanos” – caracterizados por falantes não-alfabetizados ou semialfabetizados que vivem nas cidades ou falantes que moram no meio rural mas tem acesso a tecnologias –, já que foge muito a essa classificação, opondo-se ao que vem da cidade.

Malvar (1992), ao observar o comportamento linguístico de crianças da quarta série que moravam em zona urbana e rural a fim de analisar o contraste entre esses locais de moradia, verificou que não havia diferença no uso de objeto direto anafórico entre as crianças das duas variedades. Bortoni-Ricardo (2011, p. 23) ressalta que “os traços graduais não-padrão do Brasil ocorrem na fala de todos os grupos sociais em graus diversos, independentemente de seus antecedentes rurais ou urbanos”. Entretanto, nas revistas em quadrinhos, há uma nítida diferença entre o tratamento dado aos personagens rurais e urbanos, daí, em nossa pesquisa, procurarmos observar se há diferença no uso do objeto direto anafórico entre os personagens das duas localidades.

Os personagens pertencentes à Turma do Chico Bento fazem uso de diversas variantes consideradas não prestigiadas - como as já mencionadas ditongação, aférese e apócope. Temos por hipótese que, por um lado, a frequência de clíticos nesse núcleo seria baixa ou inexistente, e, por outro, o uso do pronome lexical seria maior do que o visto nas histórias que retratam o meio urbano.

### Localidade do personagem

#### **Urbano**

FIGURA 39- Exemplo de variedade urbana no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: ALMANAQUE DO CASCÃO (1995, n. 29, p. 8)



(38) “Eu estava passando pela fila do cinema e achei *esta entlada!* Algum azalado deve ter peldido ø!”

## Rural

FIGURA 40 - Exemplo de variedade rural no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: CHICO BENTO (1987, n. 01, p. 13)

(39) “Óia! Tinha *outro boto!*... Parece um fiote! Como não vimo **ele** antes?”

O ano de publicação da revista é a motivação que rege este trabalho: o clítico acusativo estaria perdendo força com o passar do tempo, sendo gradualmente substituído pelas outras formas. O pronome lexical, não recomendado pelas gramáticas prescritivas, teria mais casos ao passar do tempo, assim como a categoria vazia. Os sintagmas nominais, por conta da constituição do gênero história em quadrinhos, seriam a forma preferida para retomada do objeto direto anafórico.

## Ano de publicação

### Década de 1970

FIGURA 41 - Exemplo de ocorrência de objeto direto anafórico em revistas da década de 1970 no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: MÔNICA (1971, n. 16, p. 25)

(40) “Não aguento mais de curiosidade de saber o que há dentro *dessa urna!* ...Ajude a abri-la! Por favor!”

### Década de 1980

FIGURA 42 - Exemplo de ocorrência de objeto direto anafórico em revistas da década de 1980 no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: CASCÃO (1985, n. 70, p. 24)

(41) “E você tem *uma peça linda* aqui! ... É bijuteria! ... Ora! Não deixa de ser linda! Quer vender  $\emptyset$ ?”

### Década de 1990

FIGURA 43 - Exemplo de ocorrência de objeto direto anafórico em revistas da década de 1990 no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: ALMANAQUE DO CASCÃO (1995, n. 29, p. 12)

(42) “Só vi, Rosimilda! Aquele indiozinho está com *uma fortuna* pendurada no pescoço... Temos que conseguir **essa pepita!**”

## Década de 2000

FIGURA 44 - Exemplo de ocorrência de objeto direto anafórico em revistas da década de 2000 no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: CHICO BENTO (2007, n. 01, p. 41)

(43) “Mais aí num ia tê graça pegá *goiaba*, né?... Agora, nós carece di lavá **a goiaba** antis di comê!”

## Década de 2010

FIGURA 45 - Exemplo de ocorrência de objeto direto anafórico em revistas da década de 2010 no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: MÔNICA (2016, n. 09, p. 73)

(44) “Apareceu *uma aranha* no meu quarto!... Que medlosa! Por que não enflenta **ela**?”

### 4.3.5 A variável funcional

Segundo a Teoria de Acessibilidade (ARIEL, 1988), um dos fatores que afeta a acessibilidade do antecedente é a distância entre esse a anáfora. Em um quadro geral, a autora constata que os pronomes

[...] são predominantemente usados quando as distâncias são curtas, demonstrativos anafóricos são usados em casos de distância intermediária e descrições definidas referem-se principalmente a antecedentes fora da sentença em que ocorrem, quando esses não estão por perto<sup>6</sup> (ARIEL, 1988, p. 69-70, tradução nossa).

Pesquisas sociolinguísticas, como a de Omena (1978) e a de Berbert (2015), não obtêm os resultados esperados para essa variável, relativa à distância entre referente e conseqüente. Na primeira, não se encontra qualquer regularidade, e distâncias curtas (0 a 5 constituintes) mostram um certo favorecimento à categoria vazia e distâncias intermediárias (6 a 20) mostram favorecimento em alguns informantes e desfavorecimento em outros. Já Berbert (2015) vê uma quebra de sua hipótese ao encontrar a categoria vazia e o clítico acusativo favorecidos em grandes distâncias, e as demais formas favorecidas em distâncias intermediárias – o sintagma, por exemplo, é favorecido quando há de 1 a 20 constituintes.

No entanto, no gênero textual desse trabalho, a história em quadrinhos, a contagem dos constituintes seria inviável. Pela configuração do gênero, constituído por quadros e separados por calhas<sup>7</sup>, entendemos que seria melhor contar a separação do antecedente para anáfora através de quadros. Dessa forma, ficou assim estabelecido

---

<sup>6</sup> “The general picture that emerges from counts restricted to anaphoric references is that pronouns are predominantly used when the distances are short, anaphoric demonstratives are used in cases of intermediate distances and definite descriptions mostly refer back to antecedents outside the sentence they occur in, when their antecedents are not even close by.”

<sup>7</sup> As tiras em branco que separam um quadro do outro.

## Distância entre referente e conseqüente

### Mesmo quadrinho

FIGURA 46 - Exemplo de referente e conseqüente no mesmo quadrinho no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: MÔNICA (1970, n. 04, p. 11)

(45) “Ele não merece nossa amizade!... Virou orgulhoso!... Ele foi na direção do rio... Vamos castigá-lo, turma!”

### 1 a 2 quadros de distância

FIGURA 47 - Exemplo de referente e conseqüente a 1 a 2 quadros de distância no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: CEBOLINHA (2013, n. 74, p. 33)

(46) “Falando em coelhada... Cadê o Sansão? ... Eu lesolvi devolver ø pla Mônica”

### 3 a 4 quadros de distância

FIGURA 48 - Exemplo de referente e conseqüente a 3 a 4 quadros de distância no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: MÔNICA (2007, n. 12, p. 52)

(47) “Luca! Quando ouvir o “três”, você vai acordar! Um, dois e três!... Vou ver se consigo fazer **ele** voltar ao que era antes das sessões de hipnotismo!”

## 5 a 6 quadros de distância

FIGURA 49 - Exemplo de referente e consequente a 5 a 6 quadros de distância no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: MÔNICA (2013, n. 73, p. 56)

(48) “*Minhas invenções!!*... Posso ficar a tarde inteira mostrando **as invenções** sem gaguejar! Porque disso eu entendo!”

## 7 ou mais quadros de distância

FIGURA 50 - Exemplo de referente e consequente a 7 ou mais quadros de distância no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: CASCÃO (1993, n. 163, p. 10-11)

(49) “Tá bom... eu entrego o *meu coelhinho*... mas não invadam a Terra! ... Não quer segurar  $\emptyset$  um pouco?”

Nossa hipótese para essa variável é que as distâncias menores favorecem o uso dos pronomes, tanto clítico, quanto lexical. A anáfora-zero teria a preferência nas distâncias intermediárias e o sintagma nominal seria maioria absoluta nas distâncias maiores – principalmente acima de 7 quadrinhos.

Estabelecidas as variáveis e as hipóteses, trazemos, na próxima seção, os dados que foram retirados, isto é, os que não foram considerados em nossa amostra.



#### 4.4 DADOS RETIRADOS DA AMOSTRA

Após a seleção das variáveis que exploramos nesse trabalho, definimos quais os dados seriam computados e quais seriam descartados na nossa amostra e, portanto, não entrariam em nossa análise estatística, como ocorre também em Omena (1978) e Berbert (2015).

Todos os objetos diretos deveriam ter antecedentes no discurso e admitir a representação pelo clítico acusativo, forma preconizada nas gramáticas normativas, para que assim houvesse variação, como nos exemplos abaixo:

FIGURA 51 – Exemplo 1 de dado computado na amostra no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: CEBOLINHA (1973, n. 07, p. 7)

(50) “Estou pleciscando de *umas penas!* O senhor pode vender  $\emptyset$ ?”

FIGURA 52 - Exemplo 2 de dado computado na amostra no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: ALMANAQUE DO CHICO BENTO (1997, n. 39, p. 46)

(51) “Pois é, turma! Pesquei *um pexão* deste tamanho!... Era tão grandão, qui eu precisava di duas canoa pra coloca **o danado** drento i...”

Algumas ocorrências, no entanto, foram retiradas de nossa amostra por conta de sua forma, a nosso ver, não variar. É o que ocorre nos casos abaixo:

a) Quando o verbo *ter* apresentasse sentido de *existir*, *acontecer* ou *haver*.

FIGURA 53 - Dado retirado da amostra por haver verbo *ter* no sentido de existir, acontecer ou haver



Fonte: CEBOLINHA (2006, n. 244, p. 59)

(52) “Er... eu só estava pegando *suclilhos* pla Malia Cebolinha!... Mas pra que tanto? Aqui **tem cereais** pro ano inteiro!

b) Casos em que o objeto direto fosse mencionado numa expressão cristalizada, como “olha ele” – quando enfatizado, em expressões como “olha ele aí”, como determina Bechara (2015, p.180-181) –, “dar aula” etc por sempre aparecer da mesma forma.

FIGURA 54 - Dado retirado da amostra por haver expressão cristalizada



Fonte: MÔNICA (1971, n. 12, p. 6)

(53) “Mas... Você disse que a *Mônica* havia sido dominada... e “**olha ela**” aí!”

c) Dados em que há outras formas como pronomes indefinidos entre o verbo e o objeto.

FIGURA 55 - Dado retirado da amostra por haver determinante entre o verbo e o objeto



Fonte: CHICO BENTO, 1996, n. 238, p. 15-16)

(54) “O quê?! Imagina!! Ocê tem prova qui os *bicho* são seu, tem?... Num carece! Eu conheço **tudo eles!** Di cor i sartiado!”

#### 4.5 TRATAMENTO ESTATÍSTICO DOS DADOS

Após levantar o *corpus*, estabelecer a variável dependente e variáveis independentes, codificamos as ocorrências e realizamos o tratamento estatístico devido. Para esse fim, foi necessário o uso do programa computacional Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), versão do pacote Varbrul para a plataforma Windows.

Segundo Guy e Zilles (2007, p. 105), o pacote em questão é “um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística”. O GoldVarb X gera as frequências absolutas (o número de ocorrências) e as frequências relativas (os percentuais) e, por meio da análise multivariada, gera os chamados pesos relativos, revelando, portanto, a atuação dos fatores linguísticos e extralinguísticos sobre as variantes da variável dependente. O programa atua por meio de pesos relativos, que

[...] calculam os efeitos dos fatores de cada grupo em relação ao nível geral de ocorrências das variantes e resultam de uma análise multivariada. O efeito, assim calculado, pode ser neutro (0,50), favorecedor (acima de 0,50) ou desfavorecedor (abaixo de 0,50) em relação à aplicação da regra em estudo (GUY; ZILLES, 2007, p. 211)

No tocante a nosso fenômeno, o objeto direto anafórico, o peso relativo nos permite observar quais fatores possuem significância estatística para a realização de cada uma das variantes.

É importante mencionar que o programa só aceita análises binárias e a variável de nossa pesquisa é eneária – ou seja, possui mais de duas variantes. Por conta disso, tivemos que isolar cada uma das variantes e amalgamar as demais, para rodar uma contra todas as outras. Exemplo: tomamos o clítico como referência e o rodamos *versus* o pronome lexical, o SN e a categoria vazia juntos, como se uma única variante. Ademais, assim como nos resultados percentuais, retiramos os dados de pronomes demonstrativos.

Outra noção importante para a análise estatística é o *input*, a média global de uma das variantes, ou seja, “o nível geral de uso de determinado valor da variável dependente” (GUY; ZILLES, 2007, p. 238). Quando esse valor se distancia da taxa geral, mostra que não há equilíbrio entre os fatores.

Já o *range* “permite situar grupos de fatores em relação uns aos outros”<sup>8</sup> (TAGLIAMONTE, 2006, p. 242, tradução nossa). É a partir dele que observamos a força de atuação da variável. Ele é obtido através de uma operação de subtração entre o maior peso relativo e menor peso relativo de uma variável, sendo que números mais altos indicam maior força da variável e, conseqüentemente, números mais baixos indicam menor força.

No entanto, como indica Naro (2017, p. 25), a estratégia estatística é de grande validade para os estudos sociolinguísticos, mas não ocupa o lugar do linguista. A ele, cabe o dever de interpretar os dados e analisar sua importância de acordo com a teoria que segue.

---

<sup>8</sup> “The range (or magnitude of effect) enables you to situate factor groups with respect to each other.”

## 5. RESULTADOS GERAIS DA VARIAÇÃO DO OBJETO DIRETO ANAFÓRICO DE TERCEIRA PESSOA

---

Nesta seção, expomos os resultados da nossa pesquisa que visa analisar, em tempo real, a variação do objeto direto anafórico de terceira pessoa nas revistas da Turma da Mônica da década de 1970 até a década de 2010.

Em um primeiro momento, traremos o resultado geral em percentuais com o intuito de compará-lo com os obtidos em outras pesquisas, tanto baseadas em dados de fala, quanto nos de escrita. Posteriormente, analisaremos cada uma das variáveis independentes, trazendo suas frequências relativas para cada uma das formas do objeto direto anafórico.

O resultado percentual é importante para entendermos como acontece o fenômeno como um todo. Guy e Zilles (2007, p. 26) descrevem que esses índices “fornecem um resumo global muito útil da distribuição de variáveis ternárias ou eneárias”. No entanto, os percentuais não dizem que variáveis atuam sobre as outras – resultados como esses que veremos mais à frente, no Capítulo 6, que versa sobre a análise multivariada.

### 5.1 RESULTADO GERAL

Por conta das particularidades do gênero, elaborado em quadros e com características da escrita, os sintagmas nominais seriam a forma de retomada mais frequente, uma vez que possibilitariam que o leitor apreenda o antecedente. No *corpus* analisado, temos um total de 44,4% de sintagmas nominais anafóricos – sendo 26,6% de sintagma nominal igual, 9,7% de sintagma nominal parcialmente modificado e 8,1% de sintagma nominal totalmente modificado. A categoria vazia, preferida nas pesquisas anteriormente citadas baseadas em dados de fala, aparece em segundo lugar, com 24,1%. O clítico acusativo, em consonância com outros trabalhos da modalidade escrita (SOLEDADE, 2011; PEREIRA; COELHO, 2013; OTHERO *et al.*, 2018), ainda mostra uma resistente presença nesse *corpus*, com 19,4% dos casos. O

pronome lexical ocorre em 10,3% dos casos, sendo este um percentual que também se encontra em outras pesquisas, como se observa na Tabela 4.

TABELA 4 - Frequência relativa geral das variantes do objeto direto anafórico de terceira pessoa no *corpus* de revistas da Turma da Mônica

<b>Variante</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Percentual</b>
Sintagma nominal	589	26,6%
SN parcialmente modificado	215	9,7%
SN totalmente modificado	180	8,1%
Categoria Vazia	534	24,1%
Clítico acusativo	431	19,4%
Pronome lexical	228	10,3%
Pronome demonstrativo	41	1,8%
<b>TOTAL</b>	<b>2218</b>	<b>100%</b>

Tais frequências de clíticos se dão, prioritariamente, por conta do alto índice encontrado nas primeiras décadas analisadas. Em tabelas que discutiremos adiante, veremos que essa percentagem oscila, mas apresenta grande queda após os anos 2000. Mesmo assim, como afirma Othero *et al.* (2018, p. 78),

[...] os textos que encontramos no *corpus* de histórias em quadrinhos representam discurso monitorado escrito (são textos revisados e publicados por uma editora com seu padrão de qualidade de publicações). Por isso, os diálogos ali presentes, ainda que tencionem representar a fala – e a fala infantil –, são publicados em meio escrito e trazem o peso da tradição literária escrita gramatical.

Ou seja, mesmo tentando representar a fala, o meio editorial em que essas histórias são publicadas distancia em muito da linguagem utilizada do vernáculo, veiculando, por diversas vezes, uma variedade que se assemelha à norma padrão da língua portuguesa. É importante ressaltar que o registro escrito se distancia da fala, como afirmam Coelho *et al.* (2015, p. 48): “a produção de um texto falado é uma atividade espontânea, improvisada e suscetível à variação nos diversos níveis. Já a escrita constitui-se como atividade artificial [...], ensaiada [...] e um pouco menos variável”.

O número de ocorrências com pronomes lexicais também fica enviesado na análise geral, já que, como veremos mais adiante, esse número é praticamente nulo na década de 1970 e se amplia bastante nas outras décadas de análise.

Por conta desses fatores, resolvemos comparar, na próxima seção, resultados de trabalhos com ambas as modalidades a fim de explicitar de modo mais claro como a variação do objeto direto anafórico se dá em *corpora* desses dois modos.

### 5.1.1 Comparativo entre pesquisas

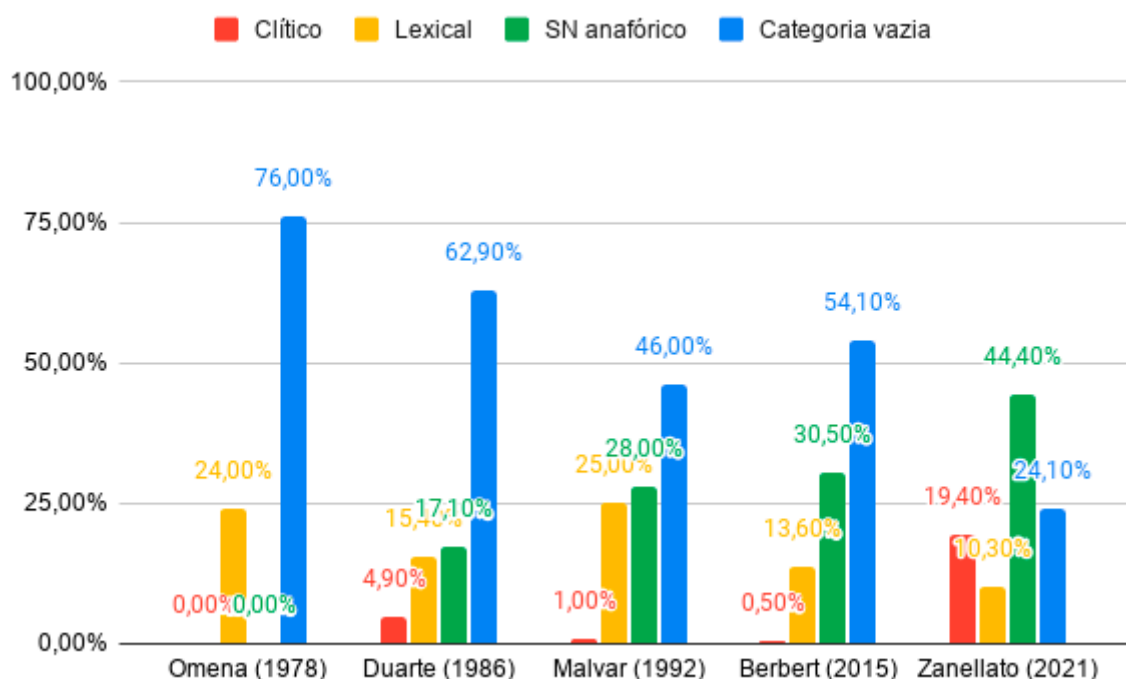
Contrastamos os resultados por nós obtidos com os de outras pesquisas, baseadas tanto em dados de fala, quanto de escrita. Resolvemos dividir em dois quadros, um com os resultados dos corpora de fala e outro com os do corpora da escrita – inserindo, junto a eles, nossos próprios resultados. O Quadro 1 traz, portanto, o comparativo entre algumas pesquisas da fala que abordaram a temática aqui estudada – o objeto direto anafórico.

QUADRO 1 - Comparativo entre pesquisas da fala sobre o fenômeno do objeto direto anafórico

Pesquisa	Clítico		Lexical		SN anafórico		Categoria Vazia	
	N	%	N	%	N	%	N	%
<b>Omena (1978)</b> Falantes em fase de alfabetização	0	0	345	24	-		1070	76
<b>Duarte (1986)</b> Fala de São Paulo/SP	94	4,9	304	15,4	338	17,1	1235	62,9
<b>Malvar (1992)</b> Fala de Brasília/DF e Goiânia/GO	6	1	297	25	328	28	542	46
<b>Berbert (2015)</b> Fala de Vitória/ES	15	0,5	411	13,6	925	30,5	1640	54,1
<b>Zanellato (2021)</b> HQs em tempo real	431	19,4	228	10,3	984	44,4	534	24,1

Para melhor visualização do Quadro 1, apresentamos os gráficos a seguir, com o comparativo das pesquisas de fala e escrita com o trabalho em tela.

GRÁFICO 1 – Comparativo entre pesquisas da fala e o trabalho em tela



Como é notável, o elevado índice de clíticos em nossa pesquisa afasta-se de outras pesquisas na fala, que já mostram um amplo desuso da forma. A variante mais usada na fala, como já dito anteriormente, é a categoria vazia, tendo o SN anafórico como a forma subsequente na preferência dos falantes.

Já o Quadro 2 traz o comparativo entre as pesquisas com a escrita em diferentes gêneros textuais e a nossa, para verificar, no comparativo, as semelhanças e as diferenças.

QUADRO 2 - Comparativo entre pesquisas da escrita sobre o fenômeno do objeto direto anafórico

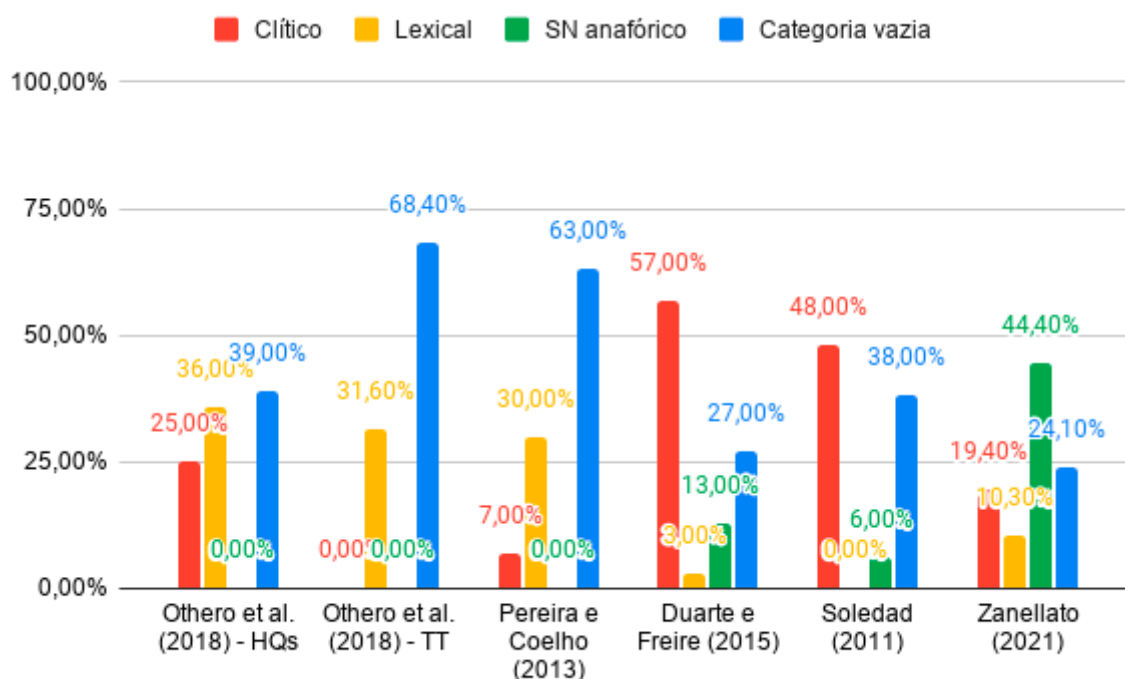
Pesquisa	Clítico		Lexical		SN anafórico		Categoria Vazia	
	N	%	N	%	N	%	N	%
<b>Othero et al. (2018)</b> HQs	49	25	71	36	-	-	77	39
<b>Othero et al. (2018)</b> Postagens do Twitter	0	0	188	31,6	-	-	407	68,4



<b>Pereira e Coelho (2013)</b> Redações escolares	12	7	50	30	-		107	63
<b>Duarte e Freire (2015)</b> Textos jornalísticos - PB	174	57	10	3	38	13	81	27
<b>Soledad (2011)</b> Cartas de ilustres do século XIX	40	48	-		5	6	32	38
<b>Zanellato (2021)</b> HQs em tempo real	431	19,4	228	10,3	984	44,4	534	24,1

Para melhor visualização, como feito anteriormente, criamos o Gráfico 2.

GRÁFICO 2 – Comparativo entre pesquisas da escrita e o trabalho em tela



Como é possível notar, a taxa de clíticos nas pesquisas com histórias em quadrinhos é diferente das obtidas em outras pesquisas baseadas em *corpora* de ambas as modalidades. É interessante observar que no *corpus* de postagem do Twitter não há caso algum de clítico, o que aproxima o uso do objeto anafórico neste gênero ao uso observado em dados de fala. Afasta-se, também, de Duarte e Freire (2015), com

*corpus* do domínio jornalístico e Soledade (2011), com missivas históricas, que tem mais que o dobro das ocorrências nessa forma.

Quanto ao uso de pronomes lexicais, percebemos que, na distribuição geral, o resultado encontrado é inferior aos obtido por Othero *et al.* (2018), que também analisou o fenômeno em um *corpus* de histórias em quadrinhos. Dentro dessa perspectiva, nossos resultados para os pronomes lexicais são mais próximos às pesquisas de fala, como a de Duarte (1986) e a de Berbert (2015), mantendo um índice entre 10% a 15% das ocorrências.

No entanto, devemos levar em conta que os sintagmas nominais só foram analisados, no recorte que fizemos, nas pesquisas de fala, em Soledade (2011) e Duarte e Freire (2015). Por conta desse fator, elaboramos a Tabela 5, sem a presença dos sintagmas nominais, para examinar nossos resultados seguindo os parâmetros dos trabalhos anteriores.

TABELA 5 - Frequência relativa geral das variantes do objeto direto anafórico de terceira pessoa sem a presença dos sintagmas nominais no *corpus* de revistas da Turma da Mônica

<b>Variantes</b>	<b>Frequência absoluta</b>	<b>Frequência relativa</b>
Categoria Vazia	534	44,8
Clítico acusativo	431	36,1
Pronome lexical	228	19,1
<b>TOTAL</b>	<b>1194</b>	<b>100</b>

A partir da tabela apresentada, podemos observar que o percentual do clítico aumenta, diferenciando-se ainda mais dos resultados dessa variante em Pereira e Coelho (2013) e Othero *et al.* (2018) e aproximando-se da pesquisa de Duarte e Freire (2015) e Soledade (2011), esta última baseada em dados de missivas do século XIX. Há, também, em relação às duas primeiras, uma grande diferença quanto ao percentual do pronome lexical: mesmo que esse aumente de 10,3% para 19,1% entre a Tabela 4 e a Tabela 5, ainda assim é um número muito maior do que o encontrado nas pesquisas da modalidade escrita.

No entanto, é importante entender que essa comparação não é homogênea, dado que não se tratam de gêneros textuais semelhantes. Partindo do *continuum* entre fala e escrita de Marcuschi (2010), podemos entender que o *corpus* de Pereira e Coelho

(2013), redações escolares da tipologia narrativa de todos os anos do Ensino Fundamental II de uma escola pública de Florianópolis-SC, está no campo de textos instrucionais, concentrado na base escrita. Já o *corpus* de Duarte e Freire (2015), que abrange vários tipos de gêneros, estando todos dentro do hipergênero jornal, estaria no campo de comunicações públicas, entre um registro e outro. As missivas, observadas por Soledade (2011), mesmo sendo escritas, concentram-se no campo de comunicações pessoais, que, segundo Marcuschi (2010), são mais próximas à fala. É importante mencionar que essa pesquisa, no entanto, tem seus resultados demonstrando um estágio de mudança, já que as cartas datam do século XIX. Para além, podemos considerar que esse campo – comunicações pessoais – também seja o que está inserido os *tweets*, gênero pesquisado por Othero *et al.* (2018).

A implementação da categoria vazia como objeto direto parece estar consolidada no PB. Todas as pesquisas, exceto a que está em tela, a têm como a variante preferida do objeto direto anafórico. Os quadrinhos não seguem essa tendência por conta da formação do gênero – em quadros, o que favoreceria o uso do sintagma nominal, visto que esse facilitaria o acesso ao antecedente. Os resultados de nossa pesquisa contribuem para o entendimento do fenômeno analisado, especialmente quando se comparam aos resultados apresentados no quadro comparativo acima.

Todas as variantes, no entanto, possuem contextos que propiciam ou não seu uso. Na seção seguinte, veremos, a partir das frequências relativas, quais são esses contextos.

## 5.2 RESULTADOS PERCENTUAIS DAS VARIÁVEIS INDEPENDENTES

Analisamos abaixo a ação de cada uma das variáveis independentes sobre as variantes do objeto direto anafórico. Antes disso, no entanto, é importante mencionar que os primeiros resultados são os provenientes das frequências relativas e não nos dão um parecer geral de quais fatores favorecem ou não cada fenômeno, o que será mais claramente visto com os pesos relativos, no próximo capítulo deste trabalho.

Para melhor condução dos resultados, amalgamamos os três tipos de sintagmas nominais. Além disso, retiramos da nossa análise percentual o pronome demonstrativo, por ele ter somente 41 ocorrências em nosso *corpus*.

### 5.2.1 Resultados percentuais das variáveis semânticas

Iniciamos nossa análise com os resultados das variáveis semânticas, animacidade e especificidade do antecedente, apresentadas nas Tabelas 6 e 7 a seguir.

#### Animacidade do antecedente

TABELA 6 - Frequência relativa de usos das variantes do objeto direto anafórico em relação à animacidade do antecedente no *corpus* de revistas da Turma da Mônica

	Clítico		Lexical		SN anaf.		Cat. Vazia	
	N	%	N	%	N	%	N	%
[+animado] [+humano]	212	30,4	116	16,6	320	45,8	50	7,2
[+animado][-humano]	64	22,7	54	19,1	132	46,8	32	11,3
[-animado]	155	12,9	58	4,8	533	44,4	452	37,8
Total	431	19,8	228	10,5	984	45,2	534	24,5

Os sintagmas nominais são a variante que sofre o menor efeito da animacidade do antecedente, já que o percentual de frequência dos fatores fica próximo à média de 45%. Por outro lado, ratifica-se o já visto em outras pesquisas: as formas pronominais são mais frequentes quando o antecedente é semanticamente [+animado], com percentuais bem acima da média. A categoria vazia, por sua vez, possui seu maior índice quando o antecedente é [-animado], o que também está corroborado resultados de outras pesquisas.

#### Especificidade do antecedente

Os resultados referentes ao traço de especificidade ratificam o índice de clíticos encontrados por Berbert (2015), como mostrado na Tabela 7.

TABELA 7 - Frequência relativa de usos das variantes do objeto direto anafórico em relação à especificidade do antecedente no *corpus* de revistas da Turma da Mônica

	Clítico		Lexical		SN anaf.		Cat. Vazia	
	N	%	N	%	N	%	N	%
[+específico]	397	20,5	217	11,2	852	44,1	466	24,1
[+/- específico]	18	19,4	3	3,2	54	58,1	18	19,4
[-específico]	16	10,5	8	5,3	78	51,3	50	32,9
Total	431	19,8	228	10,5	984	45,2	534	24,5

A percentagem dessa forma com antecedentes [+específicos] é quase o dobro da encontrada com antecedente [-específico] – 20,5% na primeira e 10,5% na segunda. Resultado similar ocorre com a outra forma pronominal, o pronome lexical. Assim como no fator animacidade, essa forma possui maior percentagem com antecedente [+específico], sofrendo um decréscimo grande no contexto inverso, com antecedente [-específico].

Sobre as outras formas, constatamos que os SNs possuem maior índice de ocorrências quando o antecedente é o tipo denominado [+/- específico], como no Exemplo 13. Já a categoria vazia possui maior índice quando o antecedente tem o traço semântico de [-específico]. Em resumo, os referentes [-específicos] desfavorecem clíticos e pronomes lexicais e favorecem SNs e categorias vazias.

### 5.2.2 Resultados percentuais das variáveis morfológicas

Nessa seção, trazemos os resultados da frequência relativa das três variáveis morfológicas que analisamos neste trabalho: classe morfológica do antecedente, número do antecedente e forma verbal.

### Classe gramatical do antecedente

A classe gramatical do antecedente é analisada para entendermos se há paralelismo entre as classes gramaticais do antecedente e sua consecução. Os resultados encontram-se na Tabela 8 abaixo:

TABELA 8 - Frequência relativa de usos das variantes do objeto direto anafórico em relação à classe gramatical do antecedente no *corpus* de revistas da Turma da Mônica

	Clítico		Lexical		SN anaf.		Cat. Vazia	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Substantivo	359	18,5	195	10,0	911	46,8	480	24,7
Pronome	66	35,7	30	16,2	57	30,8	32	17,3
Vazio	6	12,8	3	6,4	16	34,0	22	46,8
Total	431	19,8	228	10,5	984	45,2	534	24,5

Percentualmente, os dados comprovam o paralelismo entre as classes morfológicas: pronomes são retomados preferencialmente por clítico e pronome lexical, os substantivos por sintagma nominal e o vazio pela categoria vazia.

### Número do antecedente

TABELA 9 - Frequência relativa de usos das variantes do objeto direto anafórico em relação ao número do antecedente no *corpus* de revistas da Turma da Mônica

	Clítico		Lexical		SN anaf.		Cat. Vazia	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Singular contável	353	19,1	212	11,5	833	45,1	449	24,3
Sing. não-contável	3	6,8	1	2,3	18	40,9	22	50,0
Plural	75	26,2	15	5,2	133	46,5	63	22,0
Total	431	19,8	228	10,5	984	45,2	534	24,5

Como mostrado na Tabela 9, formas no singular contável são mais frequentes com pronomes lexicais; já no singular não-contável, com categorias vazias e no plural, com pronomes clíticos. Os sintagmas nominais anafóricos possuem distribuição similar entre todos os fatores da variável.

## Forma verbal

TABELA 10 - Frequência relativa de usos das variantes do objeto direto anafórico em relação à forma verbal no *corpus* de revistas da Turma da Mônica

	Clítico		Lexical		SN anaf.		Cat. Vazia	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Imperativo	22	13,5	35	21,5	69	42,3	37	22,7
Infinitivo	110	21,1	32	6,1	272	52,2	107	20,5
Gerúndio	2	9,1	2	9,1	13	59,1	5	22,7
Tempo simples	118	15,4	97	12,7	326	42,6	224	29,3
Loc. c/ participípio	4	16,0	5	20,0	9	36,0	7	28,0
Loc. c/ infinitivo	173	27,2	51	8,0	268	42,1	144	22,6
Loc. c/ gerúndio	2	4,4	6	13,3	27	60,0	10	22,2
Total	431	19,8	228	10,5	984	45,2	534	24,5

Em todas as formas verbais, o sintagma nominal apresenta uma distribuição equilibrada, porém é mais frequente após verbos no gerúndio (59,1%) e locução com gerúndio (60%) e um pouco menor após locução com participípio (36%).

O clítico possui grande presença após os verbos compostos por infinitivo, com ou sem locução. Isso se dá porque essa forma, para ocorrer, precisa de material fonológico que o preceda, à esquerda, como já visto na seção 2.1. Na maior parte das vezes, o clítico é feito a partir de ênclise, com as formas -lo, -la, -los, -las, como visto no Exemplo 55.

FIGURA 56 - Exemplo de estruturas dos sintagmas verbais com V+OD anafórico em dupla função no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: MÔNICA (1987, n. 02, p.13)

(55) “*Pobre velhinha!* A Tina não deixa-la sozinha em casa!

Outro fator importante é que o clítico não aparece tanto após tempos simples, como já afirmado por Duarte (1986) e Berbert (2015). Esse modo verbal é visto mais vezes antes de objetos nulos que apresenta 29,3% das ocorrências.

O pronome lexical possui maior percentual após imperativo e com locuções verbais com participio - 21,5% e 20,0%, respectivamente.

### 5.2.3 Resultados percentuais das variáveis sintáticas

Temos, nas variáveis sintáticas, dois condicionadores que podem se mostrar importantes na escolha das variantes do fenômeno: a estrutura da sentença – ou seja, como o objeto direto anafórico está localizado na sentença –, e a função sintática do antecedente. Sobre esses, relataremos os resultados abaixo.

#### Estrutura da sentença

TABELA 11 - Frequência relativa de usos das variantes do objeto direto anafórico em relação à estrutura da sentença no *corpus* de revistas da Turma da Mônica

	Clítico		Lexical		SN anaf.		Cat. Vazia	
	N	%	N	%	N	%	N	%
V+OD	234	17,8	87	6,6	666	50,6	328	24,9
V+OD+SPrep	175	23,0	101	13,3	285	37,4	201	26,4
V+OD+pred. do objeto	5	14,3	12	34,3	16	45,7	2	5,7
V+OD+oração	17	26,2	28	43,1	17	26,2	3	4,6
Total	431	19,8	228	10,5	984	45,2	534	24,5

Nossos resultados corroboram os obtidos por Omena (1978) e Duarte (1986): a categoria vazia aparece mais vezes quando em uma estrutura mais simples, somente com verbo+OD ou verbo+OD+sintagma preposicionado, sendo este também mais comum com o uso do clítico.



O pronome lexical aparece mais quando precede predicativos do objeto ou outras orações, o que também é um resultado encontrado nas pesquisas dessas autoras. Já o sintagma nominal ocupa metade das ocorrências na estrutura simples com verbo+OD – 50,6%. No entanto, é muito presente também em estrutura com verbo+OD+predicativo do objeto, com índice de 45,7%.

### Função sintática do antecedente

TABELA 12 - Frequência relativa de usos das variantes do objeto direto anafórico em relação à função sintática do antecedente no *corpus* de revistas da Turma da Mônica

	Clítico		Lexical		SN anaf.		Cat. Vazia	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Sujeito	153	30,2	77	15,2	196	38,7	80	15,8
Objeto direto	126	13,8	70	7,6	444	48,5	276	30,1
Objeto indireto	15	15,8	9	9,5	61	64,2	10	10,5
Adjunto	43	20,6	21	10,9	103	49,3	42	20,1
Predicativo	30	27,0	9	8,1	42	37,8	30	27,0
Tópico	15	28,3	5	9,4	16	30,2	17	32,1
Outros	49	17,1	37	12,9	122	42,5	79	27,5
Total	431	19,8	228	10,5	984	45,2	534	24,5

Assim como na pesquisa de Berbert (2015), o pronome clítico é visto mais vezes quando o antecedente ocupa a posição de sujeito, assim como a outra forma pronominal, o pronome lexical. Tal pesquisa também traz um resultado que se comprova na nossa: a de que o objeto direto anafórico como categoria vazia seja mais vezes retomado quando seu antecedente está na posição de tópico discursivo.

O sintagma nominal é mais vezes visto quando o antecedente é um objeto indireto – com um total de 64,2% das ocorrências – ou quando é um adjunto, com 49,3% das ocorrências ou um objeto direto – 48,5%.

### **5.2.4 Resultados percentuais das variáveis extralinguísticas**

Nas variáveis extralinguísticas, analisamos dois fatores: localidade do personagem – se ele era do meio urbano, maior parte das histórias da Turma da Mônica, ou se era proveniente do meio rural, que, majoritariamente, é formado pelo núcleo do personagem Chico Bento – e também a década de publicação da revista, fator esse que é de extrema importância para a presente pesquisa, pois se configura na nossa hipótese principal: a de que o uso de pronomes clíticos como objeto direto está diminuindo nas revistas em quadrinhos e, por conseguinte, outras variantes se tornam mais frequentes com o passar do tempo.

### Localidade do personagem

TABELA 13 - Frequência relativa de usos das variantes do objeto direto anafórico em relação à localidade do personagem no *corpus* de revistas da Turma da Mônica

	Clítico		Lexical		SN anaf.		Cat. Vazia	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Urbano	431	22,3	179	9,2	840	43,4	486	25,1
Rural	0	0,0	49	20,3	144	59,8	48	19,9
Total	431	19,8	228	10,5	985	45,2	535	24,6

Os resultados dessa variável são interessantes, pois demonstram como os resultados do meio urbano retratado na revista destoam dos resultados encontrados em pesquisas sociolinguísticas que analisam a fala. Esse fator é facilmente visto quando observamos os resultados relativos ao pronome clítico: enquanto em personagens da área rural não há ocorrências de clítico, nos da área urbana há 431 casos, correspondendo a 22,3% dos casos. Esse resultado é enviesado pela década, como veremos na Tabela 14 a seguir, porém, de todo modo, é um número expressivo, que se distancia do vernáculo do PB, conforme mostrado em pesquisas sobre fala (OMENA, 1978; DUARTE, 1986, MALVAR, 1992; BERBERT, 2015).

O percentual do pronome lexical também é importante de ser comentado, visto que, de uma localidade para outra, há um aumento em 11 pontos percentuais. Os 9,2% obtidos no urbano são mais próximos aos resultados obtidos por diversas pesquisas sociolinguísticas. Podemos interpretar esse alto índice como uma intenção dos redatores da revista em caracterizar a fala do Chico Bento e sua turma com o uso de

uma variante mais marcada, podendo ser considerada um estereótipo, usando variantes que possuem, na norma-padrão, valor de erro.

A diferença de 16 pontos percentuais entre o uso de sintagmas nas duas variedades também se explica: como o uso de clíticos no núcleo rural é nula, há, conseqüentemente, o aumento das outras formas. É importante observar que há maior ocorrência de categorias vazias na área urbana e de sintagmas nominais na rural.

### Década de publicação

Variável mais importante para entendermos como as formas do objeto direto se modificam no decorrer do tempo, a década de publicação da revista traz resultados interessantes sobre a metodologia em tempo real adotada nessa pesquisa, como vemos na Tabela 14 a seguir.

TABELA 14 - Frequência relativa de usos das variantes do objeto direto anafórico em relação à década de publicação no *corpus* de revistas da Turma da Mônica

	Clítico		Lexical		SN anaf.		Cat. Vazia	
	N	%	N	%	N	%	N	%
1970	240	54,5	3	0,7	140	31,8	57	13,0
1980	47	10,9	62	14,3	218	50,3	106	24,5
1990	69	16,0	53	12,3	196	45,5	113	26,2
2000	64	14,5	42	9,5	193	43,9	141	32,0
2010	11	2,5	68	15,7	237	54,7	117	27,0
Total	431	19,8	228	10,5	984	45,2	534	24,5

Ao começarmos a observar os resultados, percebemos que a década de 1970, quando se iniciou a publicação da revista, é a que mais difere seus resultados das demais – ao invés do sintagma nominal, o clítico acusativo é o que possui maior frequência, com 54,5% das ocorrências – mais da metade do uso de objeto direto anafórico nessa década. Nas outras décadas, a variante cai drasticamente, indo nos anos 80 para a faixa de 10,9% das ocorrências, aumentando para 16% de modo inesperado nos 90, mantendo-se nessa faixa nos anos 2000, com 14,5%, até chegar

ao nível muito baixo de somente 11 casos em 2010, totalizando 2,5% no *corpus* dessa década.

Outra diferença enorme encontrada na década de 1970 é quanto ao uso do pronome lexical. Em todos os 445 dados de objeto direto anafórico encontrados nesse período – lembrar que nos resultados percentuais não foram computados os pronomes demonstrativos –, somente 3 são de pronomes lexicais, sendo eles os seguintes:

FIGURA 57 - Exemplo 1 de pronome lexical encontrado na década de 1970 no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: MÔNICA (1970, n. 05, p. 29)

(56) “Minha mãe está lá em cima com *meu pai*! Se não for *embola*, eu chamo **ele**, hem?”

FIGURA 58 - Exemplo 2 de pronome lexical encontrado na década de 1970 no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: MÔNICA (1971, n. 09, p. 31)

(57) “Estou com tanta saudade do *Piteco* que “vejo **ele**” por toda parte!”

FIGURA 59 - Exemplo 3 de pronome lexical encontrado na década de 1970 no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: MÔNICA (1970, n. 16, p. 6)

(58) “Puxa! Quando cheguei lá e não vi *a estátua*, pensei que tinham loubado **ela!**”

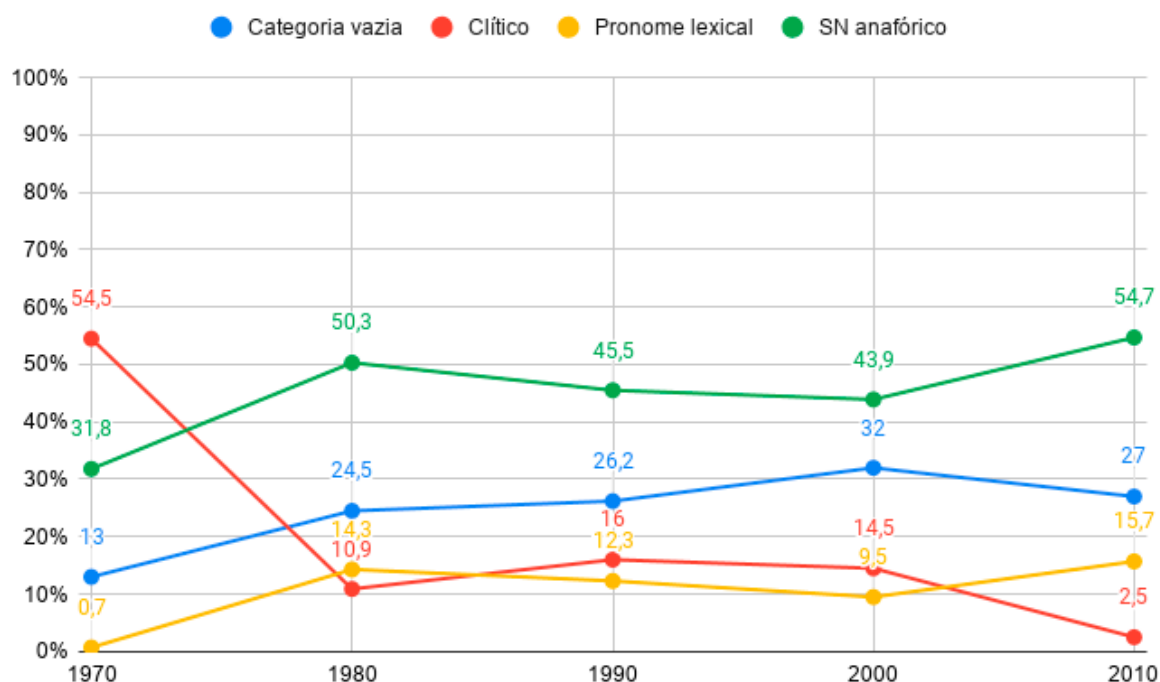
É interessante notar que somente quando Thuga, personagem adulta e pré-histórica, usa o pronome *ele* no lugar de objeto que a ocorrência vem entre aspas, como se não respeitasse a norma-padrão. Nas duas vezes que Cebolinha utiliza o pronome, o sinal é dispensado, como se as crianças tivessem permissão em se desviar da norma.

Nas demais décadas, o pronome lexical sofre aumento, tornando-se próximo ao que foi encontrado em pesquisas de fala, numa média entre 10% e 15% do total de ocorrências.

As outras duas variantes, o sintagma nominal e a categoria vazia, não sofrem grandes alterações, exceto nos resultados dos anos 70: o SN salta de 31,8% nessa década para 50,3% na década seguinte, 1980. Nas décadas seguintes, oscila entre 45,5% e 54,7%, diferença de quase 10 pontos percentuais. A mudança na categoria vazia é também expressiva: passa de 13% nos anos 70 para 24,5% na década de 1980 e oscilando pouco entre as demais sincronias – atingindo o ápice nos anos 2000, com 32% das ocorrências. Esse resultado se assemelha ao encontrado por Othero *et al.* (2018), que verificam que 25% das ocorrências no *corpus* de HQs que observaram era de categoria vazia – o que é a média do que encontramos em nossos resultados.

O Gráfico 3 mostra como ocorre o percurso das variantes do fenômeno em análise em nosso *corpus*:

GRÁFICO 3 - Percurso da frequência relativa das variantes do objeto direto anafórico no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



### 5.2.5 Resultados percentuais da variável funcional

Nessa seção, analisamos somente a variável que envolve o gênero história em quadrinhos: a formação por quadros e a distância entre o antecedente e o conseqüente, ou seja, a sua retomada. Nossa hipótese, já supracitada, é baseada na Teoria da Acessibilidade dos Referentes, de Ariel (1988), que indica que os pronomes são usados em distâncias menores, enquanto descrições definidas – ou sintagmas nominais – ocupariam distâncias longas ou fora das sentenças.

Por recuperar melhor o próprio gênero discursivo, cuja narrativa se dá por quadros, resolvemos não contar por número de elementos - entre o antecedente e a anáfora, e sim por quadro de distância. O resultado encontra-se na Tabela 15 a seguir.

### Distância entre referente e conseqüente

TABELA 15 - Frequência relativa de usos das variantes do objeto direto anafórico em relação à distância entre referente e conseqüente no *corpus* de revistas da Turma da Mônica

	Clítico		Lexical		SN anaf.		Cat. Vazia	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Mesmo quadrinho	203	35,2	69	12,0	100	17,3	205	35,5
1 ou 2 quadrinhos	195	17,5	124	11,1	523	46,9	272	24,4
3 ou 4 quadrinhos	21	7,5	22	7,9	197	70,0	41	14,6
5 ou 6 quadrinhos	7	6,7	9	8,7	83	79,8	5	4,8
7 ou mais quadrinhos	5	4,9	4	3,9	82	80,4	11	10,8
Total	431	19,8	228	10,5	984	45,2	534	24,5

É interessante notar como o pronome clítico possui nítido declínio percentual quando o antecedente e a retomada vão se afastando. De 35,2% para quando está no mesmo quadrinho, passa por 17,5% com 1 a 2 quadrinhos de distância, 7,5% com 3 ou 4 quadrinhos de distância, 6,7% com 5 ou 6 quadrinhos de distância, atingindo, por fim, 4,9% com 7 ou mais quadrinhos.

Algo semelhante ocorre com o pronome lexical e a categoria vazia. Ambas diminuem seus percentuais com o aumento da distância. No entanto, há uma oscilação nessas que não ocorre no pronome clítico – no lexical, há um aumento no índice com 5 ou 6 quadrinhos, que vai para 8,7%, divergindo da distância anterior e posterior, que apresentam queda. Acontece o mesmo com a categoria vazia, que na distância 7 quadrinhos ou mais aumenta 6 pontos percentuais da distância anterior, de 5 a 6 quadrinhos – essa última tem um índice percentual de 4,8% enquanto 7 quadrinhos ou mais fica de na faixa de 10,8%.

Ação contrária ocorre, no entanto, com o sintagma nominal. Quando a distância entre o referente e o conseqüente é maior, eleva-se o número do índice percentual, que “dá um salto” de 17,3% quando o antecedente e o conseqüente estão no mesmo quadrinho para 46,9% entre 1 ou 2 quadrinhos, indo para 70,0% com 3 ou 4 quadrinhos, chegando ao índice de 79,8% e 80,4% entre 5 e 6 quadrinhos e 7 ou mais quadrinhos, respectivamente.

Podemos concluir, dessa forma, que as formas pronominais, por serem mais específicas, aparecem quando o antecedente está mais perto do conseqüente. A realização da categoria vazia também é mais propensa quando está no mesmo quadrinho ou a poucos quadrinhos de distância. Já o sintagma nominal, por ser uma variante neutra e por aparecer em sua forma plena, possui porcentagens maiores em longas distâncias. Além disso, facilita ao leitor relembrar o referente.

Segundo Costa (2007, p. 113), guiada pela teoria de Ariel,

[...] as formas referenciais constituem instruções ao destinatário de como este deve recuperar da memória certa parte de uma determinada informação, pela indicação de quão acessível está esse pedaço de informação no discurso corrente.

Ou seja, dependendo da anáfora utilizada, o leitor tem que buscar na memória o referente. Quando a variante é um sintagma nominal, a recuperação do referente é facilitada.

Após mostrarmos os resultados percentuais de nossa pesquisa, seguimos para os da análise multivariada, com análise dos pesos relativos.



## 6. ANÁLISE MULTIVARIADA

---

Após observarmos as frequências absolutas e relativas das variáveis sobre as formas do objeto direto anafórico, temos como finalidade, nessa seção, analisar os pesos relativos. Brevemente mencionados na seção 4.5 desse trabalho, os pesos relativos são imprescindíveis para concluir quais fatores favorecem ou desfavorecem o uso de cada variante do objeto direto.

Antes de passarmos para análise, no entanto, é importante lembrar que o GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), ferramenta utilizada em nosso trabalho, só aceita análises binárias. Por esse fator, isolamos cada uma das variantes e juntamos as demais, para rodar uma contra todas as outras.

O Quadro 3 abaixo mostra quais variáveis foram selecionadas e sua ordem de seleção para cada uma das variantes do fenômeno em análise, ou seja, em qual contexto cada uma delas se torna mais propícia:

QUADRO 3 - Ordem de seleção das variáveis por variante do objeto direto anafórico no *corpus* de revistas da Turma da Mônica

Variáveis independentes	Clítico	Lexical	SN	Cat. Vazia
Animacidade do antecedente	3 <sup>o</sup>	2 <sup>o</sup>	X	1 <sup>o</sup>
Especificidade do antecedente	7 <sup>o</sup>	7 <sup>o</sup>	5 <sup>o</sup>	X
Classe gramatical do antecedente	X	X	X	6 <sup>o</sup>
Número do antecedente	8 <sup>o</sup>	X	X	X
Forma verbal	4 <sup>o</sup>	4 <sup>o</sup>	X	7 <sup>o</sup>
Estrutura sintática da sentença	6 <sup>o</sup>	3 <sup>o</sup>	2 <sup>o</sup>	5 <sup>o</sup>
Função sintática do antecedente	5 <sup>o</sup>	X	4 <sup>o</sup>	4 <sup>o</sup>
Localidade do personagem	-	6 <sup>o</sup>	6 <sup>o</sup>	X
Década de publicação	1 <sup>o</sup>	1 <sup>o</sup>	3 <sup>o</sup>	3 <sup>o</sup>
Distância entre referente e conseqüente	2 <sup>o</sup>	5 <sup>o</sup>	1 <sup>o</sup>	2 <sup>o</sup>

Como podemos observar, três fatores atuam sobre todas as variantes: a estrutura sintática da sentença, a década de publicação e a distância entre o referente e o conseqüente. O número do antecedente e a classe gramatical, por outro lado, só se

mostraram importantes para a escolha do clítico acusativo de terceira pessoa e para a categoria vazia, respectivamente. É interessante observar que a animacidade do antecedente, que é um dos fatores mais importantes para a escolha do objeto direto em outras pesquisas, não teve efeito estatisticamente relevante sobre o sintagma nominal – embora o fator especificidade se mostre relevante.

Nos próximos tópicos, abordaremos como cada uma das variáveis atuam sobre as variantes. Faremos da seguinte forma: as variáveis que favorecem todas as formas de OD anafórico – estrutura sintática da sentença, década de publicação e distância entre referente e conseqüente – serão primeiramente analisadas, partindo para as que foram selecionadas por somente três variantes – animacidade do antecedente, especificidade do antecedente, forma verbal e função sintática do antecedente. Após, a que foi selecionada por somente duas variantes – a localidade do personagem. Por fim, abordaremos sobre as duas variáveis que mostraram-se importantes somente para uma das formas do objeto direto anafórico – a classe gramatical do antecedente e o número do antecedente.

As variantes serão apresentadas na seguinte ordem: as formas pronominais, começando pelo pronome clítico, que já está em desuso no vernáculo; e o pronome lexical, presente no vernáculo há séculos; após, o SN, que é a mais frequente na amostra; e, por fim, a categoria vazia, que é a mais usada na fala, mas não nos nossos dados.

## 6.1 VARIÁVEIS SELECIONADAS PELAS QUATRO VARIANTES

Nesta seção, verificaremos como se comportam as variáveis que se mostraram importante para as quatro variantes do objeto direto – essas que são apresentadas, de acordo com a ordem de seleção, no Quadro 4 a seguir.

QUADRO 4 - Ordem de seleção das variáveis selecionadas pelas quatro variantes do objeto direto anafórico no corpus de revistas da Turma da Mônica

<b>Variáveis independentes</b>	<b>Clítico</b>	<b>Lexical</b>	<b>SN</b>	<b>Cat. Vazia</b>
<b>Estrutura sintática da sentença</b>	6 <sup>o</sup>	3 <sup>o</sup>	2 <sup>o</sup>	5 <sup>o</sup>

<b>Década de publicação</b>	1º	1º	3º	3º
<b>Distância entre referente e conseqüente</b>	2º	5º	1º	2º

### 6.1.1 Estrutura sintática da sentença

A variável estrutura sintática da sentença mostrou-se importante para a escolha de todas as formas do objeto direto anafórico analisadas nesse trabalho: o clítico acusativo, o pronome lexical, o sintagma nominal anafórico e a categoria vazia. Na primeira, podemos observar, há um favorecimento em estruturas formadas por V+Sprep e quando há uma oração após o objeto direto, como disposto na Tabela 16.

TABELA 16 - Efeito da variável estrutura sintática da sentença na rodada do pronome clítico *versus* demais variantes do objeto direto anafórico. *Corpus* de revistas da Turma da Mônica

<b>Estrutura do sintagma verbal</b>	<b>Frequência absoluta</b>	<b>Frequência relativa</b>	<b>Peso relativo</b>
V+OD	234	17,8%	0.450
V+OD+Sprep	175	23%	0.588
V+OD+pred. do objeto	5	14,3%	0.324
V+OD+oração	17	26,2%	0.580
Total	431	19,8%	
<i>Range</i>			256

Duarte (1986) e Berbert (2015) já haviam encontrado uma alta taxa de clíticos em estruturas complexas, como a com V+OD+oração. É importante mencionar, no entanto, que nessas duas pesquisas há raros casos de clíticos, não havendo pesos relativos, mas, sim, apenas os percentuais, que demonstram, somente, a distribuição da variante entre os fatores da variável. Em nossa pesquisa, portanto, confirmamos o comportamento já antes previsto pelas autoras.

Já o pronome lexical mostra desfavorecimento somente na estrutura mais simples, formada por V+OD. Os demais fatores que compõem a variável favorecem essa forma de retomada do objeto direto anafórico.

TABELA 17 - Efeito da variável estrutura sintática da sentença na rodada do pronome lexical *versus* demais variantes do objeto direto anafórico. *Corpus* de revistas da Turma da Mônica

<b>Estrutura do sintagma verbal</b>	<b>Frequência absoluta</b>	<b>Frequência relativa</b>	<b>Peso relativo</b>
V+OD	87	6,6%	0.406
V+OD+Sprep	101	13,3%	0.609
V+OD+pred. do objeto	12	34,3%	0.782
V+OD+oração	28	43,1%	0.858
Total	228	10,5%	
<i>Range</i>			452

Berbert (2015, p. 90), baseada em Omena (1978, p. 99), explica que orações como “Eu acho ela muito mentirosa” são compostas por, na verdade, duas orações: uma oração principal “Eu acho” e uma subordinada objetiva direta – “Ela é muito mentirosa”. A autora ressalta que, nessa estrutura, o verbo *achar* atribui caso acusativo ao pronome *ela*, tornando-se, assim, não objeto da oração principal, mas sujeito da oração subordinada. Mesmo que compreendamos a dupla função do pronome, codificamos, em nosso *corpus*, o pronome lexical como objeto direto da oração principal.

Há favorecimento do uso do pronome lexical em estruturas mais complexas, em que o pronome exerce duas funções, ou seja, “uma forma que é objeto de uma oração dominante e o sujeito de uma oração encaixada” (OMENA, 1978, p. 99). Um exemplo dessa oração encaixada dada pela própria autora (cf. OMENA, 1978, p. 31) seria em situações como “Se não dá para fazer aqui e não querem **deixar ela** ir pra fora, ela não faz”. O pronome lexical *ela*, nesse caso, ocuparia a função de objeto da oração “não querem ela ir pra fora” sujeito da oração subordinada objetiva direta reduzida de infinitivo “Ela ir pra fora”, favorecendo, dessa forma, o pronome lexical. Já Duarte (1986) considera que, em contexto como o citado, não haveria uma dupla função, uma vez que o pronome seria sujeito da oração subordinada. O objeto não seria o pronome, mas, sim, a sentença subordinada (objetiva direta). Por isso, naturalmente seria retratado pelo pronome lexical – o pronome sujeito.

Exemplos como os citados acontecem em nosso *corpus*, como podemos ver abaixo no Exemplo 59:

FIGURA 60 - Exemplo de estruturas do sintagmas verbais com V+OD anafórico em dupla função no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: ALMANAQUE DO CEBOLINHA (1983, n. 04, p. 83)

(59) “Se *ela* não vai jogar em nenhuma posição, mande **ela sair** aí do meio do campo!”

Corroborando com as hipóteses apresentadas, formulamos que as nossas próprias e que se comprovaram, com 0.782 de peso relativo em estruturas V+OD+Pred. do objeto e 0.858 de peso relativo com estruturas V+OD+outra oração. A estrutura V+Sprep também demonstra favorecimento nessa forma, com 0.609.

Na rodada do sintagma nominal anafórico, encontramos os resultados dispostos na Tabela 18 a seguir.

TABELA 18 - Efeito da variável estrutura sintática da sentença na rodada do sintagma nominal *versus* demais variantes do objeto direto anafórico. *Corpus* de revistas da Turma da Mônica

Estrutura do sintagma verbal	Frequência absoluta	Frequência relativa	Peso relativo
V+OD	666	50,6%	0.559
V+OD+Sprep	285	37,4%	0.415
V+OD+pred. do objeto	16	45,7%	0.553
V+OD+oração	17	26,1%	0.287
Total	984	45,2%	
<i>Range</i>			272

Para Duarte (1986), os SNs seriam favorecidos, principalmente, em orações com estruturas V+OD, o que é corroborado em nossa pesquisa com 0.559 de peso relativo, atestando, assim, o uso de sintagmas nominais em estruturas sintáticas mais simples.

Outra estrutura que se mostra importante para o SN em função de objeto direto é a de V+OD+pred. do objeto. Diferentemente do que ocorre na pesquisa de Duarte (1986), no presente estudo há favorecimento de SN com estruturas com predicativo do objeto, que possui peso relativo de 0.553. Abaixo apresentamos exemplo do sintagma nominal nessa estrutura.

FIGURA 61 - Exemplo de ocorrência de sintagma nominal como objeto direto anafórico em estrutura V+OD+pred. do objeto no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: MÔNICA (1995, n. 100, p. 10)

(60) “E a gente agora sem a força da *Mônica*... Quero isso aí mesmo... Ver a **Mônica bem fraquinha!**”

É importante notar, também, que estruturas com V+OD+oração desfavorecem bastante o uso dessa variante, tendo um peso relativo de 0.287.

Já no resultado da categoria vazia, temos que as estruturas simples, formadas por V+OD e V+OD+Sprep são as que favorecem o seu uso, com 0.523 e 0.512 de peso relativo, respectivamente.

TABELA 19 - Efeito da variável estrutura sintática da sentença na rodada da categoria vazia *versus* demais variantes do objeto direto anafórico. *Corpus* de revistas da Turma da Mônica

Estrutura do sintagma verbal	Frequência absoluta	Frequência relativa	Peso relativo
V+OD	328	24,9%	0.523
V+OD+Sprep	201	26,4%	0.512
V+OD+pred. do objeto	2	5,7%	0.196
V+OD+oração	3	4,6%	0.152
Total	534	24,5%	
Range			371

Esses resultados atestam a tese de Omena (1978). Isso porque, segundo a autora, nas orações complexas, em que o OD desempenha dupla função, há mais chances dele aparecer de forma concreta. Sendo assim, “a ausência desse fator favoreceria o cancelamento da forma” (OMENA, 1978, p. 98).

É importante notar que as estruturas ditas simples desfavorecem muito o uso dessa forma: a estrutura com V+OD+pred. do objeto possui 0.196 de peso relativo e a estrutura V+OD+oração possui 0.152 de peso relativo.

Em síntese, podemos concluir que o pronome lexical é favorecido, primordialmente, em estruturas complexas, formadas por V+OD+predicativo do objeto e V+OD+outra oração. A categoria vazia, ao contrário dessa forma pronominal, seria favorecido, em nossa amostra, em estrutura mais simples, formadas por V+OD ou V+OD+Sprep. Já o clítico é favorecido em estruturas com V+OD+Sprep e V+OD+oração. O SN anafórico é favorecido por estrutura simples, formada somente por V+OD e também por estrutura como V+OD+predicativo do objeto.

### 6.1.2 Década de publicação das revistas

A década de publicação da revista, como dissemos anteriormente, é a parte central de nosso trabalho. Essa seção é importante para visualizar quais são as formas favorecidas em cada uma das décadas de análise, a iniciar pelo pronome clítico. A década de 1970 é a que mais favorece o uso do clítico e a de 2010 a que mais o desfavorece. Nas demais décadas, o peso relativo fica entre 0.445 e 0.553, fato que pode significar a pressão exercida pela gramática normativa no *corpus* analisado, como se observa na Tabela 20 a seguir.

TABELA 20 - Efeito da variável década de publicação na rodada do pronome clítico *versus* demais variantes do objeto direto anafórico. *Corpus* de revistas da Turma da Mônica

<b>Década de publicação</b>	<b>Frequência absoluta</b>	<b>Frequência relativa</b>	<b>Peso relativo</b>
1970	240	54,5%	0.868
1980	47	10,9%	0.445
1990	69	16,0%	0.537

2000	64	14,5%	0.553
2010	11	2,5%	0.113
Total	431	19,8%	
<i>Range</i>			755

É possível observar que os anos 70 possuem alto favorecimento, com 0.868 de peso relativo, o que já era previsto quando observávamos a Tabela 4 e também a Tabela 14, que mostram que, entre as frequências relativas, o número também é alto. É interessante notar, no entanto, que a década seguinte a de 1970, a década de 1980, desfavorece levemente essa variante. Importante, também, refletir no comportamento das duas décadas seguintes, 1990 e 2000, em que o clítico acusativo volta a ter um favorecimento, com 0.537 e 0.553, respectivamente.

Partindo desse ponto, seria estranho um desfavorecimento da variante na década de 1980 ou um favorecimento persistente de uma forma que é inexistente no vernáculo da língua? Se partirmos de uma análise em tempo real, esse favorecimento persistente deveria seguir o vernáculo da sociedade. Há também de se pensar que, como já visto anteriormente, as HQs são textos escritos que tentam reproduzir a fala espontânea e são dirigidas a um público infantil – e, por isso, devem ter uma linguagem que se adeque a esse público. No entanto, as revistas em quadrinhos, como também já visto, passam por uma correção antes de serem publicadas e, por isso, fazem uso de variantes que não se enquadram mais ao vernáculo da língua – tanto na fala de criança, quanto na de adultos.

Não temos a resposta para esse comportamento linguístico nos anos 80, mas temos hipóteses: a Ditadura Militar no Brasil durou de 1964 a 1985 e, segundo Cirne (1982 *apud* FERNANDES, 2015), Maurício de Sousa, criador da Turma da Mônica, mostrava-se isento de opiniões políticas da época e seguia a linha editorial do jornal em que publicava, fosse ele de ideologia de direita ou de esquerda – o que o fez, inclusive, perder seu emprego como cartunista no jornal Folha da Tarde<sup>9</sup>, que insistia para que o ilustrador tomasse partido no movimento. Fernandes (2015) complementa

---

<sup>9</sup> BATISTOTI, 2020.



afirmando que a compreensão das diferenças sociais promovida por Maurício se baseia na inserção de personagens pertencentes a minorias e o uso do politicamente correto.

Andrade, Melo e Scherre (2007), ao analisarem, em tempo real a partir dos anos 70 até a década de 2000, o uso do imperativo gramatical em um *corpus* de revistas da Turma da Mônica, também encontraram resultados que reforçam nossa hipótese: nos anos 70, em meio ao período ditatorial, o imperativo é associado ao indicativo em 7% das ocorrências. Nos anos 80, esse número sobe para 51% das ocorrências. Ao desmembrarem tal década, as autoras percebem que, em 1983, esse número se encontra na faixa de 18% e, em 1985, há um *boom* que o faz crescer para 53%.

As autoras, então, propõem que esse resultado seria por conta do movimento Diretas Já!, ocorrido em 1984, que uniu partidos de oposição, artistas e milhões de simpatizantes em prol da volta do voto direto e da democracia. Para elas, “um acontecimento de tão grande proporção e intensidade não pode ter passado sem deixar marcas na língua, em especial na língua escrita, sejam estas no imperativo ou em outras estruturas do português brasileiro” (ANDRADE; MELO; SCHERRE, 2007, p. 5). Acreditamos, assim como elas, que a interrupção do período de repressão possa ter levado a um comportamento linguístico mais “afrouxado”, o que pode ter resultado no que foi observado aqui, no fenômeno do objeto direto anafórico.

Por fim, o peso relativo de 0.113 da década de 2010 é relevante para entendermos para qual direção o uso do clítico está indo nesta publicação. Somente 2,5% das ocorrências da amostra dessa sincronia são relativas a essa variante, índice menor ao que Duarte (1986) encontrou no vernáculo paulistano. Isso demonstra, portanto, um amplo desfavorecimento do clítico, sugerindo o desuso da variante nessa publicação.

Já quando rodamos os pronomes lexicais *versus* os demais preenchedores, fizemos a escolha de, nos anos 1970, as 3 ocorrências de pronome lexical serem contabilizadas para fins comparativos. Era esperado, por conseguinte, o alto desfavorecimento do pronome lexical nessa sincronia de análise, o que foi comprovado, como demonstra a Tabela 21 a seguir: o peso relativo nessa década é de somente 0.066.

TABELA 21 - Efeito da variável década de publicação na rodada do pronome lexical *versus* demais variantes do objeto direto anafórico. *Corpus* de revistas da Turma da Mônica

<b>Década de publicação</b>	<b>Frequência absoluta</b>	<b>Frequência relativa</b>	<b>Peso relativo</b>
1970	3	0,7%	0.066
1980	62	14,3%	0.707
1990	53	12,3%	0.622
2000	42	9,5%	0.622
2010	68	15,7%	0.692
Total	228	10,5%	
<i>Range</i>			641

O resultado dos anos de 1980 nessa rodada também se mostrou inesperado, já que mostra um claro favorecimento, com 0.707 de peso relativo, e diminui paulatinamente – embora sem demonstrar desfavorecimento – com 0.622 tanto em 1990, quanto em 2000. O aumento do peso relativo acontece na última sincronia analisada, 2010, assemelhando-se ao peso relativo encontrado para a década de 1980.

Assim como na análise do pronome clítico, não temos um motivo maior para esse comportamento linguístico. Apropriamo-nos, portanto, da hipótese relatada para a variante clítica: o fim da Ditadura Militar, em meados dos anos de 1980, e, por conseguinte, o período de redemocratização da política, fizeram com que algumas variantes que não eram consideradas de prestígio, como o pronome lexical, ficassem em evidência e tivessem mais casos, mostrando maior liberdade, também, no comportamento linguístico. Além disso, o pronome lexical, como já mencionado anteriormente, é considerado um “brasileirismo”, ao passo que o clítico seria uma característica do português europeu. Em momentos de luta política, como foi no período de redemocratização, é possível que tenha havido um movimento político – embora inconsciente – também na língua.

Já a ação da década de publicação sobre o SN mostra peso relativo oscilante, como é possível observar na Tabela 22.

TABELA 22 - Efeito da variável década de publicação na rodada do sintagma nominal *versus* demais variantes do objeto direto anafórico. *Corpus* de revistas da Turma da Mônica

<b>Década de publicação</b>	<b>Frequência absoluta</b>	<b>Frequência relativa</b>	<b>Peso relativo</b>
1970	140	31,8%	0.424
1980	218	50,3%	0.513
1990	196	45,5%	0.487
2000	193	43,9%	0.467
2010	237	54,7%	0.610
Total	984	45,2%	
<i>Range</i>			186

A única década que realmente favorece o uso dessa variante é a década de 2010, com 0.610 de peso relativo. Esse resultado pode ser explicado pela substituição do clítico como objeto direto pelas outras formas – o que também é mostrado na Tabela 20, que mostra um grande desfavorecimento do clítico nessa década, com 0.113 de peso relativo. A década de 1980 está bem pouco acima do ponto neutro, com 0.513 de peso relativo, portanto, não podemos falar em favorecimento, nem desfavorecimento.

Essa variável também se mostrou importante para a categoria vazia: somente a década de 1970 não favorece o uso de tal variante, o que pode ser entendido pelo fato de que, assim com as outras variantes analisadas, essa forma é substituta, no gênero em questão, do clítico acusativo de terceira pessoa – que, como mostrado na Tabela 20, está em declínio. Todas as outras sincronias, mesmo não ultrapassando o peso relativo de 0.60, mostram um favorecimento, como mostra a Tabela 23.

TABELA 23 - Efeito da década de publicação na rodada da categoria vazia *versus* demais variantes do objeto direto anafórico. *Corpus* de revistas da Turma da Mônica

<b>Década de publicação</b>	<b>Frequência absoluta</b>	<b>Frequência relativa</b>	<b>Peso relativo</b>
1970	57	13,0%	0.312
1980	106	24,5%	0.537
1990	113	26,2%	0.541
2000	141	32,0%	0.568

2010	117	27,0%	0.553
Total	534	24,5%	
Range			256

A partir do que vimos nas tabelas anteriores, a década de 1970 possui um comportamento distinto das demais sincronias analisadas. Por conta desse fato, resolvemos fazer uma rodada sem as ocorrências dessa década para ver como atuam as variáveis independentes. O resultado da seleção encontra-se no Quadro 5 a seguir:

QUADRO 5 - Ordem de seleção das variáveis por variante do objeto direto anafórico no *corpus* de revistas da Turma da Mônica com e sem as ocorrências da década de 1970

Variáveis independentes	Clítico		Lexical		SN		Cat. Vazia	
	COM	SEM	COM	SEM	COM	SEM	COM	SEM
Animacidade do antec.	3 <sup>o</sup>	3 <sup>o</sup>	2 <sup>o</sup>	1 <sup>o</sup>	X	X	1 <sup>o</sup>	1 <sup>o</sup>
Especificidade do antec.	7 <sup>o</sup>	X	7 <sup>o</sup>	6 <sup>o</sup>	5 <sup>o</sup>	3 <sup>o</sup>	X	X
Classe gramat. do antec.	X	X	X	X	x	X	6 <sup>o</sup>	6 <sup>o</sup>
Número do antecedente	8 <sup>o</sup>	X	X	X	X	X	X	3 <sup>o</sup>
Forma verbal	4 <sup>o</sup>	4 <sup>o</sup>	4 <sup>o</sup>	3 <sup>o</sup>	x	X	7 <sup>o</sup>	X
Estrutura sint. sentença	6 <sup>o</sup>	X	3 <sup>o</sup>	2 <sup>o</sup>	2 <sup>o</sup>	2 <sup>o</sup>	5 <sup>o</sup>	4 <sup>o</sup>
Função sintática do antec.	5 <sup>o</sup>	5 <sup>o</sup>	X	X	4 <sup>o</sup>	5 <sup>o</sup>	4 <sup>o</sup>	5 <sup>o</sup>
Local do personagem	-	X	6 <sup>o</sup>	5 <sup>o</sup>	6 <sup>o</sup>	6 <sup>o</sup>	X	X
Década de publicação	1 <sup>o</sup>	1 <sup>o</sup>	1 <sup>o</sup>	X	3 <sup>o</sup>	4 <sup>o</sup>	3 <sup>o</sup>	X
Distância entre referente e conseqüente	2 <sup>o</sup>	2 <sup>o</sup>	5 <sup>o</sup>	4 <sup>o</sup>	1 <sup>o</sup>	1 <sup>o</sup>	2 <sup>o</sup>	2 <sup>o</sup>

Em um comparativo com os resultados sem a presença dos dados da década de 1970, podemos constatar que o clítico é o que possui mais mudanças: de 8 variáveis selecionadas anteriormente, passa a somente 5 variáveis. A década de publicação continua sendo a mais importante para a escolha da variante, no entanto, a estrutura sintática da sentença, especificidade do antecedente e número do antecedente não foram selecionados.

A escolha das variáveis e sua ordem de seleção não apresentam muitas mudanças quanto ao uso do pronome lexical. A década de publicação, fator considerado o mais importante para a escolha da variável, não foi selecionado ao se retirar a década de 1970, que apresentava, somente, 3 casos de pronomes lexicais.

Ademais, com os dados de 1970, percebemos que a década de publicação é a terceira variável selecionada para o uso da categoria vazia. Sem essas ocorrências, no entanto, não há a seleção da década. O número do antecedente, por outro lado, era uma variável não selecionada e passou a ser a terceira mais importante para a escolha dessa variante.

Já na análise do SN, podemos ver que há, somente, uma mudança na ordem de escolha das variáveis. A década de publicação, que se mostrava como a terceira mais importante para a escolha dessa variante, passou a ocupar o quarto lugar entre seis variáveis.

*A priori*, conclui-se que o pronome clítico está em queda no *corpus* em análise, sendo substituído pelas demais formas, especialmente por sintagmas nominais anafóricos e categorias vazias. O pronome lexical mantém sua estabilidade a partir dos anos 80, fato também demonstrado em outras pesquisas.

Podemos perceber, ainda, que é a década de 1970 apresenta um comportamento diferenciado frente às outras sincronias. Sua atuação é relevante, em especial, no uso de pronomes clíticos e categorias vazias.

### **6.1.3 Distância entre referente e conseqüente**

Como já dito anteriormente, a variável aqui analisada, distância entre o referente e o conseqüente, possui uma novidade frente aos trabalhos que a analisaram (OMENA, 1978; BERBERT, 2015) anteriormente: os diálogos, nesse gênero, são mais curtos do que os observados em outros gêneros, como a entrevista sociolinguística. Por ter maior troca de turnos de fala, a medição por número de quadros ficaria mais viável e, também, mais produtiva, uma vez que cada quadro representa a continuidade da situação discursiva.

Ao analisarmos como a variável atua sobre as formas pronominais, é importante mencionar que nem Omena (1978), nem Berbert (2015) analisaram a influência desse fator sob o clítico acusativo a partir dos pesos relativos, o que podemos ver na Tabela 24 abaixo.

TABELA 24 - Efeito da variável distância entre referente e conseqüente na rodada do pronome clítico *versus* demais variantes do objeto direto anafórico. *Corpus* de revistas da Turma da Mônica

<b>Distância entre variante e antecedente</b>	<b>Frequência absoluta</b>	<b>Frequência relativa</b>	<b>Peso relativo</b>
Mesmo quadrinho	203	35,2%	0.723
1 ou 2 quadrinhos	195	17,5%	0.505
3 ou 4 quadrinhos	21	7,5%	0.219
5 ou 6 quadrinhos	7	6,7%	0.269
7 ou mais quadrinhos	5	4,9%	0.244
Total	431	19,8%	
<i>Range</i>			504

É interessante perceber que há uma diminuição no valor tanto das frequências relativas, quanto do peso relativo. Enquanto o favorecimento é grande quando está no mesmo quadrinho, com 0.723 de peso relativo, e ainda há favorecimento quando está a 1 ou 2 quadrinhos de distância, há um desfavorecimento enorme acima de 3 quadrinhos de distância: 0.219 para 3 ou 4 quadrinhos; 0.269 para 5 ou 6 quadrinhos e 0.244 para 7 ou mais quadrinhos.

Assim como o clítico acusativo, o pronome lexical apresenta um desfavorecimento gradativo quando se distancia do antecedente – passa de 0.599 quando a anáfora lexical está no mesmo quadrinho que o antecedente para 0.199 quando as formas estão a 7 ou mais quadrinhos de distância, como é possível observar na Tabela 25.

TABELA 25 - Efeito da variável distância entre referente e conseqüente na rodada do pronome lexical *versus* demais variantes do objeto direto anafórico. *Corpus* de revistas da Turma da Mônica

<b>Distância entre variante e antecedente</b>	<b>Frequência absoluta</b>	<b>Frequência relativa</b>	<b>Peso relativo</b>
Mesmo quadrinho	69	12,0%	0.598
1 ou 2 quadrinhos	124	11,1%	0.528
3 ou 4 quadrinhos	22	7,9%	0.362

5 ou 6 quadrinhos	9	8,7%	0.377
7 ou mais quadrinhos	4	3,9%	0.199
Total	228	10,5%	
<i>Range</i>			399

Esses resultados vão ao encontro das nossas hipóteses iniciais, de que as formas pronominais seriam mais favorecidas em curtas distâncias por conta da possibilidade de recuperar seu antecedente mais facilmente nas HQs.

Ao partirmos para a análise do SN anafórico, essa variável mostrou-se muito importante, visto que foi a primeira selecionada para a escolha da variante. Os resultados dos pesos relativos encontram-se na Tabela 26.

TABELA 26 - Efeito da variável distância entre referente e conseqüente na rodada do sintagma nominal *versus* demais variantes do objeto direto anafórico. *Corpus* de revistas da Turma da Mônica

<b>Distância entre variante e antecedente</b>	<b>Frequência absoluta</b>	<b>Frequência relativa</b>	<b>Peso relativo</b>
Mesmo quadrinho	100	17,3%	0.210
1 ou 2 quadrinhos	523	46,9%	0.524
3 ou 4 quadrinhos	196	70,0%	0.761
5 ou 6 quadrinhos	83	79,8%	0.834
7 ou mais quadrinhos	82	80,4%	0.833
Total	984	45,2%	
<i>Range</i>			624

Os resultados mostram um grande desfavorecimento quando estão antecedente e anáfora no mesmo quadrinho, ao contrário do que ocorre quando ambos estão a 1 ou 2 quadrinhos de distância. Quanto maior a distância, maior o favorecimento do uso dos SNs: 0.761 de peso relativo com 3 ou 4 quadrinhos de distância e acima de 0.830 com 5 ou mais quadrinhos de distância.

No entanto, o SN é a única forma favorecida em grandes distâncias. As formas pronominais só seriam favorecidas em distâncias menores, assim como a categoria vazia, como veremos a seguir.

Berbert (2015) já apontava que o antecedente e o conseqüente objeto nulo não ocorrem afastados por grandes distâncias. Nossos resultados apontam que essa variante sofre diminuição do peso relativo de acordo com o aumento da distância.

TABELA 27 - Efeito da variável distância entre referente e conseqüente na rodada da categoria vazia *versus* demais variantes do objeto direto anafórico. *Corpus* de revistas da Turma da Mônica

<b>Distância entre variante e antecedente</b>	<b>Frequência absoluta</b>	<b>Frequência relativa</b>	<b>Peso relativo</b>
Mesmo quadrinho	205	35,5%	0.689
1 ou 2 quadrinhos	272	24,4%	0.505
3 ou 4 quadrinhos	41	14,6%	0.356
5 ou 6 quadrinhos	5	4,8%	0.118
7 ou mais quadrinhos	11	10,8%	0.264
Total	534	24,5%	
<i>Range</i>			571

A partir do que já foi exposto sobre a Teoria da Acessibilidade (ARIEL, 1988), de que pronomes seriam retomados a curtas distâncias e descrições definidas, esse resultado nos leva à reflexão. Como se trata de um gênero configurado em quadros, anular o objeto em distâncias amplas faria com que, possivelmente, o leitor não retomasse cognitivamente o antecedente. Seria mais acessível, portanto, colocar o conseqüente mais próximo ao seu antecedente. Por isso, somente distâncias curtas favoreceriam o uso dessa variante – principalmente quando o antecedente e o conseqüente estão no mesmo quadrinho, com 0.689 de peso relativo.

Podemos concluir, portanto, que a Teoria da Acessibilidade, de Ariel (1988), que descreve que os pronomes seriam mais acessíveis quando estão a curtas distâncias de seus antecedentes, pode ser comprovada em nossa pesquisa. Também se confirma que, conforme proposto pela Teoria, descrições definidas – nesses casos, os SNs – referem-se, primordialmente, a antecedentes que não estão próximos. A categoria vazia seria favorecida em curtas distâncias por conta da dificuldade de acessar seu referente quando esse está distante.

## 6.2 VARIÁVEIS SELECIONADAS POR TRÊS VARIANTES



Apresentamos, nessa seção, as variáveis que mostraram-se importantes para a escolha de três das variantes do fenômeno do objeto direto. A ordem de seleção está descrita no Quadro 6 abaixo.

QUADRO 6 - Ordem de seleção das variáveis selecionadas por três variantes do objeto direto anafórico no corpus de revistas da Turma da Mônica

<b>Variáveis independentes</b>	<b>Clítico</b>	<b>Lexical</b>	<b>SN</b>	<b>Cat. Vazia</b>
<b>Animacidade do antecedente</b>	3 <sup>o</sup>	2 <sup>o</sup>	X	1 <sup>o</sup>
<b>Especificidade do antecedente</b>	7 <sup>o</sup>	7 <sup>o</sup>	5 <sup>o</sup>	X
<b>Forma verbal</b>	4 <sup>o</sup>	4 <sup>o</sup>	X	7 <sup>o</sup>
<b>Função sintática do antecedente</b>	5 <sup>o</sup>	X	4 <sup>o</sup>	4 <sup>o</sup>

### 6.2.1 Animacidade do antecedente

A variável animacidade, como já vimos, além de ser a mais recorrente em pesquisas sobre objeto direto anafórico, é a que possui resultados bastante similares: em quase todas as pesquisas, tanto na fala, quanto na escrita (OMENA, 1978; DUARTE, 1986; MALVAR, 1992; BERBERT, 2015; PEREIRA; COELHO, 2013; OTHERO *et al.*, 2018), as formas pronominais são favorecidas com antecedentes [+animado].

Segundo Cyrino (2006), um dos fatores para que esse traço seja tão importante para a escolha dessas variantes seria a Hierarquia de Referencialidade. De acordo com essa hierarquia, a referencialidade seria um traço relevante para pronominalização. Dessa forma, se o antecedente está em posição baixa em tal hierarquia, isto é, se é [-animado] [-específico], a chance de o objeto ser nulo é grande. Quando a situação é contrária, ou seja, quando há um antecedente [+animado] [+específico], ele está em posição alta e, portanto, as formas preenchidas seriam preferidas. É o que podemos observar na Tabela 28, com os resultados dessa variável sobre o pronome clítico.

TABELA 28 - Efeito da variável animacidade do antecedente na rodada do pronome clítico *versus* demais variantes do objeto direto anafórico. *Corpus* de revistas da Turma da Mônica

<b>Animacidade do antecedente</b>	<b>Frequência absoluta</b>	<b>Frequência relativa</b>	<b>Peso relativo</b>

[+animado +humano]	212	30,4%	0.616
[+animado –humano]	64	22,7%	0.637
[-animado]	155	12,9%	0.399
Total	431	19,8%	
<i>Range</i>			238

A variável animacidade do antecedente mostra, de maneira clara, que quando o antecedente é um ser [+animado], a retomada pelo pronome clítico é favorecida independente do traço [+/-humano], sendo a diferença dos fatores com ou sem este traço irrisória: 0.616 com o traço [+humano] e 0.637 com o traço [-humano].

No que tange ao pronome lexical, Omena (1978, p. 97) explica que, embora gênero gramatical e gênero biológico não tenham ligação lógica, alguns substantivos que designam pessoa e alguns animais possuem o gênero gramatical ligado ao traço do gênero sexual. A autora lembra que, em algumas línguas, há formas diferentes para designar humanos e não-humanos – como no inglês, que há as formas singulares *he*, *she* e *it*, os dois primeiros relativos a humanos, masculino e feminino, respectivamente, e o último para não-humano.

Para a pesquisadora, os falantes, ao usarem o pronome lexical como objeto direto, estabelecem a seguinte relação (OMENA, 1978, p. 97-98):

Ele (s) –  $\left[ \begin{array}{l} +\text{masculino} \\ +\text{humano} \end{array} \right]$

Ela (s) –  $\left[ \begin{array}{l} +\text{feminino} \\ +\text{humano} \end{array} \right]$

∅ –  $\left[ \begin{array}{l} +\text{masculino} \\ -\text{humano} \\ -\text{animado} \end{array} \right]$

Nossos resultados relativos a essa variante comprovam essa hipótese, uma vez que o traço [+animado] a favorece, principalmente quando cruzado com o traço [+humano], como podemos verificar na Tabela 29.

TABELA 29 - Efeito da variável animacidade do antecedente na rodada do pronome lexical *versus* demais variantes do objeto direto anafórico. *Corpus* de revistas da Turma da Mônica

<b>Animacidade do antecedente</b>	<b>Frequência absoluta</b>	<b>Frequência relativa</b>	<b>Peso relativo</b>
[+animado +humano]	116	16,6%	0.716
[+animado –humano]	54	19,1%	0.676
[-animado]	58	4,8%	0.331
Total	228	10,5%	
<i>Range</i>			385

Com a combinação dos traços semânticos [+animado +humano], o favorecimento é de 0.716 de peso relativo. Quando o antecedente é um animal, em que o traço semântico também é animado, também há um favorecimento do lexical, embora menor do que quando há o traço de [+humano], com 0.676 de peso relativo.

Já a categoria vazia é favorecida por um antecedente [-animado]. Esse resultado está presente também em nossa pesquisa, como mostra a Tabela 30.

TABELA 30 - Efeito da variável animacidade do antecedente na rodada da categoria vazia *versus* demais variantes do objeto direto anafórico. *Corpus* de revistas da Turma da Mônica

<b>Animacidade do antecedente</b>	<b>Frequência absoluta</b>	<b>Frequência relativa</b>	<b>Peso relativo</b>
[+animado +humano]	50	7,2%	0.248
[+animado –humano]	32	11,3%	0.310
[-animado]	452	37,8%	0.698
Total	534	24,5%	
<i>Range</i>			450

O traço semântico [-animado] favorece a categoria vazia com 0.698 de peso relativo. Mais do que isso, o traço semântico [humanidade] desfavorece muito esta variante, com 0.248 relacionado ao traço [+humano] e 0.310 relacionado ao traço [-humano].

Segundo Cyrino (2000, p. 618),

Quanto à ocorrência de objetos diretos nulos, os resultados confirmam as pesquisas sincrônicas e diacrônicas existentes: o objeto direto nulo do PB é preferencialmente [-animado] e ocorre em qualquer tipo de estrutura, seja ilha ou não. Mais importante, os resultados deste estudo confirmam assim os resultados provenientes de um *corpus* escrito (peças teatrais), mostrando que esse tipo de pesquisa pode revelar, da mesma forma, a situação da língua oral. Como diz Adams (1987), na verdade, os autores não podem mudar muito a sintaxe da língua escrita se querem ser entendidos.

Como em outras pesquisas, portanto, a animacidade é, no trabalho em tela, determinante para a escolha da variante do objeto direto anafórico. O antecedente com traço semântico [-animado -humano] favorece o uso da categoria vazia, enquanto o antecedente com traço semântico [+animado] favorece o uso das formas pronominais, independente do traço [+/-humano]. Acreditamos também que a forma do sintagma nominal não foi selecionada por essa variável porque retomam plenamente as características do antecedente – sendo, na maior parte das vezes, retomado por sua repetição –, o que o diferencia, por exemplo, em relação às formas pronominais, que variam de acordo com o gênero.

## 6.2.2 Especificidade do antecedente

A especificidade do antecedente mostrou-se significativa na escolha de três formas do objeto direto anafórico: as formas pronominais, clítico e lexical, e a categoria vazia.

A Hierarquia de Referencialidade, proposta por Cyrino (2006), já antes citada, mostra que a referencialidade é muito importante para a pronominalização das línguas e, portanto, alavancaria o uso dessas formas. Observemos a Tabela 31 que trata dessa variável sobre o pronome clítico.

TABELA 31 - Efeito da variável especificidade do antecedente na rodada do pronome clítico *versus* demais variantes do objeto direto anafórico. *Corpus* de revistas da Turma da Mônica

<b>Especificidade do antecedente</b>	<b>Frequência absoluta</b>	<b>Frequência relativa</b>	<b>Peso relativo</b>

[+específico]	397	20,5%	0.519
[+/- específico]	18	19,4%	0.433
[-específico]	16	10,5%	0.310
Total	431	19,8%	
<i>Range</i>			209

É possível verificar que há uma queda progressiva no peso relativo no *continuum* proposto. Se com o antecedente [+específico], o clítico é favorecido, com 0.519, com o antecedente [-específico], ele se encontra desfavorecido, com 0.310.

A outra forma pronominal, o pronome lexical, mostra resultado semelhante para essa variável. Berbert (2015) também havia encontrado que essa variante seria favorecida com o antecedente [+específico], o que é corroborado em nossa pesquisa: 0.525 de peso relativo, contra 0.378 quando o antecedente é [-específico], como mostra a Tabela 32 a seguir.

TABELA 32 - Efeito da variável especificidade do antecedente na rodada do pronome lexical *versus* demais variantes do objeto direto anafórico. *Corpus* de revistas da Turma da Mônica

<b>Especificidade do antecedente</b>	<b>Frequência absoluta</b>	<b>Frequência relativa</b>	<b>Peso relativo</b>
[+específico]	217	11,2%	0.525
[+/- específico]	3	3,2%	0.219
[-específico]	8	5,3%	0.378
Total	228	10,5%	
<i>Range</i>			306

O fator aqui denominado [+/-específico], caracterizado por estar em um grupo [+específico], mas o antecedente não é tão individualizado, sendo, portanto, [-específico], se mostrou desfavorecedora da retomada pelo pronome lexical. Essa, no entanto, mostrou-se importante para o uso do sintagma nominal anafórico, como mostra a Tabela 33.

TABELA 33 - Efeito da variável especificidade do antecedente na rodada do sintagma nominal *versus* demais variantes do objeto direto anafórico. *Corpus* de revistas da Turma da Mônica

Especificidade do antecedente	Frequência absoluta	Frequência relativa	Peso relativo
[+específico]	852	44,1%	0.486
[+/- específico]	54	58,1%	0.623
[-específico]	78	51,3%	0.599
Total	984	45,2%	
<i>Range</i>			137

Estruturas como a exposta a seguir favorecem o uso do sintagma nominal anafórico. Entendemos que o sintagma nominal, por ser uma descrição definida, nesse caso, deixaria mais claro qual o referente que deve ser acionado.

FIGURA 62 - Exemplo de ocorrência de sintagma nominal como objeto direto anafórico com antecedente com traço [+/-específico] no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: MÔNICA (1970, n. 05, p. 18)

(61) “Quanto *prisioneiros* como nós há por aqui?... Pois assim que eu colocar meu plano em execução, saia por aí, juntando **os prisioneiros!**”

Podemos concluir, dessa forma, que as formas pronominais são favorecidas por antecedentes [+específico], resultado que ratifica a proposta de Cyrino (2006) baseada na Hierarquia de Referencialidade. O sintagma nominal anafórico, por seu turno, mostrou-se favorecido pelo antecedente com traço semântico [+/-específico].

### 6.2.3 Forma verbal

A forma verbal mostrou-se importante para três das quatro formas do objeto direto anafórico: o pronome clítico, o pronome lexical e a categoria vazia. Duarte (1986) aponta em sua pesquisa que esse seria um dos fatores relevantes para a escolha, o que se comprovou em nosso estudo.

Corroborando os resultados da autora, as formas verbais que favorecem o uso do clítico acusativo são aqueles com infinitivo, com ou sem locução.

TABELA 34 - Efeito da variável forma verbal na rodada do pronome clítico *versus* demais variantes do objeto direto anafórico. *Corpus* de revistas da Turma da Mônica

<b>Forma verbal</b>	<b>Frequência absoluta</b>	<b>Frequência relativa</b>	<b>Peso relativo</b>
Loc. com infinitivo	173	27,2%	0.617
Infinitivo	110	21,1%	0.554
Imperativo	22	13,5%	0.420
Tempo simples	118	15,4%	0.414
Loc. com particípio	4	16,0%	0.353
Gerúndio	2	9,1%	0.340
Loc. com gerúndio	2	4,4%	0.187
Total	431	19,8%	
<i>Range</i>			430

Duarte (1986, p. 23), ao comentar o raro uso de clíticos, afirma que “não há dúvida de que é a forma verbal o fator que sustenta suas esporádicas ocorrências”. Esse resultado também é obtido por Berbert (2015), que constata que, na fala, esse é o único contexto verbal favorecedor dessa variante – o que também é comprovado em nossa pesquisa, visto que nenhuma outra forma verbal apresentou favorecimento para essa variante. Fundamentada nas pesquisas citadas, essa também era nossa hipótese, que se comprovou.

A forma verbal imperativa, por outro lado, favoreceria, segundo a autora, o pronome lexical, o que se confirmou em nossa pesquisa: 0.688 de peso relativo, como veremos na Tabela 35 abaixo.

TABELA 35 - Efeito da variável forma verbal na rodada do pronome lexical *versus* demais variantes do objeto direto anafórico. *Corpus* de revistas da Turma da Mônica

<b>Forma verbal</b>	<b>Frequência absoluta</b>	<b>Frequência relativa</b>	<b>Peso relativo</b>
Loc. com participio	5	20,0%	0.751
Imperativo	35	21,5%	0.688
Loc. com gerúndio	6	13,3%	0.643
Tempo simples	97	12,7%	0.583
Gerúndio	2	9,1%	0.515
Loc. com infinitivo	51	8,0%	0.416
Infinitivo	32	6,1%	0.394
Total	228	10,5%	
<i>Range</i>			357

As formas do imperativo “exprimem pedido, solicitação, convite, súplica, aviso, conselho, sugestão, exortação ou ordem” (ANDRADE; MELO; SCHERRE, 2007). Entendemos aqui que o uso dele associado ao objeto direto em forma de pronome lexical serviria para enfatizar a função que se deseja expressar – principalmente em contextos de ordem, bastante presentes nas revistas.

O tempo simples e a locução com gerúndio, que também se mostraram importantes na escolha dessa variante do objeto direto anafórico na pesquisa de Duarte (1986), obtiveram, de igual forma em nosso trabalho, favorecimento, com 0.583 e 0.643 de peso relativo, respectivamente.

Um comportamento diferente, no entanto, se dá com o uso de locução com participio antes do pronome lexical. Mesmo com as poucas ocorrências – ao todo, foram somente 5, em um total de 27 ocorrências com essa forma verbal em todo o *corpus* – o peso relativo mostra um grande favorecimento, com 0.751. Uma dessas cinco ocorrências está no exemplo abaixo:



FIGURA 63 - Exemplo de ocorrência de pronome lexical como objeto direto anafórico após verbos em locução com particípio no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: CEBOLINHA (2017, n. 24, p. 19)

(62) “Acho que *eles* não gostaram de você ter chamado **eles** de malucos!”

No tocante à categoria vazia, a partir das análises de Duarte (1986), entendemos que essa variante teria um grande número de ocorrências após todas as formas verbais. Malvar (1992) não encontra relevância em seus dados no quesito forma verbal ao opor formas preenchidas *versus* formas não-preenchidas, mas, na testagem das frequências relativas, também encontra grande uso de categoria vazia, independentemente da forma verbal que o antecede.

Em nossa pesquisa, no entanto, o resultado é diferente. Primeiro, como já citado outras vezes neste trabalho, não seria a categoria vazia a forma preferida para ocupar o objeto direto, mas sim o sintagma nominal. Nessas condições, seria o SN que, percentualmente, seria mais usado em todos os contextos – embora não favorecido em todos eles, como visto na Tabela 36.

TABELA 36 - Efeito da variável forma verbal na rodada da categoria vazia *versus* demais variantes do objeto direto anafórico. *Corpus* de revistas da Turma da Mônica

Forma verbal	Frequência absoluta	Frequência relativa	Peso relativo
Tempo simples	224	29,3%	0.562
Loc. com infinitivo	144	22,6%	0.500
Loc. com particípio	7	28,0%	0.486
Gerúndio	5	22,7%	0.475
Imperativo	37	22,7%	0.461
Loc. com gerúndio	10	22,2%	0.436
Infinitivo	107	20,5%	0.427

Total	534	24,5%	
<i>Range</i>			135

O tempo simples favorece a categoria vazia, com peso relativo de 0.562. Cabe ressaltar, entretanto, que os pesos são muito próximos, o que, de certa maneira, ratifica os resultados de Duarte (1986) e Malvar (1992), já que a diferença apresentada pelo *range* mostra que esse fator não é tão significativo para o uso dessa variante.

Podemos concluir que a forma verbal atua diferentemente sobre cada uma das variantes: o clítico é favorecido por verbos na forma infinitiva; o pronome lexical, após verbos no imperativo, por conta de sua função de exprimir ordem ou pedido. A categoria vazia, por seu turno, é favorecida após tempos simples – embora os pesos relativos revelem todas as formas verbais perto do ponto neutro, não desfavorecendo, totalmente, nenhuma delas.

#### 6.2.4 Função sintática do antecedente

No que tange à função sintática do antecedente, encontramos três variantes do objeto direto anafórico que selecionam essa variável como significativa para sua realização: o clítico acusativo, o sintagma nominal anafórico e a categoria vazia.

O clítico acusativo, a única forma pronominal escolhida por essa variável em nosso trabalho, possui grande favorecimento quando seu antecedente está em função sintática de sujeito, como apontam Soledade (2011) e Berbert (2015). Esse resultado é corroborado em nossa pesquisa, como 0.617 de peso relativo, como mostra a Tabela 37.

TABELA 37 - Efeito da variável função sintática do antecedente na rodada do pronome clítico *versus* demais variantes do objeto direto anafórico. *Corpus* de revistas da Turma da Mônica

<b>Função sintática do antecedente</b>	<b>Frequência absoluta</b>	<b>Frequência relativa</b>	<b>Peso relativo</b>
Sujeito	153	30,2%	0.617
Objeto direto	126	13,8%	0.412

Objeto indireto	15	15,8%	0.406
Adjunto	43	20,6%	0.526
Predicativo	30	27,0%	0.638
Tópico	15	28,3%	0.459
Outros	49	17,1%	0.538
Total	431	19,8%	
Range			211

Soledade (2011) também atesta que o antecedente em posição de adjunto seria favorecedor do clítico, como vemos no exemplo a seguir.

FIGURA 64 - Exemplo de ocorrência de clítico acusativo como objeto direto anafórico com antecedente em posição sintática de adjunto no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: ALMANAQUE DO CASCÃO (2015, n. 52, p. 19)

(63) “Ai! Eu estava errado! O mundo exterior não fez bem *pro meu filho...* Deixou-o ainda mais pirado!”

Resultado semelhante podemos ver em nossa pesquisa, que também atestou leve favorecimento do clítico nesse contexto, com 0.526. Maior favorecimento do que esse, no entanto, acontece quando o antecedente ocupa a função sintática de predicativo, como no exemplo a seguir:

FIGURA 65 - Exemplo de ocorrência de clítico acusativo como objeto direto anafórico com antecedente em posição sintática de predicativo no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: MÔNICA (2007, n. 10, p. 29)

(64) “Esta é a *última carta!* Quando eu colocá-la, vou quebrar o meu próprio recorde!”

Há, nessa função, o peso relativo de 0.638. O fator “outros” – que inclui, principalmente, vocativos – mostrou-se também favorecedora do pronome clítico, com 0.526 de peso relativo.

Partindo para a rodada do sintagma nominal, vemos um favorecimento quando o antecedente ocupa a função de OD, resultado também encontrado na pesquisa de Soledade (2011).

TABELA 38 - Efeito da variável função sintática do antecedente na rodada do sintagma nominal *versus* demais variantes do objeto direto anafórico. *Corpus* de revistas da Turma da Mônica

<b>Função sintática do antecedente</b>	<b>Frequência absoluta</b>	<b>Frequência relativa</b>	<b>Peso relativo</b>
Sujeito	196	38,7%	0.453
Objeto direto	444	48,5%	0.529
Objeto indireto	61	64,2%	0.688
Adjunto	103	49,3%	0.549
Predicativo	42	37,8%	0.426
Tópico	16	30,2%	0.470
Outros	122	42,5%	0.423
Total	984	45,2%	
<i>Range</i>			265

Há, portanto, com antecedente em função sintática de objeto direto, 0.529 de peso relativo. O antecedente em posição de objeto indireto, no entanto, mostrou-se ainda mais favorecedor do SN, com 0.688 de peso relativo, como no Exemplo 65.

FIGURA 66 - Exemplo de ocorrência de sintagma nominal como objeto direto anafórico com antecedente em posição sintática de objeto indireto no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: CHICO BENTO (1986, n. 112, p. 17)

(65) “Não assisti ao *jogo!* .... Melhor eu procurar outro cachorro pra comentar o **jogo!**”

Quanto à categoria vazia, devemos levar em conta que, segundo Omena (1978, p. 99), o apagamento ocorreria de forma propícia quando “constitui um item com função idêntica na outra oração”. Os nossos resultados corroboram com a análise da autora, como é observado na Tabela 39 a seguir.

TABELA 39 - Efeito da variável função sintática do antecedente na rodada da categoria vazia *versus* demais variantes do objeto direto anafórico. *Corpus* de revistas da Turma da Mônica

Função sintática do antecedente	Frequência absoluta	Frequência relativa	Peso relativo
Sujeito	80	15,8%	0.431
Objeto direto	276	30,1%	0.537
Objeto indireto	10	10,5%	0.299
Adjunto	42	20,1%	0.418
Predicativo	30	27,0%	0.565
Tópico	17	32,1%	0.567
Outros	79	27,5%	0.598
Total	534	24,5%	
<i>Range</i>			299

Encontramos um favorecimento da categoria vazia quando o antecedente ocupa o lugar de objeto direto: 0.537 de peso relativo. Há também um claro favorecimento

quando o antecedente ocupa a função de predicativo, com 0.565 de peso relativo, além da função de tópico e outros, como o vocativo.

Em suma, as duas formas não-pronominais – a categoria vazia e o SN – são favorecidas quando os antecedentes se encontram em função de objeto direto. A grande diferença entre elas é que a primeira é bastante desfavorecida quando seu antecedente está em função de objeto indireto, enquanto o SN é altamente favorecido com tal antecedente. Já o clítico acusativo é mais favorecido quando seu antecedente se encontra em posição de sujeito na oração.

### 6.3 VARIÁVEL SELECIONADA POR DUAS VARIANTES

Nesta seção, mostraremos os resultados referentes à variável localidade do personagem, que foi escolhida por duas das variantes do objeto direto anafórico de terceira pessoa: o pronome lexical e o sintagma nominal. A ordem de seleção encontra-se no Quadro 7 abaixo.

QUADRO 7 - Ordem de seleção da variável selecionada por duas variantes do objeto direto anafórico no *corpus* de revistas da Turma da Mônica

Variáveis independentes	Clítico	Lexical	SN	Cat. Vazia
Localidade do personagem	X	6º	6º	X

#### 6.3.1 Localidade dos personagens

O fato de a variável “localidade do personagem” ter sido selecionada nas variantes anafóricas do objeto direto pronome lexical e sintagma nominal diz muito sobre como as revistas em quadrinhos que analisamos escolhem as formas que vão usar a depender em qual núcleo o personagem se encontra.

Observe a Tabela 40.

TABELA 40 - Efeito da variável localidade do personagem na rodada do pronome lexical *versus* demais variantes do objeto direto anafórico. *Corpus* de revistas da Turma da Mônica

<b>Localidade do personagem</b>	<b>Frequência absoluta</b>	<b>Frequência relativa</b>	<b>Peso relativo</b>
Urbano	179	9,2%	0.476
Rural	49	20,3%	0.686
Total	228	10,5%	
<i>Range</i>			210

Nela, podemos identificar um maior favorecimento do pronome lexical no meio rural, com 0.686. Se partirmos dos resultados encontrados no trabalho de Malvar (1992, p. 133), que encontra uma não-oposição entre rural e urbano em sua pesquisa com crianças de ambas as regiões – mostrando que ambos os grupos favoreceriam o pronome lexical –, podemos concluir que a revisão textual da Turma do Chico Bento acaba “forçando” um comportamento linguístico com variantes consideradas estigmatizadas, o que era nossa hipótese inicial. A fala rural teria uma avaliação social por parte dos autores das revistas, tendo, portanto, o falar caipira uma representação estereotipada, como cita Casella (2016, p. 26):

É parte integrante, nessas caracterizações do caipira [...], a chamada fala caipira, direta ou indiretamente apresentada. Não a fala real, mas uma “fala artística” que se pretende representativa desta variedade linguística, geralmente desprestigiada e tradicionalmente tida como “primitiva”, “estropiada” e “errada”.

No entanto, o que é enfatizado como “erro” nas histórias desse personagem é o que realmente faz parte do vernáculo do PB em qualquer região, como já visto anteriormente na seção 3.2.1 desse trabalho.

Outra variante favorecida quando o núcleo do personagem é o meio rural é o sintagma nominal anafórico, como visto na Tabela 41 a seguir.

TABELA 41 - Efeito da variável localidade do personagem na rodada do sintagma nominal *versus* demais variantes do objeto direto anafórico. *Corpus* de revistas da Turma da Mônica

<b>Localidade do personagem</b>	<b>Frequência absoluta</b>	<b>Frequência relativa</b>	<b>Peso relativo</b>
---------------------------------	----------------------------	----------------------------	----------------------

Urbano	840	43,4%	0.488
Rural	144	59,8%	0.591
Total	984	45,2%	
<i>Range</i>			103

O fato de o meio rural favorecer os sintagmas nominais pode ser explicado, segundo nossa hipótese inicial, pelo não aparecimento do clítico acusativo na função de objeto direto anafórico em tal localidade.

Como já visto anteriormente, as revistas em quadrinhos da Turma da Mônica mantêm, de certa forma, o uso do clítico, considerada a variante de prestígio pelas gramáticas normativas. Os clíticos, entretanto, estão ausentes nas revistas com personagens da Turma do Chico Bento. Seria, portanto, uma forma de demonstrar que os ditos “caipiras” não teriam proximidade linguística com a variedade urbana – o que não é verdade, já que o clítico é uma forma de uso praticamente nulo no PB, seja em áreas urbanas ou rurais. Em nosso trabalho, no entanto, é provável que, por conta desses fatores, as demais variantes sofram um aumento.

#### 6.4 VARIÁVEIS SELECIONADAS POR UMA VARIANTE

As duas variáveis que delinearemos os resultados a seguir, a classe gramatical do antecedente e o número do antecedente, só foram selecionadas como importantes na escolha de uma das formas do objeto direto anafórico: a primeira mostrou-se relevante para a realização do vazio e a outra para a realização do pronome clítico. O Quadro 8 traz a ordem de seleção das variáveis.

QUADRO 8 - Ordem de seleção das variáveis selecionadas por uma variante do objeto direto anafórico no *corpus* de revistas da Turma da Mônica

<b>Variáveis independentes</b>	<b>Clítico</b>	<b>Lexical</b>	<b>SN</b>	<b>Cat. Vazia</b>
<b>Classe gramatical do antecedente</b>	X	X	X	6º
<b>Número do antecedente</b>	8º	X	X	X



### 6.4.1 Classe gramatical antecedente

Omena (1978, p. 100) afirma que “falantes tendem mais a usar o pronome objeto, quando antes já aparece uma sequência de nomes e/ou pronomes”. A autora conclui que influencia, nesse caso, o mecanismo enfático da repetição.

Scherre (1998), baseada nesse e em outros estudos, desmistifica o princípio da economia, em que se alega que há uma lei do menor esforço quando alguns elementos são apagados. Para a autora, embora a discussão seja ampla e inacabada, há, na repetição, uma comprovação para o fenômeno do paralelismo, ora mecanicamente, com repetição de formas semelhantes, ora de maneira formal, em que “mostra que os falantes são compelidos a usar formas semelhantes por algum princípio mental associativo” (SCHERRE, 1988 *apud* SCHERRE, 1998, p. 42).

Nossa pesquisa comprova o paralelismo entre as classes gramaticais na relação entre antecedente e conseqüente em apenas uma das variantes. A Tabela 42 a seguir apresenta os resultados relativos à categoria vazia, que atesta o paralelismo entre as formas.

TABELA 42 - Efeito da variável classe gramatical do antecedente na rodada da categoria vazia *versus* demais variantes do objeto direto anafórico. *Corpus* de revistas da Turma da Mônica

<b>Classe gramatical do antecedente</b>	<b>Frequência absoluta</b>	<b>Frequência relativa</b>	<b>Peso relativo</b>
Substantivo	480	24,7%	0.485
Pronome	32	17,3%	0.613
Vazio	22	46,8%	0.652
Total	534	24,5%	
<i>Range</i>			167

Com 0.652 de peso relativo, comprova-se que um antecedente vazio favorece uma retomada igualmente vazia, o que comprova o paralelismo. Esta também é favorecida por formas pronominais, como mostrado no exemplo a seguir.

FIGURA 67 - Exemplo de ocorrência de categoria vazia como objeto direto anafórico com antecedente pronome no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: CHICO BENTO (2006, n. 465, p. 49)

(66) “E, depois, acho que *ela* é um tanto grandinha pra alguém pegar  $\emptyset$  e levar  $\emptyset$ !”

Em uma breve pesquisa, pudemos conferir que só ocorre esse tipo de situação – de retomada por categoria vazia quando o antecedente é um pronome – quando o antecedente e o conseqüente estão no mesmo quadrinho ou até dois quadros de distância. Ao fazermos a tabulação cruzada, comprovamos esse resultado: somente nos contextos em que o antecedente pronome está no mesmo quadrinho ou a um a dois quadros de distância do conseqüente é que há retomada pelo pronome clítico – tendo esse 28% das ocorrências na categoria vazia e, aquele, 15% das ocorrências, como pode-se observar na Tabela 43.

TABELA 43 – Tabulação cruzada percentual das variáveis classe gramatical do antecedente e distância entre referente e conseqüente na rodada da categoria vazia *versus* demais variantes do objeto direto anafórico. *Corpus* de revistas da Turma da Mônica

Distância entre referente e conseqüente	Antecedente na classe gramatical pronome	
	n/N	%
Mesmo quadrinho	18/64	28,0%
1 ou 2 quadrinhos	14/93	15,0%
3 ou 4 quadrinhos	0/17	0,0%
5 ou 6 quadrinhos	0/6	0,0%
7 ou mais quadrinhos	0/5	0,0%
Total	32/185	17%

Esse resultado, segundo Scherre (1998, p. 30), seria um exemplo do princípio da economia ou princípio da quantidade que, para a autora, são “estabelecidos para dar

conta da tendência de eliminar ou codificar menos o que é mais previsível e de reter ou codificar mais o que é menos previsível”.

Em nosso trabalho, portanto, comprovamos o paralelismo entre a forma que selecionou essa variável. Esse resultado se dá por conta de um princípio de repetição das formas, já analisado por Scherre (1998).

#### 6.4.2 Número do antecedente

A variável número do antecedente foi selecionada como importante somente para a escolha do clítico acusativo de terceira pessoa, sendo, no entanto, a última variável para essa variante.

TABELA 44 - Efeito da variável número do antecedente na rodada do pronome clítico *versus* demais variantes do objeto direto anafórico. *Corpus* de revistas da Turma da Mônica

<b>Classe gramatical do antecedente</b>	<b>Frequência absoluta</b>	<b>Frequência relativa</b>	<b>Peso relativo</b>
Singular contável	353	19,1%	0.483
Sing. não-contável	3	6,8%	0.440
Plural	75	26,2%	0.616
Total	431	19,8%	
<i>Range</i>			176

Berbert (2015) não analisou a influência dessa variável sob o clítico, somente para a outra forma pronominal, o pronome lexical. Observou, na ocasião, que os antecedentes com a forma de singular contável favoreceriam o uso de tal variante por serem, na maior parte das vezes, mais específicos, menos generalizados. Se levarmos em conta que as formas pronominais no trabalho aqui apresentado possuem comportamentos semelhantes, nossos resultados vão de encontro aos da autora: a partir da Tabela 44, podemos concluir que são os antecedentes plurais que favorecem o uso do pronome clítico, como os do Exemplo 67.

FIGURA 68 - Exemplo de ocorrência de pronome clítico como objeto direto anafórico com antecedente plural no *corpus* de revistas da Turma da Mônica



Fonte: AS PRIMEIRAS HISTÓRIAS DA MÔNICA (2002, p. 137)

(67) “Dois *meninos*... Dentro do pneu!!! ... Eu **os** conheço!...”

Em uma breve pesquisa pelas ocorrências do *corpus*, percebemos que a maior parte dos antecedentes plurais retomados pela variante clítica possui o traço [+específico]. Portanto, podemos considerar que, nas revistas investigadas, a retomada por plural prefere ser feita a partir da forma clítica.

Após as análises aqui demonstradas, partimos para as considerações finais do nosso trabalho.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Propomo-nos, nessa pesquisa, a analisar o objeto direto anafórico de terceira pessoa tendo como *corpus* as revistas da Turma da Mônica de sincronias distintas, passando pelos anos de 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010, tratando-se assim de um estudo baseado na premissa do tempo real. Nossa hipótese inicial era a de que, como alguns estudos baseados na fala apontam (OMENA, 1978; DUARTE, 1986; MALVAR, 1992; BERBERT, 2015), haveria uma queda do número de pronomes clíticos, que ruma, no vernáculo do PB, para o desaparecimento.

Para esse fim, valemo-nos do referencial teórico da Sociolinguística Variacionista (LABOV (2008 [1972]) e do auxílio de programas estatísticos como o GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) e encontramos, ao todo, 2219 ocorrências, das quais 19,4% eram de pronome clítico, 10,3% de pronome lexical, 44,4% de sintagma nominal e 24,1% de categoria vazia.

Mesmo com o alto percentual de pronome clítico frente ao encontrado em outras pesquisas, percebemos, a partir da análise das décadas, que havia um declínio no uso dessa variante: enquanto na década de 1970, o peso relativo era de 0.868, na década de 2010 era de somente 0.113. As variáveis que favorecem o pronome clítico são, além do ano de publicação da revista, o traço semântico do antecedente ser [+animado +específico], o antecedente ocupar a posição de sujeito, adjunto ou predicativo e estar no plural e quando a retomada está em uma oração com estrutura V+OD+Sprep e V+OD+oração. Além disso, o antecedente e a anáfora devem estar em distâncias curtas um outro, no mesmo quadrinho ou a 1 ou 2 quadrinhos de distância.

A distância entre referente e conseqüente, inclusive, é um fator que fortemente contribui na escolha dos objetos diretos anafóricos de terceira pessoa. A variável foi selecionada pelas quatro formas do objeto direto e possui resultados interessantes – enquanto distâncias curtas favorecem as formas pronominais, as longas distâncias favorecem o sintagma nominal. Esse fator já havia sido analisado por Ariel (1987) e comprovou-se no trabalho aqui apresentado.

No tocante ao pronome lexical, a forma considerada “erro” pelas gramáticas prescritivas, podemos dizer que seu uso é estável como objeto direto no vernáculo brasileiro e também nas revistas em quadrinho, apesar de sofrer um aumento de 15% entre as décadas de 1970 para a década de 2010. Cumpre destacar que na década de 1970 há apenas 3 ocorrências dessa variante. Os contextos favorecedores dessa forma são o antecedente com traço semântico [+animado] e [+específico], estruturas sintáticas complexas, verbos em tempo simples, locução com gerúndio e tempos compostos (verbo+verbo no particípio), além de ser mais vista nas revistas da Turma do Chico Bento, que faz uso da variedade rural da língua.

A questão da localidade do personagem é outro ponto interessante abordado no presente trabalho. Além do pronome lexical, o sintagma nominal é outra variante favorecida pela localidade rural dos personagens. Esse resultado, no entanto, vai de encontro ao vernáculo da língua, visto que ambas as localidades, rural e urbana, favorecem o uso de ambas as variantes, como mostra Malvar (1992). Constatamos, portanto, que o uso do pronome lexical é uma forma de os editores mostrarem que o núcleo da zona rural faz mais uso de variantes consideradas estigmatizadas e que o uso do sintagma nominal seria a forma usada para que, mesmo com uso de pronome lexical, esse não fosse o preferido pelos personagens – já que ainda há uma grande pressão da norma-padrão sobre as revistas, principalmente as mais antigas.

O sintagma nominal anafórico é a variante mais usada em nossa pesquisa, o que a diferencia dos resultados obtidos nas pesquisas baseadas na fala, que retratam maior uso da categoria vazia. Acreditamos que esse resultado se dê por conta do gênero textual com que trabalhamos, a história em quadrinhos. Por ser formado em quadros, a retomada anafórica – principalmente as mais distantes – seriam mais fáceis caso o antecedente fosse repetido ou mesmo adaptado, mas de forma nominal. É um recurso, portanto, de acessibilidade da memória. Além do fator entre a distância maior e a localidade do personagem, há outros fatores que favorecem o uso do SN: as décadas de publicação – essa que mostrou um favorecimento da variante a partir de 1980 –, o antecedente cuja função é de objeto ou tópico, em estruturas V+OD e V+OD+predicativo do objeto.

O paralelismo entre as formas ocorre somente na categoria vazia. Um antecedente vazio favorece uma categoria vazia. Um antecedente pronome também se mostrou

favorecedor dessa forma. Além disso, a categoria vazia possui frequência relativa constante na nossa pesquisa – em torno de 24% a 32% –, exceto na década de 1970 – sendo esta a única sincronia que desfavorece seu uso. Outros contextos que a favorecem são o antecedente [-animado] – como já descreveu Cyrino (1997, 2000) –, ser retomado em orações com estrutura simples, distâncias curtas entre referente e conseqüente, antecedente cuja função é de objeto direto e predicativo e após tempos simples e locução com infinitivo.

Descritos todos os contextos que valorizam o uso de cada uma das variantes, finalizamos a dizer que, de fato, o clítico acusativo está caindo em desuso tanto na língua falada, quanto nos quadrinhos, de 54% na década de 1970 para 2,5% na década de 2010.

De todo modo, espera-se que o trabalho aqui apresentado seja de grande importância para futuros estudos sobre o fenômeno em questão e a Sociolinguística Variacionista.

## REFERÊNCIAS

---

- ADAM, Jean-Michel. **Textos: tipos e protótipos**. São Paulo: Contexto, 2019.
- AMARAL, Amadeu. O dialeto caipira. São Paulo: Parábola Editorial, 2020 [1920].
- ANDRADE, Carolina Queiroz; MELO, Fernanda Gláucia de Moura; SCHERRE, Maria Marta Pereira. História e variação linguística: um estudo em tempo real do imperativo gramatical em revistas em quadrinhos da Turma da Mônica. **Jornal Finos Leitores**, Brasília, n. 1, p. 1-12, 2007.
- ARIEL, Mira. Referring and accessibility. **Journal of Linguistics**, Cambridge, v. 24, n. 1, p. 67-87, 1988.
- BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BATISTOTI, Vitória. Mauricio de Sousa: conheça a trajetória do criador da Turma da Mônica. **Revista Galileu**, São Paulo, 11 de maio de 2018. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2018/05/mauricio-de-sousa-conheca-trajetoria-do-criador-da-turma-da-monica.html>. Acesso em 17 ago. 2020.
- BASSO, Renato Miguel; GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. **História concisa da língua portuguesa**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.
- BEAUGRANDE, Robert de. **New Foundations for a Science of Text and Discourse: Cognition, Communication, and the Freedom of access to Knowledge and Society**. Norwood: Ablex, 1997.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2015.
- BENINCÁ, Ludimilla Rupf; YACOVENCO, Lilian Coutinho. “Me dá um sinal”: que norma opera na colocação dos clíticos pronominais no PB em gêneros do domínio jornalístico? **Revista da Complutense de Madrid**. Madrid, 2020. No prelo.
- BERBERT, Aline Tomáz Fonseca Lauer. **Não o vejo mais em Vitória: a substituição do clítico acusativo de terceira pessoa na fala de Vitória**. 110 f. Dissertação



(Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

BLAZOLLI, Caroline Carnielli. A colocação pronominal à luz das relações entre a variação e mudança linguística e gêneros textuais. In: ABRALIN, 2009. João Pessoa.

**Anais.** Disponível em:

[http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN\\_2009/PDF/Caroline%20Carnielli%20Blazolli.pdf](http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009/PDF/Caroline%20Carnielli%20Blazolli.pdf). Acesso em: 26 mai. 2019.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Do campo para a cidade:** estudo sociolinguístico de migração e redes sociais. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

CAPISTRANO JÚNIOR, Rivaldo; ELIAS, Vanda Maria. A Linguística Textual e os estudos linguísticos. In: LINS, Maria da Penha Pereira; CAPISTRANO JÚNIOR, Rivaldo; MARLOW, Rosani Muniz. (orgs.). **O lugar na linguística:** percursos de uma (r)evolução. Vitória: PPGEL Ufes/GM Gráfica e Editora, 2019.

CASELLA, César Augusto de Oliveira. A representação da variação linguística em tirinhas do Chico Bento. **Temporis[ação]**, Goiânia, v.16, n. 2, p. 82-96, 2016.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Gramática do português brasileiro.** São Paulo: Contexto, 2019.

CHOMSKY, Noam. **Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente.** São Paulo: Editora UNESP, 2005 [2000].

COELHO *et al.* **Para Conhecer Sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 2015.

COSTA, Maria Helenice Araújo. **Acessibilidade de referentes:** um convite à reflexão. 213 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo.** Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

CYRINO, Sônia Maria Lazzarini. **O objeto nulo no português do Brasil.** Londrina: Editora da UEL, 1997.

\_\_\_\_\_. Elementos nulos pós-verbais no português brasileiro oral contemporâneo. In: MOURA NEVES, Maria Helena de (org.). **Gramática do Português Falado**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2000.

\_\_\_\_\_. Algumas questões sobre a Elipse de VP e Objeto Nulo em PB e PE. In: GUEDES, Marymarcia; BERLINCK, Rosane de Andrade; MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. (orgs.). **Teoria e análise linguísticas: novas trilhas**. Araraquara: Laboratório Editorial FCL/UNESP, 2006.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. **Variação e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil**. 73 f. Dissertação (Mestrado em Ciências – Linguística Aplicado ao Ensino de Línguas). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1986.

\_\_\_\_\_; FREIRE, Gilson Costa. Como a escrita padrão recupera formas em extinção e implementa formas inovadoras. In: PAIVA, Maria da Conceição de; GOMES, Christina Abreu (orgs.). **Dinâmica da variação e da mudança na fala e na escrita**. Rio de Janeiro: Contra Capa/Faperj, 2015.

DIONISIO, Ângela Paiva. Gêneros Textuais e Multimodalidade. In: KARWOSKI, Ácir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

ECKERT, Penelope. **Linguistic Variation as Social Practice**. Oxford: Blackwell, 2000.

FERNANDES, Geisa. 50 anos do golpe militar no Brasil. O que as histórias em quadrinhos têm a ver com isso? In: 3as Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos, 2015. São Paulo. **Anais Eletrônicos**. Disponível em:

[http://www2.eca.usp.br/jornadas/anais/3asjornadas/artigos.php?artigo=artigo\\_080620150957012.pdf](http://www2.eca.usp.br/jornadas/anais/3asjornadas/artigos.php?artigo=artigo_080620150957012.pdf). Acesso em: 20 set. 2019.

FOEGER, Camila Candeias. **A primeira pessoa do plural no português falado em Santa Leopoldina /ES**. 166 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana. **Sociolinguística Quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato Miguel. **O português da gente**: a língua que estudamos, a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2006.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

\_\_\_\_\_. **Principles of linguistic change**: internal factors. Oxford: Blackwell, 1994.

LINS, Maria da Penha Pereira. **O tópico discursivo em textos de quadrinhos**. Vitória: Edufes, 2008.

\_\_\_\_\_. O texto de quadrinhos e o *continuum* oral/escrito. **Cadernos do CNLF**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 957-967, 2009.

LOPES, Lays de Oliveira Joel. **A concordância nominal de número no português falado na zona rural de Santa Leopoldina/ES**. 200 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

\_\_\_\_\_. **“As história são boa. As pessoas, maravilhosa”**: análise da variação da concordância verbal e nominal na zona rural de Santa Leopoldina/ES. 364 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2020.

MALVAR, Elizabete da Silva. **A realização do objeto direto de 3ª pessoa em cadeia anafórica no português do Brasil**. 162 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade de Brasília, Brasília, 1992.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007 [2002].

\_\_\_\_\_. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

\_\_\_\_\_. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2010.

MASSARIOL, Carolyn Batista. **A expressão do sujeito pronominal em cartas e postais capixabas do século XX**. 135 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.

MATTOSO CÂMARA, Joaquim. **Dispersos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972.

MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007 [2002].

MEYERHOFF, Miriam. **Introducing Sociolinguistics**. Nova York: Routledge, 2006.

NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2017.

NUNES, Jairo Morais. Direção de clitização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary Aizawa (orgs.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

OMENA, Nelize Pires de. **Pronome pessoal de terceira pessoa: suas formas variantes em função acusativa**. 139 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1978.

OTHERO *et al.* Objeto nulo e pronome pleno na retomada anafórica em PB: uma análise em *corpora* escritos com característica de fala. **Revista da Anpoll**, Florianópolis, v. 1, n. 45, p. 69-89, 2018.

PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. **Mudança Linguística em Tempo Real**. Rio de Janeiro: Contra Capa/Faperj, 2003.

\_\_\_\_\_. Mudança em tempo real e em tempo aparente. In: MOLLICA, Maria Cecília; FERRAREZI JUNIOR, Celso (orgs.). **Sociolinguística, sociolinguísticas**. São Paulo: Contexto, 2016.

PEREIRA, Ivelã; COELHO, Izete Lehmkuhl. O uso variável das formas anafóricas no acusativo. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 147-185, 2018.

RAMOS, Paulo Eduardo. **Tiras cômicas e piadas**: duas leituras, um efeito de humor. 431 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

\_\_\_\_\_. **Tiras no ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora José Olympio, 2011.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali; SMITH, Eric. **GoldVarb X - a multivariate analysis application**. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em:

<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acesso em: 20 set. 2020.

SANTOS, Tamilly Costa. Variação da primeira pessoa do plural nós e a gente no telejornal Balanço Geral/ES. In: Jornada de Iniciação Científica, 11, 2020. Vitória. **Anais eletrônicos**. Disponível em: [http://portais4.ufes.br/posgrad/anais\\_jornada\\_ic/](http://portais4.ufes.br/posgrad/anais_jornada_ic/). Acesso em: 18 de jan. de 2021.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2008 [1916].

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Paralelismo linguístico. **Revista Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte, v.7, n. 2, p. 29-59, 1998.

\_\_\_\_\_; YACOVENCO, Lilian Coutinho; SCARDUA, Juliana Rangel. A alternância tu e você: cartas capixabas. **Confluência**, Rio de Janeiro, n. 54, p. 9-25, 2018.

SOLEDADE, Carolina de La Vega. Realizações de objeto direto anafórico de terceira pessoa em cartas de ilustres do século XIX. **Estudo Linguísticos**, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 434-444, 2011.

SOUSA, Vinícius Afonso Catazano. A expressão do sujeito pronominal no domínio jornalístico capixaba. In: Jornada de Iniciação Científica, 9, 2018. Vitória. **Anais**

**eletrônicos**. Disponível em: [http://portais4.ufes.br/posgrad/anais\\_jornada\\_ic/](http://portais4.ufes.br/posgrad/anais_jornada_ic/).

Acesso em: 07 de nov. de 2020.

TAGLIAMONTE, Sali. **Analysing sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

TARALLO, Fernando. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'áquem e d'além-mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary Aizawa (orgs.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

YACOVENCO *et al.* Projeto Portvix: a fala de Vitória/ES em cena. **Alfa: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 56, n. 3, p. 771-806, 2012.

ZANELATO, Carolina Amorim. Objeto direto anafórico: uma pesquisa em tempo real nas revistas da Turma da Mônica. In: Jornada de Iniciação Científica, 8, 2017. Vitória. **Anais eletrônicos**. Disponível em:

[http://portais4.ufes.br/posgrad/anais\\_jornada\\_ic/](http://portais4.ufes.br/posgrad/anais_jornada_ic/). Acesso em: 28 de mai. de 2020.

\_\_\_\_\_. Objeto direto anafórico e as revistas do Chico Bento: uma análise dos anos 80, 2017 e Chico Bento Moço. In: Jornada de Iniciação Científica, 9, 2018. Vitória.

**Anais eletrônicos**. Disponível em: [http://portais4.ufes.br/posgrad/anais\\_jornada\\_ic/](http://portais4.ufes.br/posgrad/anais_jornada_ic/).

Acesso em: 28 de mai. de 2020.